

Oh Maria concebida sem pecado, rogai por nós que recorremos à Vós. Amem

Paulo Coelho

O Aleph

*Certo homem nobre partiu para uma terra remota,
a fim de tomar para si um reino e voltar depois.*

Lucas, 19:12

text
Boys (backyr
pl Professional)

3

4

Para J. que me mantém caminhando,
S.J. que me mantém ^{protegido,} protegendo,
Hilal, pelo perdão na igreja em NS.

Substituto tudo

* É eu aqui que quero seguir uma via radical e seguir a via que me faz feliz. Não quero a vida que me dá o trabalho? Não quero a vida que me dá o trabalho?

Rei do meu reino

Não!

Sra. Querendo a minha vida, não consigo fazer o que quero. Quando eu vou para fora, sempre.

De novo um ritual? De novo invocar as forças invisíveis para que se manifestem no mundo visível? Quanto tempo precisarei repetir isso até que passe a fazer definitivamente parte de mim? O que tem isso a ver com o mundo em que vivemos hoje? Os alunos da universidade e as coisas que eu vejo, o celular se

Esperava outra coisa depois de tantos anos de aprendizado: consciência, alegria e paz. Não estou alegre. contente. Não estou em paz; vez por outra entro em grandes conflitos comigo mesmo, que podem durar meses. E os momentos em que mergulho na percepção de uma realidade paralela duram apenas alguns segundos. O suficiente para saber que este outro mundo existe, e o bastante para me deixar frustrado por não conseguir absorver tudo que aprendo.

Mas eu fico quieto. Quando acabar o ritual, irei conversar seriamente com ele. Nós dois colocamos as mãos no tronco do carvalho sagrado.

J. diz uma prece sufi:

"O Deus, quando presto atenção nas vozes dos animais, no ruído das árvores, no murmúrio das águas, no gorgueio dos passaros, no zunido do vento ou no estrondo do trovão, percebo neles um testemunho a Tua unidade; sinto que Tu és o supremo poder, a onisciência, a suprema sabedoria, a suprema justiça.

"O Deus, reconheço-Te nas provas que estou passando. Permite, ó Deus, que Tua satisfação seja a minha satisfação. Que eu seja a Tua alegria, aquela alegria que um Pai sente por um filho. E que eu me lembre de Ti com tranquilidade e determinação, mesmo quando fica difícil dizer que Te amo."

Por um frasco de selendo,

Geralmente neste momento eu sentiria a Presença Única do amor que move o sol, a terra, e mantém as estrelas no lugar. Mas hoje não estou conectado, quero apenas conversar com ele. O amor do meu lado, quero conversar com o Universo;

Aguardo com paciência que termine sua meditação.

Não aguento mais escrever sobre minha relação com J., meu mestre na Tradição Meumestre na Tradição: o que quero dizer exatamente? Tenho dezenas de diários cheios de anotações de nossas conversas, que nunca releio. Desde que o conheci em Amsterdam, em 1982, aprendi e desaprendi a viver uma centena de vezes. Quando me ensina algo novo, o entusiasmo faz com que

5
1 caso eu não tenho a
a ideia que se precisam
o objeto não tem mais
dego de govtar - apenas
unidade a unidade, n
do super-abstracto, e todas
do Brasil e trabalhar de
em: gbra: quem
de ultra, genérica, e das economias, deprimida, mediocrizada

- talvez ali esteja o passo que estou faltando, a
me dedique de corpo e alma, passo por um período de euforia, - que aos poucos vai desaparecendo. Algumas coisas ficaram para sempre, mas a maioria dos exercícios, das práticas, dos ensinamentos teóricos já não está mais comigo. Ou pelo menos assim parece.

6

Ele ^{me} tira as mãos do tronco do carvalho, e eu faço a mesma coisa. Sorri para mim, e eu sorrio de volta. Nos dirigimos sem pressa para minha casa sem conversar; sentamos na varanda e tomamos um café, ainda em silêncio.

Contemplo o gigantesco carvalho no centro do meu jardim, com a fita em torno do seu tronco, colocada ali depois de um sonho. Estou no vilarejo de St. Martin, nos Pirineus franceses, em uma casa que já me arrependi de ter comprado; ela terminou por me possuir, exigindo minha presença aqui sempre que possível, porque precisa de alguém para cuida-la, para manter sua energia viva.

A oração que acabou de dizer é muito bonita, mas até que ponto ela vai me ajudar naquilo que estou vivendo agora? ^{reclama como sempre ao seu fútil de esperar que eu seja diferente}

- Não consigo mais evoluir - digo, quebrando o silêncio. - Acho que cheguei ao meu limite.

- Que interessante. Eu sempre tentei descobrir meus limites. Até agora não consegui chegar ^{até eles}. Penso que meu universo não parou de se expandir até hoje. ^{ao contrário do seu.}
^{Absorvo a ironia sem tentar explicar nada.}
^{Você veio me dizer que estou errado, como sempre. Nossa longa convivência faz com que um seja capaz de perceber o que o outro está sentindo, mesmo que a comunicação seja muito rara.}
^{O que você veio fazer aqui hoje?}
^{Você sabe q' q'ca está bem.}

- Como os casais.

Sim. É necessário toda uma série de práticas mágicas para se estabelecer este tipo de comunicação? Pessoas que estão unidas por laços de amor conseguem isso. Pais e filhos geralmente são capazes de adivinhar o que os outros estão sentindo mesmo a quilômetros de distancia.

- Tenho muitas dúvidas.

- Excelente. ^{é a dúvida que empurra o ser humano adiante.}
^{Um homem com respostas para tudo já fechou todas as portas de sua vida.}

^{fab} Como sempre, as boas respostas, mas hoje elas não estão funcionando. ~~Estou~~ falando de algo mais profundo: minhas dúvidas de fé. Tenho apenas uma certeza: existe um mundo paralelo, um mundo espiritual que interfere neste mundo em que vivemos. Fora isso, todo o resto livros sagrados, revelações, guias, manuais, cerimônias - tudo isso me parece absurdo. ^{é inútil}

E o que é pior: sem efeitos duradouros. ^{há algum tempo}

- Vou lhe dizer o que já senti - continua J. - Quando era jovem, estava deslumbrado por todas as muitas coisas que a vida podia me oferecer, achava que era capaz de conseguir cada uma delas. Quando me casei, precisei escolher apenas um caminho, porque precisava sustentar a

chegar a seu

mulher que amo e os filhos que tenho. Aos quarenta anos, depois de ter conseguido ser um dos mais bem sucedidos executivos na minha empresa, as dúvidas voltaram, e eu me entreguei de corpo e alma à busca espiritual, o único mundo que não tinha explorado direito. E terminei entendendo que o universo tem um projeto único para cada um de nós.

Como você, pensei

Porque
mesmo os
deu de
absorção
e
construí
obstante

"A partir daí, procurei honrar este projeto, e a única maneira é não deixar-se levar pela rotina. Penso que você também chegou à mesma conclusão."

- E por que, apesar de todos os meus esforços, não consigo dizer: estou mais perto de Deus e de mim mesmo?

- Porque, como todas as outras pessoas no planeta, você acredita que o tempo iria lhe ensinar isso. O tempo não ensina; ele nos traz apenas a sensação de cansaço, de envelhecimento.

"Como as universidades" pensei.

O carvalho agora parecia estar me olhando. Devia ter mais de quatro séculos, e tudo que havia aprendido foi permanecer no mesmo lugar.

- Hora de sair daqui.

Olhei o relógio. Expliquei que o aeroporto era perto, e poderíamos continuar conversando mais algum tempo.

- Não estou me referindo a isso. Quantas vidas você já viveu?

Reencarnação? Ele sempre me desestimulara a provocar visitas às minhas vidas passadas.

- Pelo pouco que me foi permitido ver, duas - e nenhuma delas com a sua ajuda. Aprendi por mim mesmo, antes de conhece-lo. Um escritor francês no século XIX e um..

- Errado: uma. Ou melhor: todas as suas várias vidas, todos os seus amores, toda a sua agonia e seu êxtase, só que tudo ao mesmo tempo. Neste momento o universo está sendo criado e está chegando ao final. Entretanto, olhando as montanhas no horizonte, as vacas no campo do vizinho, os pássaros que acabam de passar em direção ao leste, você pensa: "isso é a realidade." Apesar de tudo que lhe ensinei, você ainda pensa assim.

Eu entendia o que queria dizer. E...

- Então, é alguém que fui...

- ... que ainda é...

- ... que está interferindo. Um problema não resolvido.

Sei que J. detestava tocar nestes assuntos. Mas agora ele não tinha saída. Respondeu de mal-humor.

- O momento presente está além do tempo. Os indianos usam a palavra "karma", na falta de algo melhor. Mas o conceito está mal explicado: não é o que você fez na sua vida passada

Fandy wa
Squij - S B?
- Não, você não
está aqui (mas
as minhas
preocupações)
Agora
estou aqui
no momento
do mundo
mas não
sei quem
sou
do mundo
mas não
sei quem
sou
do mundo
mas não
sei quem
sou

que vai redimir o presente. É o que você faz no presente que redimirá o passado e logicamente mudar o futuro – desde que utilizemos esta linguagem convencional de "tempo".

"A vida não é como uma escola, que você vai aprendendo, passa de ano, até que no final ganha seu tão esperado diploma. A vida é este momento: ou você permite tudo se revele e se renove a cada minuto, ou está condenado a repetir sempre a mesma aula."

- Ou seja...

- Não se mede o tempo como se mede a distância entre dois pontos. O "tempo" não passa. O tempo se divide em muitas vidas paralelas. Elas estão todas sendo vividas agora.

Ele deu uma pausa, cada vez mais irritado de estar falando de algo que não conseguia explicar.

- Não adianta ficar aqui usando palavras que não querem dizer nada. Vá experimentar. Hora de você sair daqui. Reconquistar o seu reino, agora corrompido rotina. Chega de repetir sempre a mesma aula – não é isso que o fará aprender algo novo.

- Não se trata de rotina. Estou contente por estar aqui – isso pelo menos me relaxa.

- O nome disso é rotina. Relaxado, contente, adaptado. E em breve essa alegria se transformará na amargura de não ter vivido tudo que podia enquanto era tempo. Hora de aprender algo novo.

Não!

Como devia aprender algo novo se ainda não havia sido capaz de viver tudo que aprendi?

- Novo caminho, novos desafios.

Eu temia isso. Já há algum tempo ele vinha me deixando entender que era o momento de dedicar-me ao terceiro caminho sagrado. Entretanto, as condições de minha vida haviam mudado muito desde de o longínquo ano de 1986, quando a peregrinação até Santiago de Compostela me levou a encarar meus próprio destino, ou o "projeto", como ele acabara de chamar. Tres anos mais tarde fizera o Caminho de Roma, na região onde estávamos agora – um processo doloroso, entediante, que me obrigou a passar 70 dias fazendo na manhã seguinte todos os absurdos que sonhara na noite anterior (lembro-me que fiquei em uma parada de ônibus por quatro horas, sem que nada de importante acontecesse).

Desde então havia obedecido com disciplina tudo aquilo que as bênçãos dos anos seguintes me pediram para fazer. Ou seja, passei a viajar como um louco. As grandes lições que aprendi foram justamente aquelas que as viagens me ensinaram.

Melhor dizendo, sempre viajei como um louco, desde que era jovem. E quando reclamava que não conseguia ficar muito tempo em um lugar só, as pessoas ficavam espantadas: "Mas viajar é tão bom! Pena que eu não tenho dinheiro para isso!"

coloca muitas explicações. tudo que preciso falar é da simplicidade do tempo

É quando P/ coisas estranhas

maso usa em bom exemplo de tempo

que não seja para as perfumarias que me relaxam a tempo etc.

Repito. Não vou ir aqui para estar aqui que aprenda. O que não aprendi aqui que aprendi aqui. É para aprender algo novo. É para aprender algo novo.

*8
É para aprender algo novo para aprender algo novo*

9

Viajar não é sempre uma questão de dinheiro, mas de coragem. Passei grande parte de minha vida correndo o mundo como hippie: que dinheiro tinha, então? Nenhum. Mal dava para pagar a passagem, e mesmo assim acredito que foram alguns dos melhores anos de minha juventude – comendo mal, dormindo em estações de trem, incapaz de me comunicar por causa da língua, sendo obrigado a depender dos outros até mesmo para descobrir um abrigo onde passar a noite.

Depois de muito tempo na estrada, escutando uma língua que não compreende, usando um dinheiro que não sabe o valor, caminhando por ruas que nunca passou antes. Você sabe que o seu Eu antigo, com tudo que aprendeu, é absolutamente inútil diante destes novos desafios – e começa a descobrir que, enterrado lá no fundo de seu inconsciente, existe alguém muito mais interessante, aventureiro, aberto para o mundo e para experiências novas.

Mas chega um dia que você diz: "basta!"

- Basta.

- Não, não basta. Nunca vai bastar. Nossa vida é uma constante viagem, do nascimento à morte. A paisagem muda, as pessoas mudam, as necessidades se transformam, mas o trem segue adiante. A vida é o trem, não a estação de trem.

- Podemos deixar para mais adiante. No momento tudo que quero é ficar aqui, contemplar essas montanhas, descobrir Deus nos detalhes. Além do mais, terminei um novo livro (* - nota de rodapé, Bruxa de Portobello) e o meu "projeto" exige que me dedique à ele.

J. riu.

- O único projeto bem realizado é aquele que nos faz encarar o anjo da morte - ou seja como quiser chamar o espírito que irá lhe conduzir para um novo mundo paralelo - com uma simples frase: "vivi e amei". E não estou pedindo que faça isso.

Seu olhar havia mudado. O amigo se transformara de novo no mestre que me inspirava respeito e temor.

- E aonde vou? Para Jerusalem?

- Para onde você se comprometer a ir. Saia daqui. Vá recuperar seu reino. Vá ver o que deixou incompleto, e termine a obra. Não sei o que pode ser, mas se não conseguiu encontrar aqui, depois de tanto tempo isolado, é porque não está aqui. Todo homem e toda mulher precisa fazer isso em determinado momento da vida: saber quem é.

"Entenda o que se passa com você, e você saberá o que se passa com o mundo"

Vou sempre
ir e encontrar
o que está
procurando
Não para
isso é
para
voluntária
Necessária

para voltar a
visitar o projeto

me faz lembrar de J. J.

— Eu sinto a chuva gelada caindo, e o primeiro pensamento é: "vou ficar resfriado". Mas sei que não há nenhuma relação entre uma coisa e outra — pelo menos foi isso que um amigo médico me disse.

No acício da morte, a palavra era coisa que se verificava ordinariamente.

de J. J. por que eu me sinto que ele. Eu sentia todo um quozonoz, se quis saber de um modo, e mais me preparo por isso!

Há 59 anos convivendo comigo mesmo, conheço algumas de minhas reações. Por mais que J. me impressione com seu conhecimento, cheguei a um ponto em que já não dá mais para seguir tudo que ele me diz como se fosse a única palavra de sabedoria. Quanto mais convivência, menos influência. No passado qualquer crise me empurrava naturalmente para uma mudança, mas agora está acontecendo exatamente o contrário: quero voltar a ser quem sou. Ou quem era.

Deveria ser um homem feliz: bem-sucedido na minha profissão, uma das mais difíceis do mundo. Casado há 27 anos com a mulher que amo, gozando de boa saúde, cercado de gente em que posso confiar, sempre recebendo o carinho dos meus leitores quando os encontro na rua. Houve um momento em que bastava isso.

mas no 2 ano + recente uach parece um sabitapi.

Será que estou apenas em um conflito passageiro? Não basta a partir de agora fazer as orações de sempre, respeitar a natureza como a voz de Deus, e contemplar o que há de belo ao meu redor? Para que desejar ir mais adiante, se estou convencido que cheguei ao meu limite?

POR QUE NÃO SER COMO OS MEUS AMIGOS?

Eu os respeito, mas não consigo mover-me. Não quero sair daqui porque estou perdido. Se eu realmente tivesse chegado ao limite, esta sensação de culpa e frustração já teria passado. Mas ela continua. Temor e tremor. Quando a insatisfação não desaparece, ela foi ali colocada por Deus com uma única razão: é preciso mudar tudo, caminhar adiante.

Já vivi isso antes, através de tragédias. O que é a tragédia? Uma mudança radical em nossas vidas, sempre ligado ao mesmo princípio: a perda. Deus é impaciente com os filhos amados, e temo que isso possa acontecer de novo. Quando estamos diante de uma perda, não adianta tentar recuperar o que já se foi, é melhor aproveitar o grande espaço foi aberto e preenchê-lo com algo novo.

Senhor, poupe-me da tragédia, e eu seguirei os Seus designios.

E quando acabo de pensar isso, um trovão explode no meu lado, e o céu se ilumina com a luz do raio.

De novo temor e tremor. Um sinal.

Um vulto amarelo se aproxima.

usam reflexos

Eu me entrego à chuva. Outros raios estão caindo, mas a sensação de desamparo está sendo substituída por algo positivo — como se minha alma estivesse sendo lavada com a água do perdão.

"Abençoe e será abençoado."

Hervé e Veronique tem outros dois convidados, um casal de franceses de meia-idade. Um deles me é apresentado como um "vidente" que conheceram no Marrocos.

O homem não parece muito simpático nem muito antipático, apenas ausente. Entretanto, no meio do jantar, como se tivesse entrado em uma espécie de transe, diz para Veronique:

- Cuidado com o carro. Voce vai sofrer um acidente.

Eu acho aquilo de péssimo gosto. Porque se Veronique o levar a sério, o medo de terminará atraindo energia negativa e as coisas podem realmente acontecer como previsto. Por outro lado, quando uma previsão é feita ela perde parte de sua força no plano astral - e neste caso talvez tenha sido uma boa coisa o que acabara de dizer.

o possível acidente, ele vira-se para minha mulher, talvez termine com o seu futuro.

Ele vira-se para minha mulher:

parece não estar no assunto.

- A alma da Turquia irá olhar seu marido com muito amor. Mas irá derramar o seu sangue antes de revelar o que busca.

"Mais um sinal confirmando que não devo viajar agora", penso, mesmo sabendo que procuramos interpretar tudo de acordo com aquilo que queremos, e não de acordo como as coisas são.

*Coerência a explicação que seus são wa
permite que o pensamento
quando realmente aconteceu isso! - diga antes
depois Platão. Qual alguém pode dizer - Não
devido que sepa capaz de fazer
o futuro da humanidade no tempo
e vovoz, que devido ao passado
e ao futuro; mas Almas estava
justamente conversando sobre
isso está tudo.
Bem no olho: B. que
B. bom conheceu isso?
- Todos ler sabemos - eu
conhecemos -*

O bambu chinês

No rodapé sobre os autores.

12A

~~Evidente que~~ ^{para} estar neste trem, indo de Paris ~~a caminho~~ da Feira do Livro de Londres é uma benção para mim. Cada vez que venho à Inglaterra lembro-me de 1977, quando deixei meu emprego em uma gravadora de discos, decidido a passar o resto da minha vida vivendo de literatura. Aluguei um apartamento em Basset Road, fiz vários amigos, estudei vampirologia, conheci a cidade à pé, namorei, vi todos os filmes que passavam, e antes de um ano eu estava de volta ao Rio de Janeiro, incapaz de escrever uma só linha.

Desta vez fiquei na cidade por apenas 3 dias. Cheguei com o livro, e contos que não são três dias de viagem desta vez, e pode ser algo agradável: encontro com amigos e leitores, conversas interessantes, restaurantes indianos que adoro. Não tenho planos de retornar a St. Martin até o final do ano; em breve estou de volta ao Rio de Janeiro, falando minha língua materna e contemplando sem cansar a linda vista de minha janela: Copacabana.

Pouco antes da chegada um rapaz entra no vagão com um buquê de rosas e começa a olhar à sua volta. Estranho, porque nunca vi antes vendedores de flores no Eurostar.

- Preciso de doze voluntários - diz ele em voz alta - Cada um vai carregar uma rosa, quando chegarmos. A mulher da minha vida está me esperando, e gostaria de pedir sua mão em casamento.

se oferecem, inclusive eu, + não sou

Várias pessoas levantam a mão. Eu também levantei, mas não fui escolhido.

Mesmo assim, quando o trem chega eu resolvo acompanhar o grupo. O rapaz aponta para uma moça na plataforma. Um a um, os passageiros vão entregando suas rosas para ela. No final, ele declara seu amor, todos aplaudem, e a garota abaixa o rosto, morta de vergonha. Logo em seguida, os dois se beijam e saem abraçados.

Um comissário de bordo comentou comigo:

- Desde que trabalho aqui foi a coisa mais romântica que aconteceu nesta estação.

LEUO cinco horas, mas o

as fufu²as
que du²o² durante

14

Cinco horas mais tarde estou de volta do único encontro com leitores que havia sido programado. O contato me encheu de energia positiva, e me faz perguntar: por que tantos conflitos todos esses meses? Se meu progresso espiritual parece ter encontrado uma barreira intransponível, não é melhor ter um pouco de paciência - ou conformar-se definitivamente? Vivi o que pouquíssimas pessoas que me cercam tiveram a oportunidade de experimentar.

explicar
o ups
o downs
o contato
com
as pessoas
diminui
isso
momentos
ideias
que
estou
leu na da
respostas.

O que J. me disse há um mês atrás não foi nenhuma novidade: sempre tive consciência de que era apenas um instrumento do meu trabalho, e tudo que escrevi já estava escrito antes na Alma do Mundo. Outros escritores que vieram antes de mim já contaram estas histórias, e os que virão depois tornarão a reconta-las. O escritor apenas traduz para sua geração as mesmas perguntas que temos desde o início dos tempos: qual o sentido da vida? Qual o sentido do amor? Qual a melhor maneira de encontrar-se com Deus. Como o amor,
eu também tinha uma pergunta, e eu clarificava
Sempre nos perguntaremos as mesmas coisas. Sempre precisaremos ter humildade suficiente para saber que nosso coração sabe por que estamos aqui. Quem escutar o coração, seguir os sinais, e viver sua Lenda Pessoal, vai entender que está participando de algo, mesmo que não compreenda racionalmente. Diz a tradição que, no segundo antes da nossa morte, a gente se dá conta da verdadeira razão da existência. E neste momento, nasce o Inferno e o Paraíso.

O Inferno é, nesta fração de segundo, olhar para trás e saber que desperdiçamos uma oportunidade de honrar a Deus e dignificar o milagre da vida. O Paraíso é poder dizer, neste momento: "Cometi alguns erros, mas não fui covarde: vivi minha vida, e fiz o que devia fazer".
ambos o caso. Logo depois que aciono a moto mesmo que
Portanto, não preciso antecipar meu inferno e ficar remoendo o fato de não

conseguir ir adiante no que entendo como "Busca Espiritual". Tudo tem seu tempo, e embora esteja vivendo um momento difícil, ele passará. A vida de cada um dos seres humanos tem um sentido, embora ele cometa o erro de passar grande parte do seu tempo na terra buscando uma resposta, enquanto se esquece de viver.

A única coisa que me deixa realmente intrigado é a referência de J. a alguma pessoa "que ainda sou" e que está interferindo no presente. Mas posso ter compreendido errado.

→ enquanto viajava. A partir deste momento, os dois rodízios
são um ponto para continuar a caminhada que
nem tem um caso nem fim. a maioria

Não trouxe nenhum livro comigo - eles não estão ajudando muito. Enquanto espero para descer e encontrar-me com minha agente, abro por acaso uma das revistas que estão sempre nas mesas de quartos de hotéis, e leio, sem muita curiosidade, um artigo sobre uma plantação de bambus chineses. Depois de plantada a semente, não se vê nada por aproximadamente 5 anos - exceto um diminuto broto. Todo o crescimento é subterrâneo; uma complexa estrutura de raiz, que se estende vertical e horizontalmente pela terra, está sendo construída. Então, ao final do quinto ano, o bambu chinês cresce até atingir a altura de 25 metros.

velozmente
Não podia ter encontrado leitura mais aborrecida para passar o tempo. Melhor descer e ficar olhando o que acontece no saguão do hotel.

Abro uma delas ao acaso, e caio
em um
de lá

Como o
destino,
mas um
destino
nesta
tenho mais
o
hoje do
me que
o
acesse
já
pr'cumprido

começo a escrever há muito tempo as minhas cartas e
que um livro completo não é a descoberta de seu país de publicação
em várias made,
 15

Tomo um café enquanto aguardo a hora do jantar. Monica, minha agente e minha melhor amiga, também desce e senta-se à minha mesa. Conversamos algumas coisas sem muita importância - percebo que está cansada de ter passado o dia inteiro com os profissionais do livro, ao mesmo tempo em que vigiava por telefone, junto à editora inglesa, o que estava acontecendo durante o meu encontro com os leitores. Estamos trabalhando juntos há 11 anos, sempre se comportou como uma guerreira. Acreditava no impossível, e justamente por causa disso venceu batalhas que todos davam como perdidas. Essa é a qualidade do guerreiro: entender que vontade e coragem não são a mesma coisa. Os homens e mulheres corajosos vivem cercados de gente com medo ou de adúladores. Mas os homens e mulheres com imensa força de vontade são geralmente solitários, porque transparecem frieza. Embora muitas pessoas a considerem um pouco fria, sei que não há frieza na vontade, mas um fogo secreto, escondido, que nem todos são capazes de ver. *é nada podia estar mais longe da verdade.*

enquanto
longo tempo para a sair, modo para para a casa, com tanta coisa de fazer, não consigo de e com isso.

Quando ia contar - para distraí-la - minha recente conversa com J., entram no café as duas editoras da Bulgária; muitos dos participantes da Feira do Livro estão hospedados no mesmo hotel. Trocamos amenidades, e logo Monica assume o rumo da conversa. Como é de costume, uma dela vira-se para mim e faz a pergunta protocolar.

- Quando irá visitar de novo nosso país?
- Se vocês conseguirem organizar a viagem, na semana que vem. A única coisa que quero é uma festa depois da tarde de autógrafos.

As duas me olham incrédulas, e Monica me encara horrorizada.
 O que eu acabei de dizer?
 O BAMBÚ CHINÊS!

- Nós vamos ver a agenda...
- ... mas com certeza posso estar em Sofia na semana que vem - interrompo Monica.

E em português:

"Depois explico"

Monica entende que estou falando sério, mas as editoras duvidam. Perguntam se não gostaria de esperar um pouco, até que possam fazer um trabalho de promoção à altura.

- Semana que vem - eu insisto. *Da estas duas mas p/uma* *mas na oportunidade*

Viram-se para Monica aguardando os detalhes. Neste exato momento, chega meu editor espanhol. A conversa na mesa é interrompida, as apresentações são feitas, e vem a pergunta de praxe:

- E então, quando é que teremos o prazer de vê-lo de novo em nosso país?
- Logo depois de minha visita à Bulgária. *respondo.*

- E quando será isso?

- Em duas semanas. Marcamos uma tarde de autógrafos em Santiago de Compostela, e uma no Pais Vasco. Com festas para celebrar os encontros, onde convidaremos alguns leitores.

As editoras búlgaras começam a duvidar de novo, e Monica esboça um sorriso amarelo.

"Comprometa-se!" disse J. *Eu todos os poucos J. ras,*

O bar começa a encher-se. ~~Geralmente~~ os profissionais costumam a ficar em dois ou três hotéis, e grande parte dos negócios é fechado nos saguões e nos jantares ^{COMO SI} que estão para acontecer aquela noite. Cumpimento todos os editores, e vou aceitando convites à medida que repetem a pergunta de sempre: "quando irá visitar nosso país?". Procuo manter a conversa o tempo suficiente para evitar que Monica me pergunte o que está acontecendo; tudo que ela precisa fazer é anotar em sua agenda os compromissos que estou assumindo. Em um determinado momento interrompo uma discussão com o editor árabe ^{SERÁ?} para perguntar a ela quantas visitas estão marcadas.

- Você está me deixando em uma situação complicadíssima - responde em português, ~~com uma certa irritação~~ *- irritada*

- Mas?

- Seis países, um mês e uma semana. Você não sabe que esta feira é para profissionais, e não para escritores? ~~Você não~~ precisa aceitar convite nenhum, eu ~~posso me~~ encarregar de... *me encargo eu*

Chega o editor português, e não podemos continuar conversando em nossa língua secreta. Como ele não diz nada alem das amenidades de sempre, eu me ofereço:

- Você não vai me convidar para visitar Portugal?

Ele confessa que estava próximo e conseguiu escutar o que eu e Monica conversávamos.

e em taberna
- Estou falando sério. Gostaria muito de fazer uma tarde de autógrafos em Guimarães.

Não vou cancelar
- Mas não dá para cancelar depois! - *des de*

Ele sorri, e Monica coloca na agenda: contando com viagem, mais cinco dias ~~para o~~ compromisso em Portugal. Finalmente meus editores russos - um homem e uma mulher - se aproximam e nos cumprimentam. Monica respira aliviada: ~~nosso compromisso para jantar chegou.~~ *hora de me arrastar para a casa o jantar.*

Enquanto aguardamos o táxi, ela me puxa para um lado.

- Voce enlouqueceu?

- Há muitos anos, como sabe. Conhece a história do bambu chinês? Ele demora cinco anos como um simples broto, apenas aumentando suas raizes. E de uma hora para outra, cresce 25 metros.

A

- E o que isso tem a ver com esta insanidade que acabo de presenciar?

- Mais tarde conto a conversa que tive há um mês com J. Mas o que interessa agora é que isso estava acontecendo comigo; investi trabalho, tempo, esforço, procurei nutrir o crescimento com muito amor e muita dedicação, e nada acontecia. Nada aconteceu durante anos.

- Como é que nada aconteceu? Você não tem consciência de quem é?

O taxi chega. O editor russo nos chama abre a porta para que Monica entre.

- Estou falando do lado espiritual. Penso que sou um bambu chinês e que meu quinto ano chegou. Hora de levantar-me de novo.

Em uma fração de segundo logo depois da chegada das editoras búlgaras, eu ~~avia~~ sentido a presença de J. ao meu lado, e agora entendia suas palavras – embora para isso tivesse que ter folheado uma revista sobre jardinagem em um momento de tédio absoluto. O meu auto-imposto exílio, que por um lado me tinha feito descobrir coisas muito importantes em mim mesmo, também havia tido um efeito colateral sério: a solidão passou a ser um vício. O meu universo havia se limitado aos poucos amigos nas montanhas, as respostas de cartas e emails, e à ilusão de que “todo o resto do tempo era meu”. Enfim, uma vida sem os naturais problemas que resultam da convivência, do contato humano. Mas é o que estou buscando? Uma vida sem desafios?

sentire

Aqui em vez de explorar o que eu quero dizer com essa palavra

E qual a graça de buscar Deus fora das pessoas? Conheço muitos que fizeram isso; uma vez tive uma discussão séria e engraçada ao mesmo tempo com uma monja budista que passara 20 anos isolada em uma caverna no Nepal. Admiro seu esforço, mas jamais conseguiria percorrer este caminho – ele não está no meu horizonte. O caminho só pode ser pelos sábios e os guerreiros; sem dúvida nenhuma eu estou na segunda categoria: minha meditação é o tiro com arco, o combate, a tensão seguida de relaxamento.

falar da minha maneira

Muitos arqueiros se queixam que, apesar de praticarem por anos a arte do tiro, ainda sentem o coração disparar de ansiedade, a mão tremer, a pontaria falhar. Eles precisam entender que um arco ou uma flecha não podem mudar nada – mas a arte do tiro faz com que nossos erros sejam mais evidentes.

Pratico tiro com arco há muitos anos. Nos dias em que estou sem entusiasmo pela vida, meu tiro é confuso. Tenho dificuldades em esticar a corda, e minha mão treme. Nos dias em que – por alguma razão desconhecida – acordo em completa harmonia com o mundo, meu tiro é seguro, a corda soa como o instrumento musical, os pássaros cantam ao redor.

→ dificuldade de harmonia e/ou necessidade das pessoas.

No restaurante falamos um pouco de tudo, celebramos algumas coisas e tentamos afinar outras. Tenho que controlar-me para não falar demais, já que Monica é quem dá as cartas em tudo que se refere à edição. Mas em um determinado momento, vem de novo a pergunta – desta vez dirigida para ela:

- E quando podemos contar com a presença dele na Rússia?

Monica começa a explicar que minha agenda agora está muito complicada, já que tenho uma série de compromissos a partir da semana que vem. E neste momento eu interrompo.

18

- Sempre tive um sonho ~~de~~ ir. Já tentei realiza-lo duas vezes, e não consegui. Se vocês me ajudarem, eu vou à Rússia.

- E qual é esse sonho?

- Atravessar ^{a Ásia} o país de trem. Ir até o Oceano Pacífico. Podemos parar em alguns lugares e fazer tardes de autógrafos. Podemos honrar os leitores que jamais tem oportunidade de ir até Moscou.

Os olhos do meu editor brilham de alegria; justamente ele estava conversando a respeito das dificuldades crescentes de distribuição em um país tão grande ^{que tem sete fusos} horários diferentes.

deixando um rastro
- Ideia muito romântica, "bambu chinês", mas muito pouco prática - ri Monica. -
Voce sabe que não poderei acompanhá-lo.

O editor, porém, está entusiasmado. Pede seu quinto café naquela noite, explica que ele se encarregará de tudo, que a sub-agente de Monica irá representa-la, que não se preocupe absolutamente: tudo vai correr bem. ^{com a minha mãe} Completo assim a agenda com dois meses seguidos de viagem, uma série de pessoas estressadas porque terão que organizar tudo em cima da hora, uma agente e amiga que me olha com carinho e respeito, um mestre que não está aqui mas entende que me comprometi mesmo sem entender o que ele dizia, uma noite fria em que prefiro caminhar sozinho de volta ao hotel, assustado comigo mesmo, mas ^{alívio} contente porque agora não posso voltar atrás.

E era isso justamente o que eu queria. Se eu acreditasse que ia vencer, a vitória também acreditaria em mim. Nenhuma vida está completa sem um toque de loucura. Ou usando as palavras de J.: de volta ao meu reino. Se for capaz de entender o que se passa no mundo, terminarei sendo capaz de compreender o que se passa comigo.

#

No hotel tem uma mensagem: minha mulher diz que não conseguiu telefonar-me, e pede que ligue assim que puder. O coração dispara, os segundos entre um toque e outro parecem uma eternidade, finalmente ela atende.

- Veronique sofreu um acidente de carro. Violento, mas não corre perigo.

Pergunto se posso telefonar para ela agora, mas a resposta é não; está no hospital.

- Você lembra do vidente?

Sim, me lembro! E havia previsto também algo para mim. Desligamos, chamo imediatamente o quarto de Monica, e pergunto se por acaso havia aceitado alguma visita para a Turquia.

- Voce não se lembra o que aceitou?

Digo que não. Estava em uma espécie de euforia quando comecei a dizer "sim" para todos os convites.

- Mas você sabe os compromissos que assumiu, não sabe? Ainda dá para cancelar, se for esse o caso.

Explico que estou contente com os compromissos, não se trata disso. A essa hora da noite fica muito difícil explicar o vidente, a previsão, o acidente de Veronique. Insisto para que me diga se assumi alguma coisa.

- Não – responde ela. – Os editores turcos estão hospedados em um hotel diferente. Caso contrario...

Os dois riem. ~~Um pouco cedo demais.~~

Poss dormir sossegado

A lanterna do estrangeiro

BD

Quase dois meses ~~na estrada~~, e até agora nada de encontrar e resolver "o problema não resolvido". Já passei por seis países, encontrei meus leitores, me diverti, afastei provisoriamente uma depressão que estava ameaçando se instalar; mas nada de recuperar o meu reino, descobri que o tempo é uma ilusão.

de viagem

Agora falta apenas a viagem pela Rússia. E depois, o que fazer? Continuar arranjando compromissos para seguir adiante, ou parar agora, e aceitar a possibilidade de que já ~~perdi minha conexão com tudo aquilo que venho a anos buscando?~~

referência ao bairru

Uma vida sem causa é uma vida sem efeito. E eu não posso permitir que isso me aconteça; se for necessário, viajo o resto do ano.

A conferência vai começar em Tunis, e - graças a Deus - a sala está lotada para a conferência nesta cidade africana. Deveria ser apresentado por dois intelectuais locais; nos encontramos antes, um deles mostrou um texto de dois minutos, o outro escreveu uma tese de um quarto de hora sobre o meu trabalho.

22m

outra

Com muito cuidado, o coordenador explica que é impossível a leitura da tese, já que o encontro deve durar no máximo 50 minutos. Imagino o quanto ele deve ter trabalhado no seu texto, mas penso que o coordenador tem razão: estou ali para conversar com meus leitores, esse é o principal motivo do encontro.

as apresentações

Começa a conferência. As apresentações duram no máximo cinco minutos, e tenho agora 45 minutos para um diálogo aberto. Digo que não estou ali para explicar nada, o interessante seria tentar estabelecer um diálogo.

é conversa. Uma jovem faz a 1ª pergunta.

Vem a primeira pergunta, de uma jovem: o que são os sinais que tanto falo em meus livros? Explico que é uma linguagem extremamente pessoal que desenvolvemos ao longo da vida, através de acertos e erros, até que entendemos quando Deus está nos guiando. Outra pergunta se foi um sinal que me trouxe a este país longínquo, eu digo que sim - estou fazendo uma viagem de 90 dias para celebrar meus 20 anos de peregrinação pelo Caminho de Santiago.

mas não em tro em melhores detalhes.

Continua a conversa, o tempo passa rapidamente, e preciso terminar a palestra. Escolho ao acaso, no meio de 600 pessoas, um homem de meia-idade, com um grosso bigode, para a pergunta final.

E o homem diz:

- Não quero fazer nenhuma pergunta. Quero apenas dizer um nome.

Nome de BD, onde outro fez pedido de perdão, mas não chegou, esse se esqueceu

E diz o nome de uma pequena ermida, que fica no meio de lugar nenhum, há milhares de quilômetros do lugar onde me encontro, onde um dia eu coloquei uma placa agradecendo um milagre. E onde fui, antes desta peregrinação, pedir que a Virgem protegesse os meus passos.

Eu já não sei mais como continuar a conferência. As palavras a seguir foram escritas por um dos ^{dois escritores} ~~dois escritores~~ que compunham a mesa:

21

"E de repente o Universo naquela sala parecia ter parado de mover-se. Tantas coisas aconteceram: eu vi suas lágrimas. E eu vi as lágrimas de sua doce mulher, quando aquele leitor anônimo pronunciou o nome de uma capela perdida em um lugar do mundo.

"Você perdeu a voz. O seu rosto sorridente tornou-se sério. Os seus olhos se encheram de lágrimas tímidas, que tremiam na beira dos cílios, como se se desculpassem de estarem ali sem serem convidadas.

"Ali também estava eu, sentindo um nó na garganta, sem saber por que. Procurei na plateia a minha mulher e a minha filha, são elas que sempre busco quando me sinto a beira de algo que não conheço. Elas estavam lá, mas tinham os olhos fixos em você, silenciosas como todo mundo ali, procurando apoiá-lo com seus olhares, como olhares pudessem apoiar um homem.

"Então eu procurei fixar-me em Christina, pedindo socorro, tentando entender o que estava acontecendo, como terminar aquele silêncio que parecia infinito. E eu vi que também ela chorava, em silêncio, como se fossem notas da mesma sinfonia, e como se as lágrimas de vocês dois se tocassem apesar da distância.

"E durante longos segundos já não havia mais sala, nem público, nada mais. Você e sua mulher tinham partido para um lugar onde ninguém podia segui-los; tudo que existia era a alegria de viver tudo isso, que era contado apenas com o silêncio e a emoção.

"As palavras são lágrimas que foram escritas. As lágrimas são palavras que precisam jorrar. Sem elas, nenhuma alegria tem brilho, nenhuma tristeza tem um final. Portanto, obrigado por suas lágrimas."

Deveria ter dito à moça que tinha feito a primeira pergunta – sobre os sinais – que ali estava um deles, afirmando que eu me encontrava no lugar onde devia estar, na hora certa, apesar de nunca entender direito o que me levou até ali.

Mas penso que não foi necessário: ela deve ter percebido. (anotar um * com o nome do Christian)

#

Eu e minha mulher caminhamos de mãos dadas pelo bazar de Tunis; a quinze quilômetros estão as ruínas de Cartago, que no passado remoto foi capaz de enfrentar-se com a poderosa Roma. Discutimos a epopéia de Aníbal, um de seus guerreiros; os romanos esperavam uma batalha marítima, ^{na qual} as duas cidades estavam separadas por apenas algumas centenas de quilômetros de mar, mas Aníbal enfrentou o deserto, cruzou o estreito de Gibraltar com um gigantesco exército, atravessou a Espanha, França, subiu os Alpes com soldados e elefantes, e atacou o Império pelo norte. Venceu todos os inimigos em seu caminho e de repente - sem que até hoje alguém saiba direito por que - parou diante de Roma, e não a atacou no momento exato. O resultado desta indecisão: Cartago foi riscada do mapa pelos navios romanos.

— Sim, pode ser que ela apenas ilumine o estrangeiro, mas será que isso faz tanta diferença quando estamos possuídos por este gigantesco amor pelo que fazemos?

22

- Aquela casal francês piano - ou acha que p/ eles era importante o reconhecimento do mundo?

- Tem alguma coisa nesta lanterna que não consigo dizer exatamente o que é, mas que sinto que se aplica a você agora - diz minha mulher. - Mas saberei, tenha um pouco de paciência.

Eu sei sobre J e o fim e eu

Dormimos um pouco, jantamos com novos amigos, e vamos de novo passear pela cidade. Só então minha mulher completa a frase daquela tarde:

- Você está viajando, mas ao mesmo tempo não saiu de casa. Enquanto estivermos juntos, isso vai continuar acontecendo - portanto é hora de seguir adiante sozinho.. A solidão pode ser muito grande e opressora, mas terminará desaparecendo se você estiver mais em contato com os outros.

Se quiser recuperar seu caminho

"Aceite seu caminho e suas contradições. Como li certa vez, não existem duas folhas iguais numa floresta de cem mil árvores. Não existem duas viagens iguais no mesmo Caminho. Mas se continuarmos juntos, tentando fazer com que as coisas se encaixem em nossa maneira de ver o mundo, nenhum de nós vai se beneficiar. Eu te abençoo e te digo: até a Alemanha, para o primeiro jogo da Copa do Mundo de Futebol!"

porque tem o futuro
do seu lado que tem
a culpa e isso dá
que o universo não é
facilidade

Se o vento frio passar

Há uma moça que me espera do lado de fora do hotel em Moscou, quando chego com meus editores. Ela se aproxima e segura as minhas mãos.

- Preciso conversar com você. Vim de Ekatherinburg so para isso.

Eu estou cansado, ^{Porque a viagem de autocarro} havia acordado cedo, ^{eu não consegui dormir no autocarro} tivera alguns sonhos meio complicados mas que não conseguia me lembrar. Meu editor explica que amanhã teremos uma tarde de autógrafos, mas que daqui a três dias estaremos em Ekatherinburg, primeira parada na viagem de trem. Estendo a mão para despedir-me; vejo que ^{as delas} estão muito frias.

- Por que não entrou no hotel para me esperar?

Minha pergunta seria: "como descobriu o hotel em que estou hospedado?" Mas talvez não seja difícil.

- Porque li o seu blog outro dia, e entendi que escreveu para mim.

Estava começando a experimentar a idéia de postar minhas reflexões sobre a viagem em um blog; como mandava os textos com antecedência, não sabia exatamente o que estava escrito. Mesmo assim, com toda certeza não havia nenhuma referência à moça que conhecera alguns segundos antes.

Ela tira um papel impresso com parte do meu texto. Eu o conheço de cor, embora não me recorde quem me contou a história:

"Era uma vez um homem pobre mas corajoso que se chamava Ali. Trabalhava para Ammar, um velho e rico comerciante.

"Certa noite de inverno, disse Ammar: "ninguém pode passar uma noite assim no alto da montanha, sem cobertor e sem comida. Mas voce precisa de dinheiro, e se conseguir fazer isso, receberá uma grande recompensa. Se não conseguir, trabalhará de graça por trinta dias".

"Ali respondeu: "amanhã cumprirei esta prova".

"Mas ao sair da loja, viu que realmente soprava um vento gelado, ficou com medo, e resolveu perguntar ao seu melhor amigo, Aydi, se não era uma loucura fazer esta aposta.

"Depois de refletir um pouco, Aydi respondeu: "vou lhe ajudar. Amanhã, quando estiver no alto da montanha, olhe adiante. Eu estarei também no alto da montanha vizinha, passarei a noite inteira com uma fogueira acesa para voce. Olhe para o fogo, pense em nossa amizade, e isso o manterá aquecido. Você vai conseguir, e depois eu lhe peço algo em troca."

"Ali venceu a prova, pegou o dinheiro, e foi até a casa do amigo: "voce me disse que queria um pagamento."

"Aydi respondeu: "sim, mas não é em dinheiro. Prometa que, se em algum momento o vento frio passar por minha vida, acenderá para mim o fogo da amizade."

Eu agradeço o carinho, digo que agora estou ocupado, mas que se ela quiser ir até a única tarde de autógrafos que darei em Moscou, terei o maior prazer em assinar um de seus livros.

- Eu não vim para isso. Eu sei que irá cruzar a Rússia de trem. Eu vou com você. Quando li seu primeiro livro, me lembro de escutar uma voz dizendo que certa vez você acendeu para mim um fogo sagrado, e um dia precisava retribuir isso. Achei que estava delirando, mas ao ler hoje no seu blog esta historia, me dei conta que

As pessoas que estão comigo riem. Eu procuro ser gentil, dizendo que nos vemos no dia seguinte. Alguem diz que alguém está me esperando, aproveito a desculpa, e me despeço.

- Meu nome é Hilal – diz ela, antes de ir embora.

Dez minutos depois subo para o meu quarto, já me esqueci da moça que me abordou do lado de fora. No me lembro o seu nome, e se tornasse a encontra-la agora seria incapaz de reconhece-la. Mas algo tinha me deixado levemente incomodado; sua maneira de olhar-me.

Seus olhos refletiam amor e morte ao mesmo tempo.

Quando J. me disse "saia do conforto e vá em busca do seu reino", eu me senti traído, confuso, abandonado. Esperava uma solução ou uma resposta às minhas dúvidas, algo que me confortasse e me deixasse de novo em paz com minha alma. Todos que se lançam em busca do seu reino sabem que não vão encontrar nada disso – apenas desafios, longos períodos de espera, mudanças inesperadas. E é preciso estar preparado para tudo.

Mais ou menos o que acontece com todos aqueles que saem em busca do amor.

Mas assim como no amor, esta confusão e insegurança inicial termina permitindo que a alma cresça, que a confiança se desenvolva, mesmo que seja muito lentamente. Estou no caminho certo. Se não encontrar nada na viagem de trem, continuarei adiante – porque desde aquele dia no lobby do hotel em Londres, entendi que estava morrendo aos poucos por causa de uma coisa muito difícil de detectar e ainda mais difícil de curar.

A rotina.

A rotina não tem nada a ver com a repetição. Para atingir a excelência em qualquer coisa na vida, é preciso repetir e treinar.

Treinar e repetir, aprender a técnica de tal maneira que ela se torne intuitiva. Aprendi isso ainda na infância, em uma cidade do interior do Brasil, onde minha família ia passar as férias de verão. Eu era fascinado pelo trabalho de um ferreiro que morava perto; sentava-me e fica o

"princípio do ferreiro". Sim, é verdade que nos anos mais recentes transformasse em rotina, mas desde que iniciei esta viagem tudo parece estar voltando ao normal.

Fico completamente nu, abro o chuveiro e entro debaixo da água. Ali está um dos meus rituais favoritos. No início, estou apenas pensando em tomar banho, mas pouco a pouco aquela simples prática diária deixa de ser rotineira, começa a fazer parte de mim e se transforma no meu mundo. 236

Coloco a cabeça de tal maneira que a única coisa que posso escutar é o barulho da água nos meus ouvidos. Isso me afasta de tudo. Sou transportado para um mundo diferente por causa daquele ruído. Como um maestro prestando atenção em cada instrumento da orquestra, começo a distinguir cada som, que se transformam em palavras que não posso compreender, mas sei que existem.

O cansaço, a ansiedade, a desorientação de estar mudando tanto de país – tudo isso desaparece. Eu me sinto mais próximo de Deus, e era exatamente o que estava buscando. Estava envenenado pela rotina: os banhos eram apenas para limpar a pele, as refeições serviam para alimentar meu corpo, as caminhadas não tinham outro objetivo que evitar problemas do coração no futuro. Embora tudo pareça a mesma coisa – como pareciam os golpes do ferreiro – cada gesto tem uma intensidade diferente.

Agora as coisas vão mudando; imperceptivelmente, mas vão mudando. Ouço o barulho da água, mas ele parece distante; o meu coração está em silêncio.

Dividindo almas

(Galton PF)

24

Olho cada um de meus leitores, estendo a mão, agradeço por estarem ali. Meu corpo pode estar peregrinando, mas quando minha alma voa de um lugar para o outro eu nunca estou sozinho: sou as muitas pessoas que conheci e que entenderam minha alma através dos livros. Não sou um estrangeiro aqui em Moscou, como tampouco fui em Londres, Sofia, Tunis, Kiev, Santiago, Guimarães, e todas as cidades em que estive durante este mês e meio.

Escuto uma discussão insistente atrás de mim; procuro concentrar-me no que estou fazendo. A discussão, porém, não dá sinais de arrefecer. Finalmente me viro para trás e pergunto ao editor o que está acontecendo.

- Aquela menina de ontem. Ela diz que quer ficar aqui perto de qualquer jeito.

Não me lembro da menina de ontem. Mas peço que façam qualquer coisa para parar a discussão. Continuo assinando os livros.

Alguem senta-se perto de mim, um dos seguranças da livraria vem retirar a pessoa, e de novo uma discussão começa. Eu paro o que estou fazendo.

Ao meu lado, está a moça – a mesma cujos olhos revelam amor e morte. Pela primeira vez reparo como é: cabelos negros, entre 22 e 29 anos (sou péssimo para calcular idades), casaco de couro usado, calça jeans, tênis.

- Já vimos o que tem dentro da mochila – diz o segurança. – Não há problema. Mas ela não pode ficar aqui.

Ela apenas sorri confiante. Um leitor diante de mim aguarda o final da conversa para que eu possa assinar seus livros. Entendo que não irá sair dali de jeito nenhum.

- Hilal, lembra? Vim acender o fogo sagrado.

Digo que lembro (o que é uma mentira). As pessoas na fila começam a demonstrar impaciência, o leitor diante de mim diz algo comenta algo em russo com ela – e pelo tom de sua voz noto que não foi nada agradável.

Em português existe um famoso provérbio: "O que não tem remédio, remediado está". Como não tenho tempo para discussões agora, peço apenas para que ela sente-se um pouco mais longe, de modo que eu possa ter alguma intimidade com as pessoas que estão ali. Ela obedece, levanta-se, e fica discretamente em pé, na parte de trás. *a uma distância respeitável*

meu trabalho Segundos depois já me esqueci de sua existência, e estou de novo concentrado no meu trabalho. Todos me agradecem, eu agradeço de volta, e aquelas quatro horas se passam como se eu estivesse no paraíso. A cada hora saio para fumar um cigarro, mas não estou cansado de maneira nenhuma. Sempre que termino uma tarde de autógrafos, parece que recarreguei minhas baterias e minha energia está mais alta que nunca.

porio uma salva de palmas

No final, todos batemos palmas pela excelente organização. É hora de seguir para o próximo compromisso. A moça volta a falar comigo.

ela tinha se conhecido, depois se p/ mim
- Tenho algo importante para lhe mostrar.

- Vai ser impossível - respondo. - Tenho um jantar.

desta vez seu deuto esconder
- Não vai ser impossível - responde. - Sou Hilal, aquela que ontem lhe esperava na

porta do hotel. O que tenho a mostrar posso fazê-lo aqui e agora, enquanto você se prepara para sair.

E antes que eu possa reagir, tira de sua mochila um violino, e começa a tocar.

Os leitores que estavam já se afastando, voltam para aquele concerto inesperado. Hilal toca de olhos fechados, como se estivesse em transe. Olho para o arco que se move de um lado para o outro, tocando as cordas em apenas um pequeno ponto, e fazendo com que as notas de uma música que nunca ouvi comecem a me ~~dizer algo sobre a vida~~; não apenas a mim, mas a todos que ali estão presentes. Há momentos de pausa, momentos de êxtase, momentos seu corpo inteiro baila junto com o instrumento, mas na maioria das vezes apenas o tronco e as mãos se movem.

*minha imitação
dizer algo que
pouco entenda*

Cada nota deixa em cada um de nós uma lembrança, mas é a melodia inteira que conta ~~uma~~ história. A história de alguém que queria se aproximar de outra pessoa, foi rejeitada uma série de vezes, e mesmo assim continuou insistindo. Enquanto Hilal toca lembro-me dos muitos momentos em que a ajuda veio justamente daquelas pessoas que eu achava que nada iam acrescentar na minha vida.

Quando termina de tocar, não há aplausos, nada, - apenas um silêncio quase palpável.

- Obrigado - eu digo.

- Tudo nesta vida é questão de dividir almas. Posso ir com você?

Geralmente tenho duas reações diante de gente que insiste muito. Ou me afasto imediatamente, ou meu deixo fascinar por completo. Não posso dizer a alguém que os sonhos são impossíveis; se eu conseguir convence-lo, terminarei por convencer a mim mesmo, e toda minha vida perderá com isso.

Nem todos tem a força de Monica naquela hora na cadaverina e

Tinha sido um dia gratificante. Telefonei para o embaixador e pergunto se é possível. Gentilmente ele diz que meus leitores me representam.

#

26

Embora o ambiente seja formal, o embaixador do Brasil na Rússia consegue deixar todos os presentes à vontade. Hilal apareceu com um vestido que eu considerava no mínimo de péssimo gosto – cheio de cores, contrastando com a sobriedade dos outros convidados. Sem saber exatamente onde colocar a presença de última hora, ela termina sendo escolhida para sentar-se no lugar de honra, ao lado do anfitrião.

ho dirigimo a mesa,

Antes de ~~nos sentarmos~~, o meu melhor amigo russo, um jornalista, me explica que teremos problemas com a sub-agente; passou todo o coquetel que antecede o jantar discutindo com seu marido ao telefone.

- Sobre o quê, exatamente?

- Parece que você tinha ficado de ir até o clube onde ele é gerente, e terminou cancelando.

Realmente na minha agenda estava algo como "discutir o menu da viagem pela Sibéria", o que era a menor e mais irrelevante das minhas preocupações naquela tarde só havia recebido energias positivas. Cancelei o encontro que me pareceu surrealista. ~~Jamais discuti menus e preferi ir para o hotel, tomar um banho e de novo sentir o barulho da água me levando a lugares que não sei explicar nem sequer para mim mesmo. O contato com o mundo espiritual estava voltando – graças ao contato com os outros.~~

em minha vida

ho mais sei servido

As conversas paralelas se desenvolvem naturalmente na mesa, e em um dado momento a embaixatriz, gentilmente, pergunta quem é Hilal.

Substituto

- Nasci na Turquia e vim estudar violino em E. aos 12 anos de idade. A senhora tem idéia de como os músicos são selecionados?

parece estar interessado naquela menina

Não. As conversas paralelas parecem ter diminuído. *todo está a diminuir e inconviente*
- Qualquer criança que começa a tocar qualquer instrumento pratica um

determinado número de horas por semana. Neste estágio, todas são capazes de chegar a fazer parte de uma orquestra um dia. Entretanto, a medida que vão crescendo, algumas começam a praticar mais, *que as* e outras menos. Finalmente, um pequeno grupo se destaca, porque está tocando quase quarenta horas por semana. Até que *primários* scouts de grandes orquestras começam a correr o mundo inteiro, *na busca de* descobrem os melhores talentos, e convidam para que se profissionalizem. Foi o meu caso.

- Pelo visto, você encontrou sua vocação – diz o embaixador. – Nem todos tem essa oportunidade.

- Não foi bem minha vocação. Passei a tocar muitas horas por semana porque fui violada quando tinha cinco anos de idade.

A conversa na mesa parou por completo. O embaixador comenta que o Brasil será em breve um grande parceiro comercial da Rússia, em uma tentativa desesperada de mudar de assunto.

E ninguém, absolutamente ninguém naquela mesa está interessado na balança comercial do meu país. Cabe a mim retomar o fio da história.

- Hilal, se você não se incomodar, acho que todos estão muito interessados nesta relação entre uma menina violada e uma virtuose de violino.

- O que significa seu nome? – pergunta a embaixatriz, numa desesperada tentativa de mudar definitivamente o rumo da conversa.

- Em turco significa a lua nova, mas quando ainda é muito fina. Parece que em árabe tem outro significado, mas não tenho certeza. É o desenho que está na bandeira do meu país; meu pai era um nacionalista radical. Por acaso, é um nome mais apropriado para homens que para mulheres.

Eu não me ~~do~~ por vencido. *olha mulher pela submissão.*

- Mas voltando ao assunto, você se importa de nos contar? Estamos em família.

Em família? Grande parte daquelas pessoas tinha se conhecido durante o jantar. Mesmo assim, não custava insistir.

Todo mundo ~~disfarça~~ a curiosidade – embora estejam loucos para ouvir a resposta. *ela ocupadíssima com seus pratos, como fingindo que*

mulheres, olhar há quanto tempo de deslaxar, mas pouco para o resto da história

Hilal responde como se estivesse falando a coisa mais natural do mundo. - Um vizinho, um senhor que todos consideravam gentil, prestativo, a melhor pessoa para os momentos difíceis. Bem casado, pai de duas filhas da mesma idade que a minha. Sempre ia em sua casa, sentava no seu colo, e ele me contava lindas histórias. Mas enquanto fazia isso, sua mão passeava por meu corpo – o que no início entendi ser apenas uma demonstração de carinho. A medida que o tempo passava ele começou a tocar meu sexo, pedir que eu tocasse o dele, coisas deste tipo.

para os olhos
Olha em volta: estão cinco mulheres na mesa.

- Acho que não é tão raro assim, infelizmente. Concordam?

Nenhuma ~~delas~~ responde. Meu instinto me diz que pelo menos uma ou duas já experimentou a mesma coisa.

- Enfim, o problema não foi só esse. O pior foi que eu comecei a gostar daquilo, mesmo sabendo que era errado. Até que um dia resolvi nunca mais voltar ali, embora meus pais insistissem que deveria brincar mais com os filhos daquele homem. Dizia que precisava estudar *as filhas dele* violino, e passei a fazer isso de maneira compulsiva, desesperada. *malícia como também pode ser Lidia, expliquei*

Ela olha a mesa do jantar; ninguém se mexe, ninguém sabe exatamente o que dizer.

- E como carregava esta culpa dentro de mim – porque as vítimas terminam se julgando os carrascos – resolvi me punir até agora. Em todas as relações com homens desde que me entendo por mulher passei a buscar o sofrimento, o conflito, o desespero.

Olha fixamente para mim. A mesa inteira percebe o olhar de Hilal.

- Mas isso agora vai mudar, não é verdade?

Eu, que até aquele momento estava dirigindo a situação, perco o controle. Tudo que faço é murmurar "espero que sim" e mudar subitamente a conversa para o belo prédio onde está localizada a Embaixada do Brasil na Rússia.

e' possível ele se incomoda Na saída pergunto onde Hilal está hospedada, e *peço* pergunto ao meu amigo jornalista se ele se incomoda de leva-la em casa antes de me deixar no hotel. Ele concorda.

- Obrigado pelo violino. Obrigado por ter dividido sua história com gente que jamais viu na sua vida. A cada manhã, quando sua mente ainda estiver vazia, dedique um pouco de tempo ao Divino. O ar contém uma força cósmica que cada cultura chama de uma maneira diferente, mas isso não tem importância. O importante é fazer o que estou dizendo agora.

"Inspire fundo, e peça que todas as bênçãos que estão no ar entrem no seu corpo e se espalhem por cada célula. Expire lentamente, projetando muita alegria e muita paz ao seu redor. Repita dez vezes; você está curando a si mesma, e estará contribuindo para curar o mundo."

de mesma coisa

- O que quer dizer com isso?

- Nada. Faça o exercício. Irá apagar pouco a pouco aquilo que sente a respeito do amor. Não se deixe destruir por uma força que foi colocada em nossos corações para melhorar tudo. Inspire sugando o que existe nos céus e na terra. Expire espalhando beleza e fecundidade. Acredite em mim, dará resultado.

- Mas eu não vim aqui para aprender exercícios

Moscou desfilava do lado de fora. Na verdade eu gostaria mesmo é de tomar um café, andar por aquelas ruas, mas o dia tinha sido longo e precisava acordar cedo no dia seguinte para uma série de compromissos.

- Então irei com você, não é verdade?

! Será que ela não consegue valer a pena ser na casa?

Não é possível! Eu a conhecia há pouco mais de 24 horas – se é que podemos chamar "conhecer" um contato tão irregular como aquele. Meu amigo ri. Eu procuro ser mais sério.

- Veja bem: já lhe trouxe ao jantar do embaixador. Não estou fazendo esta viagem para promover meus livros, mas...

Hesito um pouco.

- ... por uma questão pessoal.

- Eu sei disso.

mas preferi não acreditar nos meus conselhos.

Da maneira como pronunciou a frase, tive a impressão que realmente sabia. Mas o que fazer agora?

22

- Já fiz muitos homens sofrerem, e já sofri muito – continua Hilal. – A luz do amor sai de minha alma, mas não tem como ir adiante; é bloqueada pela dor. Por mais que inspire e expire todas as manhãs pelo resto da minha vida, não vou conseguir resolver isso. Tentei expressar esse amor através do violino, mas tampouco basta.

~~“Não pense que eu vim até aqui pedir que você me ensine um exercício; eu sei que você pode me curar, e eu sei que posso curar o que você sente. Eu acendi o fogo na montanha ao lado, você pode contar comigo.”~~

Como ela dizia isso?

- Aquilo que nos fere é aquilo que nos cura.

→ laborar
Mars.

Meu amigo freia o carro, coloca a mão no bolso, tira todo o dinheiro que está ali e estende à Hilal.

- O trem não é dele. Acho que é mais que suficiente para um bilhete de segunda classe, e poder comer três vezes por dia.

E virando-se para mim:

- Você sabe o momento que estou passando; a mulher que eu amava morreu, e por mais que inspire e expire o resto da minha vida, não vou conseguir mais ser feliz. Sei que você está fazendo esta viagem por alguma razão que desconheço, mas não a deixe assim. Se você está tentando redesenhar sua vida, permita que as pessoas à sua volta possam curar suas feridas.

redescobrir algo em

Hilal não diz nada.

- Perfeito, o trem não é meu. Saiba que estarei sempre cercado de gente e que raramente teremos tempo para conversar.

Meu amigo arranca de novo com o carro e dirige em silêncio por mais 15 minutos. Chegamos à uma rua com uma praça e árvores no centro. Ela explica onde ele deve estacionar, salta, se despede do meu amigo. Eu saio do carro e a acompanho até a porta do edifício onde está hospedada na casa de amigos.

Me dá um rápido beijo na boca.

- Seu amigo está enganado, mas se eu demonstrasse alegria, ele ia pedir o dinheiro de volta – diz, sorrindo. – Não estou sofrendo tanto quanto ele. Alias, nunca fui tão feliz como agora., porque segui os sinais, tive paciência, e sei que isso irá mudar tudo.

Vira-se e entra. ^{no nada} ~~o naquele momento~~, caminhando de volta para o carro, olhando o meu amigo que saiu para fumar um cigarro e está sorrindo porque viu o beijo, escutando o vento que sopra nas árvores renovadas pela força da primavera, consciente de que estou em uma cidade que amo sem conhecer muito bem, procurando um cigarro em meu bolso, pensando que amanhã começo uma aventura que sonhei há tanto tempo, só neste momento,

...só neste momento volta à memória a previsão feita pelo vidente que encontrei na casa de Veronique. Ele falava algo sobre a Turquia, mas não consigo lembrar exatamente o que.

30

[MAPA DA TRANSIBERIANA]

Proj duplu
de fusos horizont

9.288

↑ Verificar
mão

A ferrovia Transiberiana é uma das três maiores do mundo. Embora você possa começar sua viagem em qualquer estação de trem da Europa, a parte russa tem 9.288 quilômetros, ligando centenas de pequenas e grandes cidades, e atravessando sete diferentes zonas horárias. No momento em que entro na estação de trem, as 11 da noite, o dia já raiou em Vladivostok, seu ponto final.

Antes de sua construção, no final do século XIX e início do século XX, a população da Ásia Central estava praticamente isolada do resto do mundo, embora ali estivesse muita da riqueza natural do então Império Russo, responsável por 76% do atual território, poucos se aventuravam a viajar até a Sibéria, onde foi registrada a temperatura mais baixa do Planeta: -71.2°C na cidade de Oymyakon. Os rios que uniam a região ao resto do mundo eram o principal meio de transporte, mas ficavam congelados oito meses por ano. Por razões estratégicas e políticas, o Tsar Alexandre II aprovou sua construção, cujo preço final só foi superado pelo orçamento militar do Império Russo durante toda a I Guerra Mundial.

Sim, acabou, acabou

Logo depois da Revolução Comunista (1917), a ferrovia serviu como um dos eixos das batalhas da guerra civil que estourou logo em seguida. As forças leais ao imperador deposto, notadamente a Legião Tchecoslovaca, ^{US34} construiu uma série de vagões blindados que serviam como tanques sobre trilhos, e assim podiam rechear sem maiores problemas as ofensivas do Exército Vermelho, enquanto eram abastecidas com munição e mantimentos vindo do Leste. Foi quando entraram em ação os sabotadores, explodindo pontes e trilhos. O antigo exército imperial começou a recuar, e grande parte cruzou em direção ao Canadá, ^{para dali seguir a outros países do mundo} para em seguida se espalhar por

No momento em que entrei na estação de Moscou, o preço de um ticket da Europa até o Oceano Pacífico variava entre €30.00 e €60 para um lugar em uma cabine dividida com outras três pessoas.

port!

Fui até o painel com o horário de trens e ~~par~~ - A primeira foto marcando a partida para 11:15 PM! Meu coração estava disparado, como se ~~eu~~ estivesse de novo na minha casa de infância, ~~em~~ o trem elétrico girando em torno do quarto, é minha cabeça viajando para lugares distantes, tão distantes como aquele em que me encontrava agora. Lembro-me que no sul da França eu discutia com J. como estava absolutamente em paz comigo mesmo e com a natureza que me

cercava, e tudo que queria era que os resultados do meu crescimento espiritual pudessem se manifestar. Mas como?

"O momento presente está além do tempo" dissera J. na ocasião.

Embora pouco mais de três meses tivessem se passado, parecia que nossa conversa em St. Martin tinha acontecido em uma encarnação anterior. Naquela casa no sul da França, em via em constante ansiedade: por que não estou progredindo? Por que não aprendi a ter paz? Por que não consigo respeitar a beleza ao meu redor? As emoções negativas se acumulavam, e volta e meia explodiam sem controle, me deixando cada vez pior.

A yoda era simples: preparem-se para viverem! E de repente eu voltava a ser criança. Capaz de viver uma eternidade em cada segundo, rir e chorar sem motivo, ficar entusiasmado com a visão de uma plataforma.

Viver é experimentar, e não ficar pensando no sentido da vida. É evidente que nem todas as pessoas precisam disso; conheci um abade na Austria que passou a vida inteira em no mosteiro de Melk, e mesmo assim conhecia melhor o mundo do que muitos viajantes que encontrei. Tenho um amigo que experimentou grandes revelações espirituais enquanto olhava os filhos dormir. Minha mulher, quando começa a pintar um novo quadro, entra em uma espécie de transe e conversa com seu anjo da guarda.

Mas o meu destino nesta terra era ser peregrino e agora, na estação de Yaroslavl, caminhando em direção à Plataforma 5, me dava conta que jamais poderia chegar onde quero se ficasse o tempo todo no mesmo lugar. Não importa se o meu destino final é minha alma que me acompanha o tempo todo: para que eu possa atingi-la, só aprendendo com o que ocorre do lado de fora do meu mundo.

Nosso vagão é o último, para que possa ser encaixado e separado do trem à medida que paramos em algumas cidades do caminho. De onde estou, não consigo enxergar a locomotiva - apenas aquela gigantesca serpente de aço, com mongóis, tártaros, russos, chineses, alguns deles sentados em malas imensas, todos nós esperando que as portas se abram. As pessoas vem conversar comigo, mas eu não quero pensar em mais nada, a não ser que estou ali, agora, pronto para mais uma partida.

O momento de êxtase infantil deve ter durado apenas uns cinco minutos, mas absorvi cada detalhe, cada ruído, cada cheiro. Não conseguirei me lembrar depois, mas não tem importância: o tempo não é uma fita cassete, que podemos ir adiante ou atrás. O tempo é aqui, aproveite cada instante."

Chego perto do grupo. Sou apresentado ao tradutor: chama-se Yao, nascido no Brasil, criado na China, passou muitos anos no Japão, aposentou-se como ex-professor de línguas da Universidade de Moscou. Deve ter uns 70 anos, alto, impecavelmente vestido de terno e gravata.

- Meu nome quer dizer "muito distante" - ele diz, quebrando o gelo.

- Meu nome quer dizer "pequena pedra" - eu respondo sorrindo. Na verdade, estou com esse sorriso pregado no meu rosto desde a noite anterior, quando mal consegui dormir pensando na aventura do dia seguinte. Meu humor não pode estar melhor.

no dia seguinte neste momento que estou aqui.
A onipresente Hilal está perto do vagão que vou ocupar, embora imagine que sua cabine deve estar muito distante. Não foi surpresa encontra-la ali - eu imaginava que ia acontecer isso mesmo. Mando um beijo à distancia, e ela me retribui, também com um sorriso nos lábios. Talvez, em alguns momentos daquela longa viagem, seja ótimo conversar com ela.
doce da raposa meu livro de bolso, e
Meu tradutor respeita meu silêncio. Mas eu noto que alguma coisa está acontecendo - os editores parecem preocupados. Peço a ele que me diga o que é.

Ele me explica que a pessoa que me representava na Rússia não apareceu. Lembro-me da conversa com meu amigo no dia anterior, mas que importância tem isso? Se não apareceu, o problema é dela.

Vejo que Hilal disse alguma coisa para uma das pessoas da editora, e a resposta foi brusca. Mas Hilal não perde a pose - como não perdeu das outras vezes em que disse que não podíamos nos encontrar. Cada vez gosto mais de sua presença, sua determinação, sua postura. As duas mulheres começam a discutir.

De novo pergunto ao tradutor o que está acontecendo, ele me explica que uma das pessoas da editora pediu que ela voltasse ao seu vagão, da mesma maneira que ocorreu quando eu também disse que não podia estar com ela. Sei que a editora está diante de uma batalha perdida, mas divirto-me com as únicas coisas que posso entender: a entonação verbal e a linguagem dos corpos. Quando julgo que é o suficiente, me aproximo - ainda sorrindo.

- Não vamos colocar uma vibração negativa agora. Todos devemos estar contentes e excitados, não é verdade? Nenhum de vocês fez antes esta viagem.

- Ela quer...

- Deixa. Mais tarde ela irá para o seu vagão.

A editora desiste. As portas são abertas com um ruído que ecoa por toda a plataforma, e as pessoas começam a se mexer. *quem entra* O que está entrando nos vagões naquele momento? Um reencontro com uma pessoa amada, uma visita à família, uma busca de um sonho de riqueza, uma volta vitoriosa, uma volta de cabeça baixa, um descobrimento, uma aventura, uma necessidade de fugir, uma necessidade de encontrar. O trem vai se enchendo de possibilidades reais.

Hilal pega suas malas - na verdade a mochila e uma bolsa colorida e se prepara para subir conosco os degraus. A editora sorri como se estivesse satisfeita com o final da discussão, mas eu sei que na primeira oportunidade irá vingar-se: faz parte da condição humana. Como se não entendêssemos nunca que na vingança o máximo que pode acontecer é que podemos nos igualar aos nossos inimigos - enquanto no perdão mostramos mais sabedoria e inteligência. *isso é*

monjas do Tibet a os cantos do deserto aos capangas de
Nosso vagão é composto, quatro cabines, banheiros, uma pequena sala onde imagino que passaremos a maior parte do tempo, e uma cozinha. *tolerância*

Vou até o meu quarto: cama de casal, a mesa voltada para a janela, uma porta que dá para um dos banheiros. Noto que no final existe outra porta. Vou até lá abro, e dá para um quarto vazio. Pelo que entendo, os dois quartos compartilham o mesmo banheiro.

aproveito, com cadeira,

Sim, a representante que não veio. Mas que importância isso tem?

as pessoas adoram as coisas não refletindo como um efeito especial

Soa o apito. O trem começa a movimentar-se lentamente. Ninguém diz nada, estamos todos nas janelas da pequena sala, olhando a plataforma correr, transformar-se em trilhos. O que mais me impressiona é o total silêncio das pessoas; nenhum de nós quer conversar, estamos todos sonhando com o que pode acontecer; Sou capaz de garantir que ninguém está pensando no que deixou para trás.

quanto

Quando os trilhos desaparecem na noite fechada, nos sentamos em torno da mesa. Já havíamos jantado em Moscou, embora em cima da mesa exista uma cesta de frutas, a única coisa que realmente desperta o interesse geral é a garrafa de vodka. É aberta imediatamente; bebemos, conversamos sobre tudo - menos sobre a viagem, porque ela é o presente, e não as lembranças do passado.

Uma recordação de algo que já aconteceu.

A vodka começa a fazer efeito, e o primeiro sintoma é uma alegria geral. O tradutor me conta um pouco sobre sua vida e suas paixões: literatura, viagem, aikido. Por acaso aprendi aikido, uma arte marcial, quando ainda era jovem; se em algum momento de tédio não tivermos o que conversar, combinamos que treinaremos um pouco no exíguo corredor ao lado das cabines.

as coisas mais diversas as

Hilal conversa com a editora que não queria deixa-la entrar. Sei que ambas estão se esforçando para deixar para trás os mal-entendidos, mas sei também que amanhã é outro dia, o confinamento em um mesmo espaço termina por exacerbar os conflitos, e em breve estaremos diante de outra discussão. Espero que demore muito.

O tradutor parece que está lendo meus pensamentos. Serve vodka para todos e fala de como os conflitos são encarados no aikidô:

- Não é exatamente uma luta. Sempre tentamos acalmar o espírito, buscar a fonte de onde tudo nasce, removendo qualquer vestígio de maldade ou egoísmo. Se você ficar muito preocupado em descobrir o que há de bom ou de mau em seu próximo, irá esquecer de sua própria alma, e será exaurido e derrotado pela energia que gastou ao julgar os outros. A vida é uma manifestação de amor, e um guerreiro deve estar mais concentrado em promover a paz do que em provocar o combate.

Ninguém parece estar muito interessado em que uma pessoa de 70 anos tem a dizer. A alegria inicial provocada pela vodka dá lugar a um cansaço coletivo. Em dado momento vou ao banheiro, e quando volto a sala está completamente vazia.

Exceto por Hilal, claro.

- Onde está todo mundo?
- Esperavam, por educação, que você se ausentasse. Foram dormir.
- Então vá dormir também.

- Mas eu sei que existe uma cabine vazia...

Eu pego a mochila e a sacola, seguro-a delicadamente pelo braço, e a acompanho até a porta do vagão.

- Não exagere a sua sorte. Boa noite.

Ela me olha, não diz nada, e segue em direção à sua cabine, que não tenho a menor idéia onde possa estar.

Vou até meu quarto, e também comigo a excitação dá lugar a um cansaço imenso. Coloco o computador na mesa, meus santos – que sempre me acompanham – ao lado da cama, vou ao banheiro para escovar os dentes e me dou conta que é uma tarefa muito mais difícil que imaginava: o balanço do trem faz com que o copo de água mineral que tenho comigo se transforme em algo difficilimo de equilibrar. Finalmente consigo.

Finalmente consigo o meu objetivo

Coloco minha camiseta de dormir, fumo um cigarro, apago a luz, fecho os olhos, imagino que aquele balanço deve ser parecido com o ventre materno, que terei uma noite abençoada pelos anjos.

Doce ilusão.

Os olhos de Hilal

Quando finalmente o dia raiou, levanto-me, troco a roupa e vou para a sala. Ali já estão todos – inclusive Hilal.

- Você precisa escrever uma permissão para que eu possa voltar aqui – diz ela, antes mesmo de me desejar “bom dia”. Hoje foi um sacrifício conseguir, e os guardas disseram que só me deixam passar se...

Eu ignoro suas palavras e cumprimento os outros. Pergunto se passaram bem a noite.

- Não – é a resposta coletiva.

Pelo visto, não foi só comigo.

- Eu dormi muito bem – continua Hilal, sem saber que está provocando a ira coletiva. – O meu vagão está no centro do trem, e joga muito menos que esse. Esse é o pior vagão para se viajar.

O editor ia dizer qualquer coisa grosseira, mas pelo visto controlou-se. Sua mulher olha para a janela e acende um cigarro, para disfarçar a irritação. A outra editora faz uma cara cuja mensagem está clara para todos: “eu não disse que essa menina era inconveniente?”

- Vou todos os dias colocar um reflexão no espelho – diz Yao, que pelo visto deve também ter dormido muito bem.

Levanta-se, vai até o espelho que existe na sala, e prega um papel onde está escrito:

“Quem deseja ver o arco-iris, precisa aprender a gostar da chuva”.

Ninguém se entusiasma muito com a frase otimista. Não é necessário dom da telepatia para saber o que se passa na cabeça de cada uma daquelas pessoas: “Meu Dues, será que isso vai durar 9.000 quilômetros?”

- Tenho uma foto no meu celular que quero mostrar – continua Hilal. – E trouxe meu violino comigo, para quando desejarem escutar música.

Estamos escutando música vinda do rádio que está na cozinha. A pressão na cabine começa a ferver; em breve alguém vai ser realmente agressivo, e eu não terei mais como controlar a situação.

- Por favor, deixe que tomemos café em paz, respondo. – Depois eu vou tentar de novo dormir. E mais tarde vejo sua foto. Você está convidada, se quiser.

Hilal
O ruído do trovão; ~~outro~~ trem passa ao lado, indo na direção contrária. Aquilo tinha acontecido com regularidade alucinante, a noite inteira. E o balanço do vagão, ao invés de me lembrar a carinhosa mão balançando o berço, parecia mais os movimentos de um barman preparando um ~~coquetel~~ *coquetel*. Estou fisicamente mal, e com um sentimento imenso de culpa por ter feito todas aquelas pessoas embarcarem em minha aventura. Começo a entender porque o famoso brinquedo do parque de diversões se chama "montanha russa" (* ver como será tradução)

37

INICIA
Hilal e o tradutor tentam várias vezes ~~começar~~ *começar* uma conversa, mas nenhuma pessoa naquela mesa – os dois editores, a mulher do editor, o escritor que teve a idéia original – leva os assuntos adiante. Tomamos nosso café da manhã em silêncio; do lado de fora da janela, a paisagem ~~muda~~ *se repete* constantemente – pequenas cidades, florestas, de novo pequenas cidades, de novo florestas.

- Quanto tempo falta até E. ? pergunta o editor a Yao

- Chegaremos nesta madrugada.

Suspiro geral de alívio. Talvez possamos mudar de idéia, e dizer que já bastou como experiência. Não é preciso subir uma montanha para saber que ela é alta; não é preciso chegar a Vladivostok para dizer que se viajou na Transiberiana.

- Bem vou tentar dormir de novo.

Levanto-me. Hilal se levanta comigo.

- E o papel? E a foto no celular?

Papel? Ah sim, a permissão para que pudesse voltar ao nosso vagão. Antes que eu possa dizer alguma coisa, Yao já escreve algo em russo e pede para que eu assinasse. Todos no vagão – eu inclusive – o olhamos com fúria.

- Acrescente, por favor: apenas uma vez por dia.

Yao faz o que peço, levanta-se e diz que irá até um dos inspetores do trem para pedir que carimbem a declaração.

- E a foto no celular?

A esta altura eu aceito tudo, desde que possa voltar para o meu quarto e tentar dormir. Mas não quero mais aborrecer aqueles que me convidam para essa viagem; peço que me acompanhe até o final do vagão. Abrimos a primeira porta, damos em um cubículo onde estão as portas exteriores do trem, e ~~outra~~ *uma terceira* que dá para o próximo vagão. O ruído ali é insuportável, porque além das rodas nos trilhos, há o ranger das plataformas que permitem passar de um carro para o outro. *1 do abito das*

Hilal mostra a foto no celular, possivelmente tirada logo depois do amanhecer. Uma nuvem comprida, no céu.

- E então? Está vendo?

Sim, estou vendo uma nuvem.

- Estamos sendo acompanhados.

Estamos sendo acompanhados por uma nuvem que a esta altura já deve ter desaparecido por completo. Eu ~~concordo~~ com qualquer coisa, desde que possa voltar para o meu quarto.

Continuo concordando

- Tem razão. Depois conversamos sobre isso. Agora volte para sua cabine.

- Não posso. Você me deu permissão ^{para} de voltar aqui apenas uma vez por dia.

O cansaço não me deixara raciocinar direito, e eu não me dera conta de que acabava de criar um monstro. Se ela vier uma vez por dia, chegará de manhã e só nos deixará de noite. ~~Vire-me para ela, com uma certa irritação, e olhando nos seus olhos começo:~~

*Personas inconscientes em labor, que caíram que a menina a lua
Os pinceladas de uma mulher em uma bela rosa uma mulher
que desperta para o combate de lá*

- Escute bem. Eu sou convidado aqui. Adoraria ter sua companhia o tempo todo, você está sempre cheia de energia, jamais aceita um "não" como resposta, mas acontece...

Os olhos. Verdes, sem qualquer maquiagem em volta.

- ...acontece que...

Talvez seja mesmo a exaustão. Mais de 24 horas sem dormir, e perdemos por completo quase todas as nossas defesas; estou neste estado. Aquele cubículo sem nenhum móvel, feito apenas de vidro e aço, começa a ficar difuso. O barulho começa a diminuir, a concentração desaparece, eu já não tenho plena consciência de quem sou e em que lugar estou agora. Faço um esforço, mas não consigo pensar direito; sei que estou pedindo que ela se comporte, que volte para onde veio, mas o que está saindo de minha boca não tem qualquer relação com o que estou vendo.

Estou olhando para a luz, para um lugar sagrado, e uma onda vem em minha direção, me enchendo de paz e amor, embora estas duas coisas quase nunca antes juntas. Estou vendo a mim mesmo, mas ao mesmo tempo ali estão ^{as árvores} os tigres na África, os camelos no deserto, os peixes no oceano, as cidades e as florestas do mundo. ^{Montanha} Estou no Aleph, o ponto onde tudo está no mesmo lugar ao mesmo tempo. ^{Arco de mergulho}

Estou em uma janela olhando para o mundo e seus lugares secretos, a poesia perdida no tempo e as palavras esquecidas no espaço. Aqueles olhos estão me dizendo coisas que nem sequer sabemos que existem mas que estão ali, prontas para serem descobertas e conhecidas apenas pelas almas, não pelos corpos. Frases que são perfeitamente compreendidas desde que não sejam pronunciadas. Sentimentos que exaltam e sufocam ao mesmo tempo,

Estou diante de portas que se abrem por uma fração de segundo e logo tornam-se a fechar, mas que permitem desvelar o que está escondido atrás delas - os tesouros, as armadilhas, os caminhos não percorridos e as viagens jamais imaginadas.

- Por que está me olhando desta maneira? Por que seus olhos estão me mostrando tudo isso?

Não sou em quem está falando, mas a menina, ou mulher à minha frente. Nossos olhos se transformaram em espelhos de nossa alma - talvez não apenas de nossa alma, mas de todas

encalhando, desorientando, 39
as almas de todas as criaturas que naquele momento estão caminhando, amando, sofrendo ou sonhando neste planeta.

- Não sou eu... acontece que...

Não consigo terminar a frase, porque as portas continuam se abrindo e revelando ^{seus} segredos dos olhos que tenho diante de mim. Vejos mentiras e verdades, danças exóticas diante do que parece ser uma imagem de deusa, marinheiros lutando contra o mar violento, um casal sentado em uma praia e olhando o mesmo mar, que parece calmo e acolhedor. As portas continuam se abrindo, as portas dos olhos de Hilal, e eu começo a ver a mim mesmo, como se já nos conhecêssemos há muito tempo, muito tempo...

- O que você está fazendo?

- O Aleph...

As lágrimas da menina ou mulher diante de mim parecem querer sair por uma daquelas portas. Alguém disse que as lágrimas são o sangue da alma, e é isso que começo a ver agora, porque entrei em um túnel, estou indo para o passado, onde também ela me espera, as mãos postas como se estivesse rezando a prece mais sagrada que Deus concedeu aos homens. Sim, ela está ali, diante de mim, ajoelhada no chão e sorrindo, dizendo que o amor pode salvar tudo, mas eu olho para as minhas roupas, minhas mãos, uma delas tem uma pena...

- Pára!

Hilal fecha os olhos. De novo estou em um vagão de trem indo para a Sibéria, e dali para o Oceano Pacífico, ainda mais cansado que antes, entendendo perfeitamente o que aconteceu – mas incapaz de dividir com a moça a minha frente. ^{explicar}

Ela me abraça. Eu a abraço e acarício suavemente os seus cabelos.

- Eu sabia – diz ela. – Eu sabia que eu te conheço. Eu sabia desde que vi pela primeira vez uma foto sua, como se tivéssemos que nos encontrar de novo em algum momento desta vida. Comentei com amigos e amigas, que disseram que eu estava delirando, que milhares de pessoas devem dizer a mesma coisa sobre milhares de outras pessoas todos os dias. Eu achei que tinham razão, mas a vida... a vida te trouxe até mim. Você veio para me encontrar, não é verdade?

Eu estou aos poucos me recompondo da experiência que acabo de ter. Sim, eu sei do que ela está falando, porque há muitos ^{anos} ^{seculares} cruzei uma das portas que vi agora nos seus olhos. Ela não estava ali, mas outras pessoas estavam. Com todo cuidado pergunto o que viu. ¹⁶

^{Junto com}
- Não sei explicar. Acho que jamais conseguirei explicar isso em toda a minha vida.

Mas no momento em que fechei os olhos estava em um lugar confortável, seguro, como se fosse... minha casa.

Não, ela não sabe do que está falando. Ela ainda não sabe. Mas eu sei. Torno a pegar suas bagagens e a reconduzo para o salão.

- Estou exausto, não consigo pensar nem conversar. Sente-se aí, leia alguma coisa, deixe-me descansar um pouco e volto logo. Se alguém vier comentar algo, diga que fui eu quem pediu para que ficasse.

foi o que ped.
Ela obedece. Eu vou para o meu quarto, jogo-me na cama e caio em um sono profundo.

Alguém bate na porta.

- Estamos chegando em dez minutos.

Abro os olhos *ela* e de noite. Melhor dizendo, deve já ser de madrugada; dormi o dia inteiro e agora vou ter dificuldades em ~~voltar a dormir.~~ *começo a acordar*

- Vão retirar o vagão ~~do trem~~ e deixa-lo na estação, de modo que basta levar o suficiente para duas noites na cidade – continua a voz do lado de fora.

Abro as persianas da janela. Começam a aparecer luzes lá fora, o trem diminui a velocidade, realmente estamos chegando. Lavo o rosto, preparo rapidamente a mochila com o necessário para dois dias em E. Pouco a pouco a experiência da manhã começa a voltar.

Quando saio, todos já estão de pé no corredor – exceto Hilal, que continua sentada no mesmo lugar que a havia deixado. Ela não sorri; apenas me mostra um papel.

- Yao me deu a permissão.

Yao me olha e sussura:

- Você já leu o Tao?

Sim, já tinha lido o Tao Te King, como quase todo mundo da minha geração *que Hilal* e com as mesmas curiosidades que eu.

- Então sabe que “gaste suas energias, e permanecerá novo”.

Ele faz um gesto imperceptível de cabeça, indicando a moça que ainda está sentada. Acho o comentário de mau-gosto.

- Se você está insinuando que...

- Não estou insinuando nada. Se você compreendeu errado é porque isso deve estar na sua cabeça. O que quis dizer, já que não consegue entender as palavras de Lao Tzu: deixe sair tudo que está sentindo, e irá se renovar. Pelo que posso perceber, ela é a pessoa certa para ajuda-lo.

os dois tinham conversado?

manhã?

Será que tinha conversado com Hilal? Será que tinha percebido o que acontecera de

- Você acredita em um mundo espiritual? Você acredita em um mundo paralelo, onde o tempo e o espaço são eternos e sempre presentes?

Os freios começam a rangir. Yao fica balançando a cabeça, fazendo um sinal afirmativo, mas na verdade entendo que está medindo suas palavras. Finalmente responde:

- Não acredito em Deus como você o imagina. Mas acredito em muitas coisas que você nem sonha. Se amanhã a noite estiver livre, podemos sair juntos.

O trem para. Hilal finalmente se levanta e vem até nós, Yao sorri e a abraça. Todos colocam os casacos. Descemos em E. as 1:04 AM.

no momento que aconteceu no step
Yao balançou a cabeça ali e entendeu
o que estava acontecendo?

A casa Ipatiev

212

A onipresente Hilal desapareceu.

Desci pensando em encontra-la no saguão do hotel, mas ela não está lá. Embora tenha passado o dia anterior praticamente desmaiado na cama, mesmo assim consegui dormir em "terra firme". Telefone para o quarto de Yao, e saímos para dar uma volta pela cidade. É exatamente tudo que eu queria agora – caminhar, caminhar e caminhar, respirar ar puro, olhar a cidade desconhecida e senti-la como se fosse minha.

Yao ia me relatando alguns fatos históricos - terceira maior cidade da Rússia, riquezas minerais, coisas do tipo que encontramos em qualquer folheto de turismo - mas eu não estava nem um pouco interessado. Paramos diante de um palacete pintado de branco.

- Foi a casa de um homem chamado Nicolas Ipatiev. Vamos entrar um pouco.

Aceito a sugestão porque já estou começando a ficar com frio. Olho em volta, parece um pequeno museu mas os letreiros estão todos em russo. Descubro uma parede cheia de grafitti, também em russo. A única coisa que posso entender são alguns desenhos, e um deles me chama particularmente a atenção: um monge barbudo parece praticar um ato de sodomia com uma mulher.

Yao me olha, como se eu estivesse entendendo tudo, mas não estou.

- Você não sente nada?

Digo que não. Ele parece decepcionado e insiste:

- Mas você, que acredita em mundos paralelos e na eternidade do momento presente, não está sentindo absolutamente nada?

Fico tentado a contar que foi justamente isso que me trouxe até aquele lugar; contar minha conversa mais recente com J. e meus conflitos internos a respeito da capacidade de conectar-me com meu lado espiritual. Só que isso agora já não corresponde mais à verdade: desde que parti de Londres – e parece uma eternidade – tenho me sentido cada vez mais conectado. Por uma fração de segundo lembro-me do episódio no trem, o olhar de Hilal, e logo procuro afastar aquilo da cabeça.

- Se eu não estou sentindo nada não quer dizer necessariamente que esteja desconectado. Talvez neste momento minha energia esteja voltada para outro tipo de descoberta. Estamos em uma casa antiga, e imagino que aqui já deve ter nascido e morrido muita gente. O que exatamente aconteceu?

- Aqui acabou o Império. Na noite de 16 para 17 de julho, a família de Nicolau II – o último tsar de todas as Russias - foi executado junto com seu médico e três empregados. Começaram por Nicolau, baleado múltiplas vezes na cabeça e no peito. As últimas a morrer foram Anastásia, Tatiana, Olga e Maria, golpeadas por baionetas.

no local "Diz-me que seus espíritos continuam vagando procurando ao Jôir que deixaram p/haz"

Sim, eu tinha visto filmes e lido histórias a respeito. Agora a casa ganhava um novo sentido para mim. Pergunto o que significava o grafitti do monge na parede, ele me explica que foi feito por um dos soldados que guardavam a família do Tsar, e mostrava Rasputin tendo relações sexuais com a Imperatriz. Olho de novo o local, agradeço por ter me mostrado, e peço que continuemos a andar.

- A casa só passou a fazer sentido depois que você me contou a história, digo para ele, enquanto andamos. - Como muitas coisas nessa vida.

- Nem sempre com palavras, não é verdade?

Nem sempre com palavras. Como os olhos de Hilal. Mas ele não precisa saber disso agora.

- Você me perguntou ainda no trem se gostaria de acompanhá-lo em algo que irá fazer hoje a noite. O convite ainda vale?

- Se você desejar, claro. Se não tiver outros planos.

Não tenho outros planos além da tarde de autógrafos, jantar, e da festa a seguir - que não deve terminar muito tarde.

Andar está me fazendo muito bem ao corpo e à alma. Estou mudando, meus sentidos são capazes de perceber melhor o mundo à minha volta, e aquilo que pedi a J., "uma conexão mais duradoura com o mundo espiritual", agora me parece ingênuo. A conexão existe se eu estiver completamente concentrado no momento presente: aqui estão os sinais, os mundos paralelos, os milagres. O tempo realmente não existe: Yao é capaz de falar sobre a morte do Tsar como se tivesse acontecido ontem, e me lembro da plataforma de trem em Moscou como algo no mais longínquo passado.

Paramos em um parque, e ficamos olhando as pessoas. Mulheres com filhos, homens apressados, rapazes discutindo em um canto, em torno de um rádio que toca música alta. Moças exatamente do lado oposto, ocupadas em uma conversa muito animada sobre algum assunto sem qualquer importância. Pessoas de idade com seus longos casacos de inverno, embora já seja primavera. Yao compra dois cachorros-quentes e volta.

- É difícil escrever?

- Não. É difícil aprender tantas línguas estrangeiras?

- Tampouco. Basta prestar atenção.

- Eu vivo prestando atenção, e jamais consegui ir além do que aprendi quando era

jovem.

- Pois eu nunca tentei escrever, porque desde jovem me disseram que é necessário estudo, leituras aborrecidíssimas, e muitos contatos com intelectuais. Detesto intelectuais; ficam pensando em um mundo ideal, e não fazem nada para construí-lo.

Não sei se aquilo é uma indireta. Estou comendo meu cachorro-quente, e não preciso responder. Volto de novo a pensar em Hilal e no Aleph. Será que ela ficou assustada, e agora que está em casa, desistiu da viagem? Há alguns meses eu ficaria preocupadíssimo com um processo interrompido no meio, achando que meu aprendizado dependia única e exclusivamente daquilo. Mas ~~agora~~ está fazendo sol, estamos em um parque comendo, e se o mundo parece em paz é porque está em paz.

a uniao esta deliriosa

- O que é necessário para escrever? – insiste Yao.

- A mesma coisa: basta prestar atenção. Está vendo este parque diante de nós? Aqui estão várias histórias que embora tenham sido contadas muitas vezes, sempre vale a pena repeti-las. O ~~é~~ *escritor é um espelho do* alguém que consegue olhar o mundo. Claro que a leitura é importantíssima, mas aquele que se aferra aos livros acadêmicos e aos cursos de estilo, não entende o essencial: as palavras são a vida colocadas no papel. Portanto, busque as pessoas.

Yao parece reflexivo.

- Talvez porque sempre que vejo aqueles cursos de literatura na Universidade em que lecionei, tudo aquilo me parecia...

...artificial, imagino. Ninguém aprende a amar através de um manual, ninguém aprende a escrever freqüentando um curso. Não estou dizendo: "busque outros escritores". Digo: encontre pessoas com diferentes habilidades, porque escrever não é diferente de qualquer atividade feita com alegria e entusiasmo.

o livro que he deu um conselho

- Você escreveria um livro sobre os últimos dias de Nicolau II?

- Não é algo que me entusiasme muito. A história é interessante, mas o ato de escrever para mim é sobretudo um ato de descobrir a mim mesmo. Mas não se deixe intimidar, e não fique procurando aqueles que fazem tudo absolutamente certo. A perfeição técnica não é sinônimo de qualidade. Busque gente que não tem medo de errar, e, portanto erra. Por causa disso, nem sempre seu trabalho é reconhecido. Mas é este tipo de pessoa que transforma o mundo, e depois de muitos erros consegue acertar algo que fará a diferença completa na sua comunidade.

*de quem
que
o livro
cultura
para a
consegue
evoluir*

Era isso que eu sempre procurava: aqueles que não podem ficar esperando que as coisas aconteçam, para depois poderem decidir qual a melhor maneira de agir; elas decidem à medida que agem, mesmo sabendo que isso pode ser muito arriscado.

Como
- E novamente penso em Hilal. *é que a todo momento penso onde*
Agora já convencido que sua missão era me fazer

recordar o Aleph, e portanto não havia mais necessidade de continuarmos viajando juntos.

- Os melhores aliados são aqueles que não pensam como os outros – continuei. Estava conversando com Yao, mas na verdade estava falando para mim mesmo. - Não ligue para os comentários alheios. As pessoas sempre julgam os outros tendo como modelo suas próprias limitações – e às vezes a opinião da comunidade é cheia de preconceitos e medos.

- Como Hilal
- Por que ele está defendendo isso?

45

No parque, o grupo de garotos nunca olha as meninas conversando a apenas alguns metros. Os mais velhos passam concentrados em suas memórias de infância. As mães olham os filhos como se ali estivessem todos os futuros artistas célebres, milionários, e presidentes da republica. O cenário diante de nossos olhos era a síntese do comportamento humano.

- Já vivi em muitos países - diz Yao. - Evidente que passei por momentos muito aborrecidos, enfrentei situações injustas, falhei quando esperavam o melhor de mim. Mas estas memórias não tem a menor relevância na minha vida; as coisas importantes que ficaram foram os momentos em que escutei pessoas cantando, contando histórias, aproveitando a vida. Perdi minha mulher há vinte anos, e no entanto parece que foi ontem, ela ainda está aqui, sentada neste banco conosco, relembrando os momentos felizes que vivemos juntos.

Sim, ela ainda está aqui. Se conseguir encontrar as palavras certas, terminarei explicando isso a ele. Minha sensibilidade agora está à flor da pele, depois que vi o Aleph, e que entendi o que J. dizia quanto a alguém que já fui e continuava sendo. Eu sabia quem já fui, achei que não continuava sendo, não sei se vou conseguir resolver isso, mas pelo menos estou consciente do problema.

- Vale sempre a pena contar uma história, nem que seja apenas para a sua família.

Você tem filhos?

- Dois homens e duas mulheres. Mas não estão muito interessados nas minhas histórias, porque pelo visto já as repeti muitas vezes. Voce vai escrever sobre a Tansiberiana?

- Não.

Mesmo que eu quisesse, mesmo que meus leitores esperassem isso, como é que eu poderia descrever o Aleph?

(confeio que ele disse)

46

A onipresente Hilal continua desaparecida.

Depois de controlar-me por boa parte do jantar, agradecendo a todos pela organização da tarde de autógrafos, pela música e dança russa na festa que se seguiu (as bandas em Moscou e nos outros países normalmente tocavam um repertório internacional), pergunto se alguém deu o endereço do restaurante para ela. As pessoas me olham com alguma surpresa: claro que não! Pelo que todos haviam entendido, aquela menina não estava me deixando em paz. Ainda bem que não esteve presente durante o meu encontro com os leitores.

meus
felizes
porquê

- SIM. foi ótimo.

Eu concordo — ainda bem que não esteve presente. Yao me olha do outro lado da mesa, e entende que na verdade estou dizendo o oposto: "adoraria que ela estivesse aqui". Mas por que? Para visitar o Aleph mais uma vez e terminar entrando na porta que não me traz nenhuma boa lembrança? Sei onde ela me viu. Já estive ali quatro vezes, e em nenhuma delas conseguiu encontrar a resposta que procurava.

Terminamos o jantar. Os dois convidados que representam os leitores, escolhidos ao acaso, tiram fotos e perguntam se eu gostaria de conhecer a cidade. Sim, eu gostaria.

- Tínhamos combinado algo — diz Yao do outro lado da mesa.

A irritação dos editores, que antes era com a moça determinada que insistia em estar sempre presente, começa a voltar-se para o tradutor que contrataram.

exige minha presença quando de fato sei exatamente o contrário

- Acho que ele está cansado — diz a editora. — O dia foi longo.

- Ele não está cansado. Vejo que sua energia está muito boa, por causa das vibrações de amor esta tarde.

o melhor tem razão

Estou começando a achar que Yao, apesar da idade, está realmente querendo mostrar a todos que ocupa uma posição privilegiada no "meu reino". Depois da conversa essa manhã fiquei na dúvida: será que ele deseja me "contar uma história fantástica, que daria um ótimo livro?" Resolvo deixar todo mundo satisfeito:

Sim, embora não
amou pelo Muller
é no que foi
como quer
tanto que
esteja quando
muito forte.

- Irei andando para o hotel com Yao. Mas realmente preciso estar um pouco só hoje à noite.

Hoje primeira noite de solidão de quem embarca.

Entanto

A temperatura baixou mais do que imaginávamos, o vento está soprando e por causa disso a sensação de frio é ainda pior. Passamos por uma rua movimentada; e vejo que não sou o único a querer ir direto para casa. Entretanto, depois de um dia e meio trancado em um trem, e sabendo que ainda falta uma enormidade de quilômetros pela frente, aquele vento gelado se transforma em uma benção.

Estão fechando as lojas, empilhando as cadeiras em cima das mesas, apertando as luvas das mãos

sintam numa posição inferior, como se depender de alguém fosse algo indigno. Pensam: "se alguém está nos dando algo, é porque somos incompetentes para consegui-lo com o próprio esforço". Ou então: "a pessoa que me dá agora, um dia irá cobrar com juros." Ou ainda, o que é pior: "eu não mereço o bem que me querem fazer."

Mas aqueles dez minutos ali me ~~ensinam~~ ^{relembram,} me educam, me libertam. No final, quando atravesso a rua, tenho o equivalente a onze dólares em meu copo de suco de laranja. Yao conseguiu mais ou menos a mesma coisa. ~~Penso que~~ realmente eu estava precisando disso; viver algo que há muito tempo não vivia, e assim renovar não apenas a cidade, mas a mim mesmo.

- O que faremos com o dinheiro?

~~Me dou conta que~~ ^{continua pensando} estou vendo Yao de maneira muito diferente do que ~~aquela~~ ^{no restaurante} manhã. Ele sabe algumas coisas, eu sei outras, e podemos continuar nos ensinando mutuamente.

- Em teoria, ele é nosso, porque nos foi dado. Portanto, guarde e use em tudo que julgar importante.

Coloco as moedas ~~em um bolso separado~~ ^{no bolso esquerdo}, e farei exatamente o que está me sugerindo. Caminhamos a passos rápidos em direção ao hotel, porque o tempo passado ao ar livre tinha queimado todas as calorias do jantar. ^{em um lugar separado}



Quando chego no saguão, a onipresente Hilal está nos esperando. Junto com ela, uma senhora muito bonita, e um senhor de terno e gravata.

- Ola - digo. - Entendo que está de volta à casa. Mas foi uma alegria viajar este trecho comigo. São seus pais?

O homem não mostra qualquer reação, mas a bela senhora ri.

- Oxalá fossemos! Essa menina é um prodígio. Pena que não consegue dedicar-se o suficiente à sua vocação; que grande artista o mundo está perdendo!

Hilal parece que não escutou o comentário. Vira-se direto para mim:

- Ola? É isso que você tem a me dizer depois daquilo que aconteceu no trem?

A mulher olha espantada. Imagino ^{o que está pensando:} seu pensamento agora: o que ~~será~~ ^{será} que aconteceu no trem? Será que eu não entendo que podia ser pai desta menina? Yao diz que está na hora de subir para seu quarto. O senhor de terno e gravata não reage, possivelmente porque não entende inglês.

- Não aconteceu nada no trem. Pelo menos nada do que imaginam! E quanto a você, menina, o que esperava que dissesse? Que senti sua falta? Estive muito ocupado hoje à tarde,

~~podia pensar em meus uado~~ ^{mas}
A mulher traduz para o senhor de gravata, todos sorriem - inclusive Hilal. Pela minha frase, ela entendeu que senti sua falta, ^{por que não havia percebido nada sobre isso e eu o mencionarei}
~~expressionalmente~~

porque

Peço que Yao fique mais um pouco, não sei onde aquela conversa vai chegar. Sentamos e pedimos um chá. A mulher bonita se apresenta como professora de violino, e explica que o senhor que as acompanha é o diretor do Conservatório local.

ela sistematicamente insegura

Porque não tem confiança no que faz, acha que não é reconhecida, que as pessoas detestam seu repertório. Não é verdade.

Hilal insegura? Alguém que conheci poucas pessoas determinadas como ela.

Hilal dá uma alta gargalhada. A professora continua, como se nada tivesse acontecido: - E como toda pessoa de muito talento, ela tem os olhos complacentes, gentis, mas sei o que está por detrás daquilo - é um pouco... digamos... instável.

que tem muita sensibilidade, continua a professora com seus

- Instável! - repete Hilal em voz alta. - Uma palavra educada para dizer: LOUCA!

A professora vira-se para ela com carinho, e volta-se para mim, aguardando que eu diga alguma coisa. Eu não digo nada, e ela continua:

- Sei que o senhor pode ajuda-la. Soube que assistiu-a tocando violino em Moscou. Soube também que foi aplaudida, e isso nos dá uma idéia do seu talento porque o pessoal de Moscou é muito exigente com música. É uma pessoa disciplinada, estuda mais horas que a maior parte dos outros, já tocou em orquestras importantes aqui na Rússia, e já viajou para o exterior junto com uma delas. Mas de repente, alguma coisa aconteceu; não conseguiu progredir mais.

Eu acredito na ternura daquela mulher. Eu sinceramente penso que ela quer ajudar a Hilal e a todos nós. Mas a frase "de repente aconteceu alguma coisa, não progrediu mais" ressoou em meu coração. Porque justamente por esta razão eu estava agora aqui, neste lugar - o que até três meses atrás era absolutamente impossível sonhar.

O senhor de gravata não consegue participar da conversa - sua presença ali deve ser para apoiar a bela mulher de olhos doces e a talentosa violinista. Yao finge estar concentrado no chá.

- Mas o que posso exatamente fazer?

- O senhor sabe o que pode fazer. Mesmo que ela não seja uma criança, seus pais estão preocupados. Ela não pode parar sua carreira profissional no meio de ensaios e seguir uma ilusão.

A mulher bonita dá uma pausa. Entende que a frase certa não era exatamente a que acabara de dizer.

- Ou seja; pode ir até o Pacífico qualquer outra hora, mas não neste momento, que temos um novo concerto para ensaiar.

com a cabeça, apenas para ajuda-la.

Eu concordo, mas independente do que diga, Hilal irá fazer exatamente o que lhe der na cabeça. Penso que trouxe os dois ali para me testar.

Bem-vinda,

sobre os valores

50

que faz ^{em} digo, levantando-me. – Mas não fui eu quem a convidei. Não sou eu quem está pagando sua passagem. Não a conheço direito.

O olhar de Hilal diz: "mentira". Mas eu continuo.

- De maneira que, se amanhã ela estiver no trem em direção a Novosibirski, não será absolutamente minha responsabilidade. Por mim, ela ficava aqui. Se a senhora conseguir convencê-la disso, terá não apenas minha gratidão, como a de muitas pessoas no trem.

Yao e Hilal deu uma gaguejada
Hilal entende que estou dizendo: "não é minha responsabilidade, mas não é meu problema. Se não deseja que ela vá, convença-a."

A bela mulher me agradece, diz que entende perfeitamente a minha situação, e que irá conversar com ela, explicar um pouco mais sobre as realidades da vida. Todos nos despedimos, o senhor de terno e gravata aperta minha mão, dá um sorriso – e não sei porque, penso que ele está doído para que Hilal continue sua viagem; ela deve ser um problema para toda a orquestra.

Yao agradece pela noite especial, e sobe para seu quarto. Hilal não se mexe.

- Vou dormir. Você escutou a conversa. E francamente, não entendo o que foi fazer no Conservatório de Música: pedir permissão para continuar? Dizer que estava viajando conosco e despertar a inveja dos colegas?

- Fui lá para saber que eu existo. Depois do que aconteceu no trem eu já não tenho certeza de nada. O que aconteceu?

Entendo o que quer dizer. Me lembro de minha primeira experiência com o Aleph, completamente por acaso, em 1982 no campo de concentração de Dachau, na Alemanha. Fiquei desorientado por alguns dias, e se não fosse minha mulher teria certeza de que tivera um derrame cerebral.

- Meu coração disparou, eu achei que não estava mais neste mundo, senti o pânico absoluto, vi a morte de perto. Tudo à minha volta parecia estranho, e se você não me segurasse pelo braço, acho que não conseguiria mover-me. Eu tinha a sensação de que coisas importantíssimas apareceram diante de meus olhos, mas não consegui compreender nenhuma delas.

Minha vontade foi dizer: acostume-se, foi seu primeiro ataque de síndrome do pânico, mas seria mentir em uma área sagrada para mim.

- Foi o Aleph.

- Sim, em algum momento daquele tempo interminável que permaneci em um transe que jamais experimentei, escutei você dizendo esta palavra.

Vejo que a simples lembrança do que ocorreu faz com que esteja de novo com medo.

- Voce continua achando que deve continuar a viagem?

- Mais do que nunca. O terror sempre me fascinou. Você lembra a história que contei na Embaixada...

Sim, lembro – mas não é o momento de voltar a tocar naquilo. Peço que vá até o bar e traga café. Ela obedece, discute com o barman, porque pelo visto somos os únicos clientes e ele está doído para fechar. Finalmente volta com duas chicanas de café turco – onde o pó não é filtrado. Como brasileiro, café de noite não me assusta: durmo bem ou mal dependendo de outras coisas.

Corrige com P

- Não dá para explicar o Aleph, como você mesma viu. Mas na Tradição mágica ele pode ser duas coisas. A primeira delas é um ponto no universo que contem todos os outros pontos, presentes e passados, pequenos ou grandes. Você já deve ter ido em uma festa e descoberto que em determinados lugares da sala sente-se melhor que em outros. Isso é uma pálida comparação com o Aleph, mas a energia Divina flui de maneira diferente no espaço. E essa energia está carregada de algo que chamamos "Tempo". Ou seja: mesmo em uma coisa tão comum como uma festa, todas as suas vidas passadas e futuras estão ali, na sua alma. E se você encontra o lugar certo onde ficar, elas lhe ajudam a ser mais segura e mais presente. Será que estou me explicando?

- Continue. Se não conseguir entender teremos muito tempo no trem para que me explique de novo.

Ela então vai continuar. Seu comentário me enche de alegria e tristeza ao mesmo tempo. Sim, gostaria de resolver aquela parte de minha vida de uma vez por todas, e com absoluta certeza J. estava se referindo a isso. Por outro lado, o processo pode ser profundamente doloroso – e depois de tantas semanas de viagem, eu estou de ótimo humor e aproveitando tudo com a alegria e coração aberto.

- Qual a segunda coisa?

- Antes preciso completar: o exemplo da festa é irrelevante perto do grande Aleph. É apenas uma comparação. O grande Aleph sempre aparece por acaso; você está andando em uma rua, ou senta-se em determinado lugar, e de repente o universo inteiro está ali. O meu escritor favorito, Jorge Luis Borges, tem uma história a respeito – procure encontrar o livro antes de embarcarmos amanhã. No caso do grande Aleph, ele pode leva-la à loucura ou à cegueira.

- Continue: qual a segunda coisa?

- A segunda coisa a provocar o Aleph é também um ponto carregado de história. No nosso caso, foi aquele espaço no trem. Mas aí é necessário que duas energias diferentes colidam e provoquem uma reação em cadeia. Essas duas energias...

Não sei se devo ir além, mas é inútil. Hilal completa a frase

- Tem que fazer parte de uma única. Os planetas que se atraem e terminam colidindo. Os amantes que se encontram depois de muito, muito tempo.

Eu me levanto pela segunda vez.

- Não necessariamente. Mas pessoas que tiveram afinidades...

- ...em vidas passadas.

- Você anda lendo coisas que não correspondem à realidade.

-Eu te amo.

- Não, não é isso que estou dizendo.

Mas ela não deseja escutar o resto. De novo me dá um rápido beijo na boca, como fizera em Moscou, e sai para a noite gelada de E. .

52

(Conf.
comp)

Sonhadores não podem ser domados

*A vida cansada seu pecado logo
ao seu que nasceu
a vo. nasceu*

83

A vida é o trem, não é a estação. E o que sinto, depois de quase dois dias de viagem, é cansaço, desorientação, a tensão que cresce quando um grupo de pessoas está confinado no mesmo lugar, e nostalgia pelo passado.

O passado, neste caso, é a liberdade em E.. Lembro-me que no dia de embarcarmos, encontrei na portaria do hotel havia uma mensagem de Yao perguntando se eu não gostaria de treinar um pouco de aikidô, mas não respondi: estar sozinho algumas horas era necessário.

Passei aquela manhã inteira fazendo o máximo de exercício físico possível – o que para mim significa caminhar e correr. Assim, quando voltasse ao vagão, com toda certeza estaria cansado o suficiente para dormir. Consegui falar por telefone com minha mulher – meu celular não funcionava no trem. Expliquei que talvez a Transiberiana não tenha sido a melhor idéia do mundo, e que não estava convencido que iria até o final, mas de qualquer maneira estava valendo como experiência. Ela me respondeu que o que eu decidisse estava bom, mas que tivera um sonho e não conseguia compreender: eu estava em uma praia, alguém chegava do mar e me dizia que finalmente estava cumprindo minha missão. Em seguida desaparecia.

Perguntei se era mulher ou homem; disse que o rosto estava envolto por um capuz, e não sabia a resposta. Abençoou-me e disse que não precisava preocupar-me, tudo estava bem, o Rio de Janeiro estava um forno embora ali já fosse outono, e que eu fizesse absolutamente tudo que julgasse necessário, sem preocupar-me com ela.

Na parte da tarde encontrei os editores, dei algumas entrevistas, jantamos em um excelente restaurante, e fomos para a estação em torno das 11 horas da noite. Atravessamos a cadeia de montanhas que separa a Europa da Ásia em plena escuridão; ninguém viu absolutamente nada.

E a partir daí, a rotina tornou a instalar-se. Quando o dia raiava, como se movidos por um sinal invisível, todos já estavam de novo em torno da mesa do café da manhã. De novo, ninguém havia conseguido pregar o olho. Nem mesmo Yao, que parecia estar acostumado com este tipo de viagem; seu ar parecia cada vez mais cansado e mais triste.

Como sempre, Hilal esperava ali. E como sempre, dormira melhor que todo mundo. Começamos com as queixas sobre o balanço do vagão, comíamos, eu voltava para o quarto para tentar dormir, levantava depois de algumas horas, voltava para sala, encontrava as mesmas pessoas, comentávamos os milhares de quilômetros que nos esperam adiante, olhávamos pela janela, fumávamos, escutávamos a música sem graça que vinha pelo sistema de alto-falantes do trem. Hilal quase não diz nada, eu procuro ver até onde vai sua paciência. Voltava de novo para o quarto, escrevia um pouco, tentava dormir de novo, cochilava algumas horas mas agora a noção do tempo estava se perdendo rapidamente. De novo a sala, o jantar, a vodka, mais silêncio que conversa. O editor me contou que quando não estou por perto, Hilal fica tocando um violino imaginário, como se estivesse praticando. Sei que jogadores de xadrez fazem a mesma coisa: trabalham partidas inteiras em suas cabeças, apesar da ausência do tabuleiro.

precisando.

- Sim, ela está tocando música silenciosa para seres invisíveis. Talvez estejam

54

Hoje, outro café da manhã. Parece que, como tudo na vida, estamos começando a nos acostumar. Meu editor quase não fala. A editora guarda munição para resolver seu problema com Hilal para ser resolvido, e penso que isso acontecerá assim que o tédio tornar-se insuportável. A mulher do meu editor olha a paisagem que passa pela janela, absorvida em seus pensamentos.

- Qual é a sua idade? – pergunta a editora.

- 21 anos.

- Não parece.

“Não parece” geralmente significa “parece mais velha”. O que realmente era verdade.

- O diretor do Conservatório de Música me procurou ontem no hotel – continua a editora. - Disse que você é uma das violinistas mais talentosas que já conheceu. Mas que de repente se desinteressou por completo da música.

- Foi o Aleph – ela responde, sem me olhar diretamente.

Todos a encaram surpresos. Eu finjo que não escutei. Ninguém ousa perguntar o que é o Aleph, mas meu editor tem uma resposta.

- Publiquei um livro sobre matemática que tem esta palavra no título. Na linguagem técnica, significa a “o número que contem todos os números.” O livro era sobre Kabbalah e matemática. Matemáticos usam o Aleph como uma referencia para o número cardinal que define o infinito...

Ninguém parece estar acompanhando a explicação. Ele para no meio.

- Está também no Apocalipse – eu digo, como se fosse a primeira vez que estivesse escutando sobre o assunto. - Quando o Cordeiro define que é o início e o fim, aquele que está além do tempo. É a primeira letra dos alfabetos hebreu, árabe, aramaico, e importantíssima no estudo da Cabala.

“Segundo a tradição mágica, existem três tipos de Aleph. O primeiro é um ponto qualquer, que só é descoberto por acaso; em uma famosa história de Borges, este ponto está em uma escada, bem junto a um dos degraus, e o protagonista só o descobre porque escorrega e cai.

“O segundo é aquele que é provocado também por acaso, quando duas pessoas que o Destino escolheu para uma missão específica, se encontram no lugar certo.”

- O que quer dizer com "lugar certo" – pergunta o editor.

- Quero dizer que muitas vezes duas pessoas podem passar a vida inteira juntas, trabalhar juntas, ou se encontrarem apenas uma vez e se despedirem para sempre, porque não passaram pelo ponto físico que faz jorrar de maneira descontrolada aquilo que as uniu neste mundo. Ou seja, se afastam sem entenderem direito o que as aproximou.

A essa altura a editora está arrependida de ter transformado Hilal no centro das atenções. É necessário alfinetar mais um pouco.

- Seja o que for, uma menina de 21 anos, que mal saiu da escola de música e tem uma carreira brilhante pela frente, ter vindo de Moscou para E. já deveria ser o suficiente.

- Ainda mais quando é *spalla* – Hilal viu a confusão que a palavra anterior causou, e diverte-se em provocar a editora.

A tensão cresce. Yao resolve interferir:

- O *spalla* é o primeiro-violino da orquestra. O último concertista a entrar no palco antes do maestro, sempre sentado na primeira fila à esquerda. Ele quem é responsável por afinal todos os instrumentos, mas eu tenho certeza que vocês sabem isso. Tenho uma interessante história para contar a respeito da vez mais recente que estive em N. , nossa próxima parada. Vocês querem ouvir?

Todos concordam. A história não é tão interessante assim, mas o enfrentamento entre Hilal e a editora ficou adiado. No final de um aborrecidíssimo discurso sobre as maravilhas turísticas de N. os ânimos estão serenados, as pessoas de novo pensando em voltarem para seus quartos e tentar descansar um pouco, e eu mais uma vez me julgando culpado por aquela idéia de atravessar um continente inteiro de trem.

- Esqueci de colocar a reflexão de hoje.

Yao escreve em um papel amarelo: "Sonhadores jamais são domados" e o prega no espelho junto com o anterior.

- Um jornalista de TV nos aguarda em uma estação, e pergunta se pode entrevista-lo – comenta o editor.

Claro que sim. Qualquer coisa que faça passar o tempo – temos quase dois dias de viagem pela frente.

- Escreva sobre a insônia – sugere o editor. – Quem sabe o ajuda a dormir.

- Eu também quero entrevista-lo - diz Hilal.

- Marque um horário com meu editor.

Levanto-me, vou para a cabine, fecho os olhos, e passo as próximas duas horas rolando de um lado para o outro, sem conseguir dormir. A esta altura, meu mecanismo biológico já

está completamente desequilibrado. Como toda pessoa insone, acho que posso usar o tempo para refletir e pensar sobre coisas interessantes, mas é absolutamente impossível.

E começo a escutar uma música. No início, penso que a percepção do mundo espiritual está de volta sem que eu precise fazer qualquer esforço. Mas aos poucos me vou dando conta que além da música escuto o ruído nas rodas do trem nos trilhos, os objetos balançando em minha mesa.

A música é real. E vem do banheiro. Levanto-me e vou até ali.

Hilal colocou um pé dentro da banheira, o outro do lado de fora, e equilibrando-se como pode e toca seu violino. Ao me ver, sorri. E dou-me conta que estou apenas de cuecas. Mas a situação me parece tão natural, tão familiar, que não me dou o menor esforço de voltar e colocar as calças.

- Como entrou?

Ela não interrompe a música; apenas aponta a porta do quarto contíguo, que divide o mesmo banheiro. Eu faço um sinal afirmativo, e me sento no outro extremo da banheira.

- Estive em de novo em contacto com a energia do Universo. Deus passou por minha alma. E me disse que viesse até aqui embalar o seu sono.

Não houvera sono até então, mas seu gesto me comove. Os dois tentando manter o equilíbrio em um vagão que joga de um lado para o outro, o arco tocando a corda, a corda emitindo o som, e a sabedoria universal sendo transmitida através de um simples instrumento. A iluminação que vem de tudo que é dinâmico, ativo.

A alma de Hilal está em cada nota, em cada acorde. O Aleph me revelou um pouco da mulher que está na minha frente, mas não me lembro exatamente toda a nossa história juntos, e espero que ela jamais descubra como nos conhecemos. Neste exato momento ela está me envolvendo na energia do Amor, como possivelmente já o fez no passado. Ambos estamos mergulhados em um dos dons que os seres humanos possuem, o Carisma, que une corações capazes de se reconhecer. Apesar de toda a busca espiritual que tanto ela como eu estamos empenhados em perseguir, o Amor é a única coisa que ativa a inteligência e a criatividade, algo que nos purifica e nos liberta. No fundo, basta amar e estar atento às necessidades daquele a quem amamos (o Deus Todo Poderoso), usando cada gesto para que possamos nos aproximar Dele durante as 24 horas de dia. Vejo a moça na minha frente e começo a vesti-la com as roupas que a encontrei da última vez que nos vimos: colete bordado, blusa branca com rendas, saia longa, até os tornozelos, de veludo negro com fios de ouro. Eu a escuto falar sobre suas conversas com pássaros, e tudo aquilo que as aves dizem aos homens - embora os homens não escutem direito. Neste momento eu sou seu amigo, seu confessor, seu...

Paro. Não quero abrir esta porta, a não ser que seja absolutamente necessária. Porque é como se fosse um dique sustentando o oceano. Basta fazer um pequeno furo, e pouco depois a pressão da água já estourou tudo e inundou o que não devia ser inundado. Estou em um trem e existe apenas uma mulher chamada Hilal, originária da Turquia, spalla de uma orquestra,

ela abriu outras 4x, e o resultado não me levou a lugar nenhum, a não ser a cela de quem se fazia que encontra todos aqueles 8 mulheres meninas

57
faltando. Onde que vou me meter
deixando a porta e girando o
que depois conheci
que me disse a respeito de girar
mas depois conheci
que me disse a respeito de girar
que me disse a respeito de girar
que me disse a respeito de girar

57
tocando violino em um banheiro de trem. Começo a ter sono – o remédio está fazendo efeito. Minha cabeça abaixa, meus olhos fecham. Hilal interrompe a musica e pede que eu me deite. Obedeço.

Ela instala-se na cadeira e continua a tocar. E de repente não estou mais no trem, nem mais naquele jardim onde a vi com a blusa branca – estou navegando por um túnel profundo que irá levar-me ao nada, ao sono pesado e sem sonhos. A ultima coisa que lembro antes de dormir é a frase que Yao colocou no espelho aquela manhã.

#

A lei da vontade



Escuto a voz de Yao do lado de fora.
Alguém bate na porta.

- O jornalista chegou.

Ainda é dia, e o trem está parado em uma estação. Levanto com a cabeça rodando, entrego a porta e vejo meu editor do lado de fora.

- Quanto tempo dormi?

- Acho que o dia inteiro. São cinco horas da tarde.

Sempre que entro naquele trem, troco o dia pela noite. Explico que preciso de tempo - tomar um banho, despertar de verdade, para não dizer coisas que depois me arrependerei.

- Não se preocupe. O trem ficará parado aqui pela próxima hora.

que estou paralisado
Tomar banho com o balançar do vagão é uma tarefa difícil, *ainda tem* mas ajuda-me a concentrar mais no momento presente; se não fizer isso, escorrego e posso machucar-me. Quinze minutos depois saio, tomo um café com todos, sou apresentado ao jornalista e pergunto quanto tempo precisa para a entrevista.

- Combinamos uma hora. Minha idéia é acompanhá-los até a próxima estação e...

- Dez minutos. Em seguida o senhor pode descer aqui mesmo, não quero atrapalhar sua vida.

- Mas não está...

- Não quero atrapalhar sua vida - respondo. Na verdade, não devia ter aceito entrevista nenhuma, mas meu editor havia conseguido o compromisso em um momento em que não estava pensando direito. Meu objetivo nesta viagem é outro.

O jornalista vira-se para o editor, que se vira para a janela. Yao pergunta se a mesa é um bom lugar para que façamos a entrevista. *a filmagem*

- Eu preferiria o espaço que dá para as portas do trem.

Hilal me olha; ali está o ~~nosso~~ Aleph. Será que ~~ela~~ não se cansava de ficar o tempo todo naquela mesa? Me pergunto se depois de tocar e me enviar para um lugar sem tempo e sem espaço, ficou me olhando dormir, mas teremos tempo, bastante tempo para conversar depois.

- Perfeito - respondo. Pode montar a câmera. Mas só por curiosidade: por que no cubículo tão pequeno, tão ruidoso, quando poderia ser aqui?

O jornalista e o câmara, porém, já estão indo em direção ao local, e nós os seguimos.

- Por que neste cubículo? – insisto, enquanto começam a montar o equipamento.

- Porque aqui se passam todas as histórias da viagem. As pessoas saem de suas cabines e por causa do corredor estreito, vem até aqui conversar. Os fumantes se encontram. Alguém que marcou um encontro e que não quer que outros saibam, escolhe um dos muitos vagões

o único lugar disponível é esse.

O cubículo naquele momento está ocupado por mim, o cinegrafista, o editor, o tradutor, Hilal, e um cozinheiro que veio assistir a conversa.

- Seria melhor um pouco de privacidade.

Embora uma entrevista para TV seja a coisa menos privada do mundo, o editor e o cozinheiro se afastam. Hilal e o tradutor não se movem.

- Pode chegar um pouco para a esquerda?

Não, não posso. Ali está o Aleph, criando pelas muitas pessoas que estiveram neste lugar. Embora Hilal esteja à uma distância segura, e mesmo sabendo que o mergulho no ponto único só seria provocado se estivéssemos juntos ali, melhor não correr o risco.

A câmara está rodando.

- Antes de começarmos, o senhor disse que entrevistas e promoção não eram seu objetivo nesta viagem. Pode nos explicar por que decidiu fazer a Transiberiana?

- Porque tinha vontade. A lei da vontade é o que guia o homem. Nada tão complicado assim.

- Pelo que entendo, um trem como esse não é o lugar mais confortável do mundo.

- Um mestre sufi tinha um búfalo. Os chifres afastados faziam-no pensar que, se conseguisse sentar entre eles, seria o mesmo que estar em um trono. Certo dia, quando o animal estava distraído, ele foi até lá e fez o que imaginava. Na mesma hora, o búfalo levantou-se e atirou-o longe.

“Sua mulher, ao ver aquilo, começou a chorar. “Não chore”, disse o mestre sufi. “Tive meu sofrimento, mas ao menos realizei também o meu desejo.”

- Arriscar-se mesmo que seja em algo que não vai dar certo?

Coloco o meu piloto automático e começo a responder sem pensar muito. As perguntas continuam – sobre a experiência, o sucesso, o encontro com os leitores. Eu vou respondendo com paciência, respeito, mas louco para que logo acabe. Mentalmente já se passaram dez minutos, mas ele continua com as perguntas. Discretamente, de maneira que a câmara não pegue, faço com a mão um sinal dizendo que estamos chegando no final. Ele fica um pouco desconcertado, mas não perde a pose.

- O senhor está viajando sozinho?

Pelo visto algum boato já andava correndo.

- De maneira nenhuma. Não viu quanta gente estava em torno da mesa?
elas contaram que a spalko do

Ele resolve não insistir. Muda de assunto.

- O que é Deus para o senhor?

- Quem conhece a Deus, não o descreve. Quem descreve a Deus, não o conhece.

Epa!

A frase me surpreende. Embora já tenham me perguntado isso uma infinidade de vezes, a resposta do piloto automático é sempre: "Quando Deus se definiu a Moisés, ele disse: 'Eu sou'. Portanto, ele não é nem o sujeito nem o predicado, mas o verbo, a ação."

Yao se aproxima.

- Perfeito, terminamos a entrevista. Muito obrigado pelo seu tempo.

Ele deve ter pressentido qualquer coisa. Mesmo a uma distancia segura do Aleph, estou me conectando de novo com a Divindade. O que buscava, o que tanto insisti com J., parece que agora volta espontaneamente, porque eu me movi, já que escolhi viver meu problema ao invés de ficar obsessivamente procurando uma resposta, ele agora está sendo substituído por uma solução.

*Sim. Nós também somos
deuses e convidamos para sempre
que quisesse nesse ato nos
vagas.*

*Aperto p/ Hilda
- É uma forma muito talonosa
senho certeza que se quiser
culturista ela será o maior
para eu responder suas
perguntas
Aperto p/ ela, que*

Como lágrimas na chuva

Entro no meu quarto e começo a anotar febrilmente tudo que acabo de conversar com os outros. Daqui a pouco chegamos em NS. , não posso esquecer nada, nenhum detalhe. Pouco importa quem perguntou o que: o se eu não me esquecer da história, eu conseguirei entender sua origem. *eu respondi*
Abro o computador e digito febrilmente o que aconteceu desde que terminara a entrevista. Voltamos para a mesa, e eu pedi que Hilal fosse até seu vagão e pegasse o violino.

- Está no quarto aqui mesmo. *as lachos, do seu*

A editora – como eu imaginava – imediatamente reagiu.

- Esse quarto, embora vazio, não é seu. Aos poucos você está ocupando todos os espaços que precisamos para nós.

Meu olhar deve ter dito algo; ela na mesma hora ficou quieta. Hilal levantou-se e voltou com o violino. Pedi que desligassem os alto-falantes do vagão. Em seguida, pedi que ela tocasse algo breve, muito breve. Ela fez isso.

O ambiente ficou completamente limpo. Todos devem ter percebido, porque o cansaço constante desapareceu.

- Preciso falar. Mas não sei exatamente o que, portanto me perguntem.

Porque não seria eu quem estava falando. Mas seria inútil explicar.

- Você disse que existiam três tipos de Aleph segundo a tradição mágica, mas comentou apenas dois. Qual é o terceiro?

(Aqui os contos casuais)

- O terceiro é o ponto onde cada um de nós está agora. O momento presente. Costumamos medir o tempo como medimos a distancia entre Moscou e Vladivostok. Mas não é isso; o tempo não se move, e tampouco está parado. O tempo muda. Ocupamos um ponto nesta constante mutação, nosso Aleph. A idéia de que o tempo passa é importante na hora de saber a que horas o trem vai partir, mas fora isso não serve para muita coisa. Nem mesmo para cozinhar; cada vez que repetimos uma receita, ela é diferente. Porque o tempo interior já está em um lugar diferente do espaço. Fui claro?

- Não muito. Somos fruto do que aprendemos no passado.

- Aprendemos no passado, mas não somos fruto disso. Sofremos no passado, amamos no passado, choramos e sorrimos no passado. Mas não serve para o presente. O presente tem seus desafios, seu mal e seu bem. Não podemos culpar ou elogiar o passado pelo que está acontecendo agora.

Era esse o meu problema. Eu estava falando com eles, e falando comigo.

- Alguém pode fazer com que o amor estacione no tempo? – continuei. – Podemos tentar, mas transformaremos nossa vida em um inferno. Posso dizer que estou casado há mais de duas décadas com a mesma pessoa, mas é mentira. Nem ela nem eu somos os mesmos. Por isso nossa relação continua mais viva que nunca. Porque nos movemos no tempo; eu não espero que ela se comporte como se comportava quando nos conhecemos. Ela tampouco deseja que eu seja a mesma pessoa que era quando a encontrei. O amor está além do tempo. Ou melhor, o amor é o tempo e o espaço que se manifestam no Aleph de cada um. Sempre se transformando.

- As pessoas não estão habituadas com isso. Querem que tudo permaneça como...

- E a única consequência é o sofrimento. Não somos aquilo que as pessoas desejavam que a gente se transformasse. Somos quem decidimos ser. Culpar os outros sempre é fácil. Você pode passar sua vida culpando o mundo, mas seus sucessos ou derrotas são de sua inteira responsabilidade. Você pode tentar parar o tempo, mas estará desperdiçando sua energia.

O trem dá uma grande freiada, inesperada, e todos parecem que se assustaram. Eu continuo entendendo o que digo, embora não tenha certeza que as pessoas na mesa me acompanham.

- Imaginem o trem não freia, há um acidente, e tudo se acaba. Todas as memórias, tudo desaparece como lágrimas na chuva, assim dizia o andróide em "Blade Runner". Será mesmo? Nada desaparece, tudo fica guardado no tempo. Onde está arquivado o meu primeiro beijo? Num lugar escondido do meu cérebro? Em uma série de impulsos elétricos que já estão desativados? Meu primeiro beijo está mais vivo que nunca, eu jamais esquecerei. Ele está aqui, à minha volta. Ele me ajuda a compor o meu Aleph.

- Mas eu sei que neste momento existem uma série de coisas que preciso resolver, caso contrário vou ter sérios problemas.

- Essas coisas estão naquilo que você chama de "passado", e aguardam uma decisão naquilo que você chama de "futuro". Elas entorpecem, poluem, e não deixam que você entenda o seu Aleph. Conheço muita gente que só consegue ter uma identidade própria quando começam a falar de seus problemas. Assim elas existem: porque tem problemas. Porque estes problemas estão ligados ao que julgam "sua história".

"É preciso um grande esforço para libertar-se da memória, mas quando você consegue, começa a encontrar o Aleph. O Aleph é a célula que você habita neste corpo gigantesco que é o universo. O universo passa por muitas mutações, e lhe carrega com ele. Cada uma destas mutações nos chamamos "uma vida." Mas da mesma maneira que as células do seu corpo mudam e você continua o mesmo, o mesmo se passa com o tempo. Repito: ele não passa. Você acha que é a mesma pessoa que estava em E. fazendo algo. Não é. Não sou mesma pessoa que era quando eu comecei a falar. Tampouco o trem está no mesmo lugar de quando Hilal tocou seu violino. Tudo mudou, e não conseguimos perceber claramente isso.

- Por que você está dizendo tudo isso?

- Porque estou cansado, extremamente cansado. E quando isso acontece, não apenas deixo de ser muito responsável por minhas decisões, mas também existe um lado positivo; eu

62

(comp)

deixo de ser eu mesmo. Minha percepção desaparece, eu aceito ser guiado pelos outros, mas também aceito mais ser guiado pelo mundo invisível.

- Mas um dia o tempo desta vida acaba.

- O que é a morte? A morte é uma porta para outra dimensão. Existem dois tipos de pessoas neste mundo: aquelas que se recusam a acreditar nisso, e aquelas que temem passar por esta porta. Apenas uma pequena minoria, que não conta, entende que ela é nossa aliada. Eu aprendi isso no Caminho de Santiago, mas estou recordando aqui.

- E no entanto, apesar de tudo que está dizendo, nossos entes queridos e nós mesmos partiremos um dia.

- Nunca, absolutamente nunca perdemos nossos seres queridos. Eles nos acompanham em outra dimensão, porque não estão mortos. Estamos apenas em quartos diferentes. Eu não posso ver o que tem no vagão que está na minha frente, mas ali tem gente. Viajando no mesmo tempo e no mesmo espaço que eu, que vocês, que todo mundo. O fato de não podermos falar com eles, saber o que está ocorrendo no outro vagão, é absolutamente irrelevante; eles estão lá. Assim, aquilo que chamamos "vida" é um trem com muitos vagões. As vezes estamos em um, as vezes estamos em outro. As vezes atravessamos de um para o outro. Mas onde quer que estejamos, nosso ponto, nosso Aleph nos acompanha. Uma partícula do universo, uma célula do corpo de Deus.

- Mas não os conseguimos ver, não conseguimos nos comunicar com eles.

- Sim, conseguimos. Todas as noites passamos para um outro plano enquanto dormimos, e falamos com os vivos, os que julgamos mortos, os que estão em outra dimensão, as pessoas que já fomos e que um dia seremos.

"Conseguimos ver e conseguimos nos comunicar". Mas se a conversa seguisse por aí, eu iria perder-me em explicações. A energia estava se tornando mais fluida, eu sabia que poderia perder a conexão de um momento para o outro.

- O amor sempre vence aquilo que chamamos morte. Por isso não precisamos chorar nunca nossos entes queridos, porque eles continuam queridos, eles continuam com a gente. Temos uma grande dificuldade em aceitar isso. Se não acreditarem nisso, não adianta ficar explicando.

- E os que odiamos?

- Tampouco devemos subestimar os nossos inimigos que passaram para o outro lado. Na tradição mágica eles tem o curioso nome de "viajantes". Não estou dizendo que eles possam fazer algum mal aqui. Não podem, a não ser que vocês permitam. Porque na verdade estamos ali com eles, e eles estão aqui com a gente. No mesmo trem. A única maneira de resolver isso é corrigir os erros e superar os conflitos. Isso irá acontecer em algum momento, embora as vezes sejam necessárias muitas "vidas" para que cheguemos a essa conclusão.

- Mas você disse que somos parte do todo, que não temos identidade, que na verdade não existimos.

63
/ (comp)

- Existimos como uma célula existe. Ela pode causar um câncer destruidor, afetar grande parte do organismo. Mas ela não é a pessoa.

- Por que então tantos conflitos?

- Os conflitos foram criados para que o mundo pudesse entrar em marcha. Para que universo caminhasse. Para que o corpo se movesse. Nada de pessoal. Escutem.

Eles escutam. Mas não sei se entenderam, melhor ser mais claro.

- Neste momento o trilho e a roda estão em conflito, e escutamos os gritos do atrito entre os metais. Mas o que justifica a roda é o trilho, e o que justifica o trilho é a roda. O grito do metal é irrelevante. É apenas uma manifestação, não é um grito de queixa.

A energia está praticamente dissipada. A conexão desapareceu, mas eu me alegro porque agora sei como retornar a ela. Basta estar no presente de novo. Inteiramente aqui e agora. Assim eu sou o tudo e o nada, o Aleph e o Omega, o começo e o fim.

Há um grande silêncio.

- Obrigado – diz Yao.

- Não me agradeça. Eu também estava escutando.

- Você está falando de...

- Não estou falando de nada em especial, e estou falando de tudo. Vocês viram que eu mudei minha atitude com Hilal. Não devia estar dizendo isso aqui, porque não irá ajuda-la em nada – pelo contrário, algum espírito fraco pode sentir algo que só degrada o ser humano, o que chamamos de ciúme. Tudo bem, nada de errado nisso, impossível escapar de uma hora para a outra da teia do tempo. Mas meu encontro com Hilal abriu uma porta. Não a porta que eu queria, mas abriu. Eu passei para uma outra dimensão da minha vida. Para um outro vagão, onde existem muitos conflitos não resolvidos. As pessoas estão me esperando ali, e eu preciso ir até lá.

- Você está mesmo falando de outro vagão...

- Claro que não. Estamos eternamente no mesmo trem, até que Deus decida dete-lo por uma razão que só Ele conhece. Mas como é impossível ficar apenas em sua própria cabine, caminhamos de um lado para o outro, de uma vida para a outra, como se elas acontecessem em sucessão. Não acontecem. Estao todas aqui e agora. Eu sou quem fui e quem serei. O mesmo se passa com cada um de vocês. Quando encontrei Hilal do lado de fora do hotel em Moscou, ela me falou de uma história que tinha escrito a respeito de um fogo no alto da montanha. Existe uma outra história a respeito desse fogo.

“ O grande Rabino Israel Shem Tov, quando via que seu povo estava sendo maltratado, ia para a floresta, acendia um fogo sagrado, e fazia uma reza especial, pedindo a Deus que protegesse seu povo. E Deus enviava um milagre.

04
(comp)

Mais tarde, seu discípulo Maggid de Mezritch, seguindo os passos do mestre, ia para o mesmo lugar da floresta e dizia: "Mestre do Universo, eu não sei como acender o fogo sagrado, mas ainda sei a reza especial; escuta-me, por favor!" O milagre acontecia.

Uma geração se passou, e o rabino Moshe-leib of Sasov, quando via as perseguições ao seu povo, ia para a floresta, dizendo: "Eu não sei acender o fogo sagrado, nem conheço a prece especial, mas ainda me lembro do lugar. Ajudai-nos, Senhor!" E o Senhor ajudava.

Cinquenta anos depois, o rabino Israel de Rizhin, em sua cadeira de rodas, falava com Deus: "Não sei acender o fogo sagrado, não conheço a oração, e não consigo sequer achar o lugar na floresta. Tudo que posso fazer é contar esta história, esperando que Deus me escute."

Já era apenas eu quem estava falando. Não era mais a Energia Divina. Mas mesmo que naquele momento eu não soubesse como reacender o fogo sagrado, e nem sequer soubesse a razão que ele tinha sido aceso, pelo menos ainda podia contar uma história.

65
COMP

Chicago da Sibéria

66
(comp)

Somos todos almas que vagam pelo cosmos, vivendo todas as nossas vidas ao mesmo tempo, mas tendo a impressão que uma coisa passa de uma encarnação para a outra. Tudo aquilo que toca o código de nossa alma jamais será esquecido, e afeta o resto por consequência.

Tudo está escrito, somos as testemunhas de nós mesmos, de nossas encarnações que na verdade estão neste momento no presente, permitindo que sejamos criadores e criaturas.

Eu a olho com amor, o amor que se reflete como espelho através do tempo, ou daquilo que imaginamos ser tempo. Nunca foi minha e jamais será, porque assim está escrito. Se somos criadores e criaturas, também somos marionetes nas mãos de Deus, existe um limite que não podemos ultrapassar – porque isso foi ditado pela eternidade. Podemos chegar pertíssimo, tocar a água do rio com nossos pés, mas ali não está permitido mergulhar e deixar-se levar pela correnteza.

Agradeço à vida porque me permitiu reencontra-la na hora que precisava fazer isso. Agradeço uma segunda vez à vida porque existiam milhões de estadas diferentes e ela me trouxe mais uma vez até a porta que preciso entrar e ouvir o que nunca escutei. E pela terceira vez agradeço a vida porque outras mulheres que estiveram comigo naquela época já haviam tentado antes, não conseguiram, e cheguei a pensar que o reencontro estava perdido pelo menos nesta encarnação. Mas não, Hilal apareceu. Não sei se é minha última chance, acredito que talvez eu tivesse outras e outras até aceitar que precisava olhar com coragem o passado, mas não quero correr o risco, eu cruzarei a porta assim que estiver pronto. Ou mesmo que não esteja pronto, cruzarei a porta. Não há outra escolha.

Divirto-me ao ver que esta noite está com ciúme. Embora seja um talento no violino, uma guerreira na arte de conseguir o que deseja, jamais deixou de ser criança, e jamais deixará.

Eu provocarei o seu ciúme porque assim ela saberá exatamente o que acontece quando tiver que lidar com o ciúme dos outros. Eu aceitarei seu amor incondicional, porque assim quando ela tiver que amar incondicionalmente de novo, saberá em que terreno está pisando. Eu a ensinarei o que sei porque ela guarda algo que preciso descobrir, e o preço disso será minha dedicação completa durante os poucos dias de viagem que faltam.

- Chamam também de "Chicago da Sibéria".

"Chicago da Sibéria". Comparações normalmente soam muito estranhas. Antes da Transiberiana, NS tinha menos de 8.000 habitantes. Agora já ultrapassa a casa dos 1.400.000, graças a uma ponte que permitiu a ferrovia seguir em sua marcha de aço e carvão em direção ao Oceano Pacífico.

Conta a lenda que a cidade tem as mulheres mais lindas da Rússia. Pelo que pude ver, a lenda tem raízes profundas na realidade, embora não me tenha ocorrido comparar com outros lugares onde passei. Neste momento estamos eu, Hilal, e uma destas deusas diante de algo completamente deslocado da realidade atual: uma gigantesca estátua de Lenin, o homem que transformou as idéias de do comunismo em realidade. Nada menos romântico que olhar aquele homem de cavanhaque apontando o futuro, mas engessado em aço, incapaz de sair daquela estátua e transformar o mundo.

Embora tenham tentado. Por muitos anos.

Quem fez o comentário sobre "Chicago" foi justamente a deusa, que se chama Tatiana, idade em torno de seus 30 anos (embora eu nunca acerte, mas vou criando meu mundo com as minhas suposições), engenheira, que depois da festa e do jantar resolveu passear conosco. A "terra firme" agora me dá uma sensação de estar em outro planeta; custo a me acostumar com um chão que não está se mexendo o tempo todo.

- Vamos até um bar, bebemos e depois dançamos. Precisamos de exercício.

- Mas estamos cansados – diz Hilal.

Sim, eu leio sua alma. Nestes momentos me transformo na mulher que aprendi a ser, e leio "você está querendo ficar com ela."

- Se você está cansada, pode voltar para o hotel. Ficarei com Tatiana.

Ela muda de direção.

- Eu gostaria de mostrar-lhe algo que não conseguiria fazer no trem.

- Pois faça isso. Não é preciso que estejamos sozinhos. Nos conhecemos menos de dez dias, não é verdade?

Isso destrói a pose de "eu sou a companhia dele." Tatiana se anima – não por minha causa, mas porque as mulheres sempre são inimigas naturais umas das outras. Diz que terá o maior prazer em me mostrar a vida noturna da "Chicago da Sibéria". Lenin nos contempla impávido do seu pedestal, acostumado com tudo isso.

- Pois eu então farei isso para vocês dói. Venham comigo.

Hilal quer inverter o jogo, e assim desviar o golpe, mas Tatiana acredita. "Vocês dois" é uma expressão com uma infinidade de significados. Começamos a andar pela imensa avenida que vai dar na ponte. Já não há quase ninguém a esta hora, tudo que precisa acontecer está acontecendo em lugares que só Tatiana conhece. Mesmo assim, quem nos guia é Hilal.

- Você conhece a cidade? - pergunta com uma certa surpresa.

- Depende do que você chama de "conhecer". Conhecemos tudo. Quando toco meu violino, percebo a existência de...

Ela procura as palavras. Finalmente consegue achar algo que se aproxima, que eu compreendo, mas não tenho certeza se Tatiana está seguindo a conversa.

- ...quando toco o violino percebo a existência de um gigantesco e poderoso "campo de informação" à minha volta. Não é algo que eu possa controlar, mas é algo que me controla e nos momentos de dúvida me guia para o acorde certo. Não preciso conhecer a cidade, apenas permitir que ela me leve para onde deseja.

Hilal anda cada vez mais rápida. Tatiana entendeu perfeitamente o que ela estava falando

- Eu adoro pintar – diz. – Embora engenheira por profissão, quando me sento diante da tela vazia descubro que cada toque do pincel é uma meditação visual. Uma viagem que me leva à felicidade que não consigo encontrar em meu trabalho, e que eu espero jamais abandonar.

Embora já estejamos longe da estátua de Lenin, ele deve ter assistido muitas vezes o que acaba de ocorrer. No início, duas forças estão contra a outra, porque existe uma terceira que deve ser mantida ou conquistada. Pouco tempo depois, estas duas forças já são aliadas, e a terceira foi esquecida ou deixou de ser relevante. Eu apenas sigo as duas, que parecem agora amigas de infância, conversando animadamente em russo, esquecidas que eu existo. Embora o frio continue – e acho que naquele lugar o frio deve durar o ano inteiro, pois já estamos na Sibéria – o passeio está me fazendo bem, levantando cada vez mais meu ânimo, a cada quilometro naquela viagem que comecei em Londres, eu estava voltando para mim mesmo. Houve um momento na Tunísia em que julguei que isso não ia ocorrer, mas minha mulher acertou: se eu estivesse sozinho, eu continuaria com ela mas também com todos, porque seria obrigado a baixar minha guarda e permitir que o inesperado se manifestasse.

Seguir aquelas duas mulheres me deixa cansado. Amanhã vou deixar um bilhete para Yao, sugerindo praticar um pouco de Aikidô. Meu cérebro está trabalhando mais que meu corpo.

Paramos no meio de lugar nenhum, uma praça completamente vazia com uma fonte no centro. A água ainda congelada. Hilal respira aceleradamente; se continuar a fazer isso, um excesso de oxigênio irá para o sangue. A hiperventilação está normalmente associada à sensação de estar flutuando, e provoca tontura. Um transe artificialmente provocado.

68
comp

Hilal pede que nos demos as mãos e olhemos para a fonte.

- Deus Todo-Poderoso - ela continua com a respiração rápida – enviai seus mensageiros agora, para estes seus filhos que estão aqui com o coração aberto para recebe-los.

Continua em um tipo de invocação que conheço. Sinto que a mão de Tatiana começa a tremer, como se fosse também entrar em transe. Hilal parece em contato com o Universo, ou com aquilo que chamou de "campo de informação". Continua orando, a mão de Tatiana para de tremer, e aperta a minha com toda força. Dez minutos depois o ritual acaba.

Eu não sei se digo o que penso. Mas o que tenho a perder?

- Não entendi o que fez.

Ela parece desconcertada.

- Um ritual de aproximação dos espíritos.

- E onde você aprendeu isso?

- Em um livro.

Me pergunto se devo continuar, ou esperar que Tatiana vá embora. Decido seguir em frente, já que ela também participou do ritual.

- Com todo respeito pelo que pesquisou, com todo o respeito pela pessoa que escreveu o livro, acho que a busca espiritual hoje em dia está completamente fora de compasso. De que serve esse ritual, da maneira como foi realizado? Vejo milhões e milhões de pessoas achando que estão se comunicando com o Cosmos e salvando a raça humana por causa disso. Cada vez que não funciona, porque na verdade não funciona desta maneira, essas pessoas perdem a esperança. Até o próximo livro, que vem com alguma novidade. Como tampouco funciona por muito tempo, esta esperança vai desaparecendo.

Hilal está surpresa. Sim, ela queria me mostrar algo, me dar um pouco do seu amor de maneira diferente, mas essa é a única área que minha tolerância é absolutamente zero. Tatiana deve estar pensando que sou muito mal-educado.

- Mas as orações não nos aproximam de Deus?

- Vou responder com outra pergunta. Todas estas orações que voce reza irão fazer o sol nascer amanhã? Claro que não: o sol nasce porque obedece a uma lei universal. Deus está perto de nós, independente das preces que fazemos.

- Você diz que nossas orações são inúteis?

- Absolutamente. Se voce não acorda cedo, nunca conseguirá ver o sol nascendo. Se voce não reza, embora Deus esteja sempre perto, voce nunca conseguirá notar Sua presença. Mas se você acha que só através de invocações como essa chegará a algum lugar, então é melhor mudar-se para o deserto de Sonora nos Estados Unidos, ou para Katmandu no Nepal, ou passar o resto de sua

69
comp

vida em um Ashram na Índia. No mundo real, Deus está mais no violino da moça que acabou de rezar, do que nas palavras que ela disse.

70
Camp

Tatiana cai em prantos. Tanto eu eu Hilal ficamos sem saber o que fazer; esperamos que ela acabe de chorar e nos conte o que está sentindo.

- Obrigado – diz. – Mesmo que na sua opinião tenha sido inútil, obrigado. Tenho centenas de ferimentos que carrego comigo enquanto sou obrigado a agir como se fosse a pessoa mais feliz do mundo. Pelo menos hoje senti que alguém pegava nas minhas mãos e me dizia: você não está só, venha conosco, mostre-me aquilo que conhece. Eu me senti amada, útil, importante.

Ela vira-se para Hilal.

- Mesmo quando você decidiu que conhecia esta cidade melhor que eu, que nasci e vivi aqui toda a minha existência, eu não me senti desmerecida ou insultada. Eu acreditei, já não estava mais só, alguém ia me mostrar o que não conheço. Realmente nunca tinha visto esta fonte; e agora, cada vez que me sentir mal, virei aqui e pedirei a Deus que me proteja.

"Sim, as palavras não queriam dizer nada de especial. Já rezei orações semelhantes muitas vezes na minha vida, nunca fui atendida, e cada vez a fé ia se afastando mais. Mas hoje algo especial aconteceu – porque eram estranhos mas não eram estrangeiros.

Ela continua falando com Hilal

- Você é muito mais jovem que eu, não sofreu o que sofri, não conhece a vida, mas tem sorte. E mesmo fazendo algo que não tem muito sentido para mim, me ajudou a me ver melhor. Porque está apaixonada por um homem, fez com que eu tornasse a me apaixonar pela vida, e a partir daí será mais fácil voltar a me apaixonar por um homem.

Hilal abaixou os olhos; ela não gostaria de ter ouvido isso. Talvez estivesse em seus planos dizê-lo, mas é outra pessoa que está colocando estas palavras em NS. , na Rússia, na realidade tal qual a imaginamos – embora seja muito diferente da realidade que Deus nos colocou nesta terra. Neste momento sua cabeça luta entre as palavras que saem do coração de Tatiana, e a lógica que insiste em interromper aquele momento tão especial, e que diz: "todo mundo está notando. As pessoas no trem estão percebendo".

- Sem maiores explicações, eu acabo de me perdoar, e me sinto mais leve – continua Tatiana. – Vocês me deram mais que alegria; vocês me trouxeram a magia que já havia esquecido, que havia colocado em orações repetitivas, que acreditava estar em livros escritos por pessoas que pareciam conhecer a vida melhor que eu. Não entendo o que vieram fazer aqui, porque pediram que os acompanhasse, mas confirmaram aquilo que eu sentia: as pessoas se encontram quando precisam se encontrar. Eu acabo de me salvar de mim mesma."

Na verdade, sua expressão tinha mudado. A deusa havia se transformado em fada. Ela abre os braços para Hilal, que vai até ela. As duas se abraçam. Me olha e faz um sinal com a cabeça, pedindo que também venha, mas não me movo. Hilal precisa mais daquele abraço que eu. Queria mostrar o mágico, mostrou o convencional, e o convencional se transformou em mágico porque havia ali uma mulher que foi capaz de transmutar aquela energia e torna-la sagrada.

71
comp

As duas ficam abraçadas, eu olho a água congelada da fonte e sei que tornará a correr um dia, e voltará a ficar congelada de novo, e de novo tornará a correr. Assim seja com nossos corações; que obedecem também ao tempo, mas que nunca fiquem parados para sempre.

Ela tira um cartão de visita da bolsa. Hesita um pouco, mas termina estendendo-o para Hilal.

- Adeus – diz Tatiana – Aqui está meu telefone, mas eu sei que nunca mais tornarei a vê-los. Sei que talvez tudo que disse agora não passe de um momento de romantismo incurável, e em breve as coisas voltem a ser como sempre foram. Mas foi muito importante para mim.

- Adeus – responde Hilal. – Se eu conheço o caminho da fonte, eu conheço o caminho do hotel.

O caminho da paz

Eu fiz considero seu pecado. copei por um que reconhecer o Sr. Aiken

Eu preciso disso. Nem tanto pelos dias que passo confinado dentro do trem, mas porque sinto a energia sexual crescendo a cada momento que estou com ela. Não devo. Não posso. É tenho que dizer para mim mesmo mil vezes: não quero.

Yao tira a roupa e fica apenas de cuecas. Posso notar que, apesar de ter mais de 70 anos, seu corpo é pele e músculos. Eu também tiro a roupa.

Meu desejo o mesmo e parecido
O desejo só aparece quando estamos longe – o que acontece cada vez mais raramente, já que a quero sempre ao meu lado porque é através dela que resolverei um enigma que carrego a séculos. Sei que ela me disse algo, assim como as outras me disseram a mesma coisa, mas não consigo lembrar – e enquanto lembrar não estou livre.

(isto só no final)
Mas sempre que nos separamos – seja porque ela foi para seu quarto, seja porque eu tinha um compromisso profissional para cumprir – o fogo acende, meu corpo esquenta, eu começo a imaginá-la nua, estou tocando seus seios, passando as mãos por suas pernas, enquanto ela também me beija e me acaricia. *Da mesma maneira que pensei há muitos anos, mesmo antes de reencontrá-la; e isso me desconcentra, não me deixa pensar direito, e eu preciso pensar. Eu preciso me controlar.*

O caminho da paz é vasto e imenso, refletindo o grande desenho que foi feito no mundo visível e invisível. O guerreiro é o trono do Divino, e serve sempre a um propósito maior. Morihei Ueshiba disse isso há quase um século, *quando* enquanto desenvolvia as técnicas do Aikidô.

Yao veste o quimono, eu faço a mesma coisa. Caminhamos em silêncio para o dojo, o lugar da luta, que ele conseguiu encontrar depois de três ou quatro telefonemas. Há várias pessoas praticando; encontramos um canto livre, fazemos a reverência tradicional, e nossos olhos mudam. Agora estamos prontos para o combate. Eu estou pensando nela, no seu corpo, em tudo que aconteceu quando ainda não tínhamos nos cruzado agora. *ela tb neste momento ao que*
~~Imagine~~ *Associação*
~~se ela também~~ *Associação* pensa a mesma coisa – ~~imagine que sim~~, mas sem o conhecimento que tenho. Ela não sabe que já aconteceu antes, e por causa disso ambos terminaram condenados. *Passo ao*

Yao e eu nos aproximamos, seguramos as golas dos quimonos, mantemos a postura, e o combate começa. Um segundo depois estou no chão. Não posso pensar nela – invoco o espírito de Moshiba, ele vem ao meu socorro através dos seus ensinamentos, e consigo voltar ao dojo, ao meu oponente, ao combate que se chama "O Caminho da Paz".

Sua mente precisa estar em harmonia com o universo. Seu corpo precisa acompanhar o universo. Você e o universo são apenas um.

Eu quero ser apenas um com ele.

23

De novo Yao está segurando na gola do meu quimono. Eu movo o pé esquerdo um pouco para trás, consigo achar a harmonia do corpo e do combate. Ela começa a desaparecer aos poucos, o calor que sinto agora é da adrenalina que está circulando no meu sangue. Impossível prever o próximo golpe, mas possível agir com instinto, atenção e...

Yao larga a gola e pega meu dedo, e o dobra de maneira clássica. Um dedo apenas, e o corpo fica paralizado de dor. Um dedo faz com que todo o resto não funcione. Eu faço esforço para não gritar, mas vejo estrelas e o dojo de repente parece ter sumido, tamanha a intensidade da dor.

A dor está me fazendo concentrar naquilo que devo: o Caminho da Paz.

Treine seu coração. Essa é a disciplina do guerreiro.

Consigo me desvencilhar do golpe, e de novo seguro meu quimono. Faz anos que não luto e ele sabe disso, portanto agora permitirá que eu ataque. Li seu pensamento, e é exatamente o que acontece; um segundo depois ele está no chão.

Da Hilal ao

O Caminho da Paz é fluido como um rio, e porque ele não resiste a nada, já venceu antes de começar. A arte da paz é imbatível, porque não está lutando com nada ou ninguém.

Faço um sinal com a cabeça para Yao: não repita isso. Não me trate como uma criança que precisa de incentivo. Não deixe que eu vença sem o mérito ou a alegria de ser o melhor. Não estamos aqui lutando, mas praticando o caminho. Ele entende, segura de novo o quimono, eu me preparo para o golpe que vem da direita, mas na última hora ele muda, agarra meu braço, e o torce de tal maneira que me obriga a ajoelhar-me para não quebra-lo.

Apesar da dor, sei que tudo está melhor. Não penso em Hilal nua, nos meus braços, me acariciando e sendo acariciada. Não penso nos beijos que jamais foram dados, nos orgasmos apenas sonhados, nos momentos românticos vividos apenas na imaginação. Penso no Caminho da Paz, a minha energia está sendo despejada ali, afluente do rio que não resiste a nada, e por isso consegue seguir seu caminho até o final, chegar ao mar como havia planejado.

Levanto-me de novo. Caio de novo. Lutamos quase meia-hora, completamente abstraídos das outras pessoas que estão ali, também concentradas no que estão fazendo, em busca da postura correta – que os ajudará à postura perfeita na vida nossa de cada dia. O Caminho da Paz parece uma luta, mas não é: é a arte de preencher aquilo que está faltando. É a arte de esvaziar aquilo que está sobrando.

No final estamos os dois suados e exaustos. Ele me cumprimenta, eu o cumprimento, e nos dirigimos para o chuveiro. Eu praticamente apanhei o tempo todo, mas não há marcas no meu corpo: ferir o oponente é ferir a si mesmo. Controlar a agressão sem agredir é o caminho da paz.

- Um homem precisa falar com você – diz Yao, enquanto nos vestimos. – Eu disse que era possível.

- Mas amanhã viajamos de novo.

- Não estou me referindo a NS. Falo de nossa próxima parada. Claro, sou apenas um tradutor, se você não quiser eu me encarrego de dizer que está ocupado.

Não é apenas um tradutor, e sabe disso. É um homem que entende a filosofia de Moshiba, e eu o respeito por isso.

Viver é treinar. Quando treinamos, nos preparamos para o que está adiante. Vida e morte perdem o significado, existem apenas os desafios que são recebidos com alegria, e superados com tranqüilidade.

- Perfeito. Falamos com o homem amanhã na hora do almoço.

Ele faz um sinal afirmativo com a cabeça. A energia do sexo desapareceu por agora, mas eu preciso estar com ela, eu preciso que ela esteja perto. Até que eu resolva o que precisa ser resolvido, eu preciso que ela esteja perto.

- Como disse o que disse no trem?

Eu não sei do que está falando. Ele me lembra algo que parece uma eternidade no passado: minha conversa sobre o tempo.

- No final eu expliquei: eu também estava escutando.

Yao não insiste. Diz apenas que gostaria de conversar mais a respeito, e eu concordo. Agradeço por ter sido um adversário leal, que não me deixou ganhar uma luta que eu não merecia.

Yao diz que es bou o constante

O anel de fogo

Eu completo este tempo e / minutos
por referência e / sero /
Eu sou tão concentrado que

Alguem está batendo. Acordo com o coração disparado, levo uma fração de segundo para entender onde estou, de onde vem o ruído, e o que isso pode significar a eseta hora da noite. No passar de segundos, sinto um ar de de arder a porta, me acaluro. Sei quem está do lado de fora, camiseta vermelha e calças de pijama. Sem dizer nada, entra em meu quarto e deita-se na minha cama.

Deito-me também. Ela chega perto, e eu a abraço.

- Onde você esteve? - pergunta.

"Onde você esteve" é mais que uma frase. Quando alguém pergunta isso, é porque está dizendo "senti sua falta", "gostaria de estar com você", "você precisa me dar satisfações de seus passos". Eu não respondo, apenas acaricio seus cabelos.

- Telefonei para Tatiana e passamos a tarde juntas - ela responde o que eu não perguntei e tampouco respondi. - É uma mulher triste, e a tristeza contagia. Contou-me que tem uma irmã gêmea, viciada em drogas, incapaz de arranjar um emprego ou de ter uma relação amorosa normal. Mas a tristeza de Tatiana não vem daí, e sim do fato de que embora seja divorciada, é bem sucedida, bonita, desejada pelos homens, tem um trabalho que gosta, e um outro homem que está apaixonado por ela. É cada vez que vê sua irmã, sente um terrível complexo de culpa. Primeiro, porque não pode fazer nada. Segundo, porque sua vitória torna a derrota da irmã mais amarga.

Eu continuo acariciando seus cabelos. Se não perdemos isso de P. completo quando algo aconteceu. Um dia descobrimos pelo meio as pessoas

- Lembra-se da história de que contei na embaixada, não é verdade? Antes do violino se transformar em minha arte, ele foi minha fuga da realidade. Não pensei que na música eu encontraria minha maneira de conversar com Deus, mas encontrei. Tentei ajudar

Tatiana, dizendo que desde muito jovem tenho me ocupado em destruir todos os homens que se aproximam, apenas porque um deles tentou inconscientemente me destruir. Nem sequer diria isso: ele fez o que parecia melhor para ele, eu era apenas um objeto. Mas ela não me acredita; pensa que sou uma criança. Acho que aceitou encontrar-se comigo para aproximar-se de você.

Ela se mexe, chega mais perto, e meu corpo pode sentir cada curva do seu.

Eu estou vivo por saber que posso viver apesar de parar a música. E talvez para me esquecer do inferno. Você. Claro.

também
quem
também
me
caus
de fogo
que
me
permi
encapar

(Sofria sobre o resgate)

- Perguntou se podia ir conosco até o Lago Baikal. Diz que embora o trem passe todos os dias em NS., ela nunca teve uma razão para embarcar. Agora tem.

Da uma pausa. Eu continuo em silêncio - desde que entrou no quarto não disse uma palavra.

- Eu disse que não. Que mesmo que embarque, ela jamais poderá chegar até o vagão onde você está. Os guardas não deixam passar de uma classe para a outra. Ela entendeu que eu não a queria por perto.

Movo o meu braço esquerdo, encontro os cigarros, acendo um para mim e um para ela. Coloco o cinzeiro no meu peito.

- Você me deseja?

- Sim, eu te desejo quando você está longe, quando é apenas uma fantasia na minha cabeça. Hoje lutei quase uma hora pensando em você, no seu corpo, nas suas pernas, nos seus seios, e a luta consumiu apenas uma parte ínfima dessa energia. Eu sou um homem, que amo e desejo minha mulher, e mesmo assim eu te desenho. Não sou o único que te deseja, não sou o único homem casado que deseja outra mulher. Todos nós cometemos adultério em pensamento, pedimos perdão e tornamos a cometer este tipo de adultério. Neste momento pensamos nas palavras de Jesus, quando os que se diziam justos estavam prontos a apedrejar a mulher adúltera. Ele não diz nem que está certo, nem que está errado, diz apenas: "aquele que não tiver pecado, que atire a primeira pedra". E continua a Bíblia: todos foram saindo, primeiro os mais velhos, e depois os mais moços.

Jesus então se vira para a mulher e aparenta surpresa: "Ninguém te condenou? Pois eu também não te condeno".

- Não é o medo do pecado que me faz ficar aqui com você nos meus braços e não tocar seu corpo. Eu não tenho esse tipo de culpa. Mas é a busca do nosso encontro que me deixa neste momento em paz ao seu lado.

- Claro que eu te desejo. Muito. Eu sou um homem e você é uma mulher muito atraente.

" Foi a primeira vez que disse alguma coisa desde que ela entrou. Além do mais, sinto uma imensa ternura por você, que cresce cada dia. Admiro como se move com facilidade da mulher para a menina, e da menina para a mulher.

As brasas dos dois cigarros acesos aumentam. Duas tragadas.

- E por que não me toca?

Eu apago meu cigarro, ela apaga o seu. Continuo acariciando seus cabelos, e forçando a viagem ao passado. Ela não sabe disso, mas começo a imaginar o anel de luz

dourada subindo e descendo pelo meu corpo. Começa nos pés, vai até a cabeça, e volta. No início foi difícil concentrar-me, mas agora está ganhando velocidade.

- Não há nada pior no mundo que ser rejeitada. A sua luz encontra a luz de outra alma, você acha que as janelas vão abrir, o sol vai entrar, as feridas do passado cicatrizarão finalmente. E de repente, nada do que você imaginou está acontecendo. Talvez eu esteja pagando por tantos homens que fiz sofrer.

A luz dourada, que antes era apenas um esforço da minha imaginação, um exercício clássico e conhecido para voltar às vidas passadas, começa a mover-se de maneira independente.

- Não, você não está pagando nada. Eu não estou pagando nada. Lembre-se daquilo que falei no trem: estamos vivendo agora tudo que está no passado e no futuro. Neste exato momento, em um hotel de NS., o mundo está sendo criado e destruído.

Não apenas em NS., mas em todos os lugares do universo o tempo bate como o gigantesco coração de Deus, é ao mesmo tempo expansão e contração. Ela se aproxima mais, e eu sinto o pequeno coração ao meu lado também batendo, cada vez mais forte.

Como também mais rápido se move o anel dourado em torno do meu corpo. *Tinha feito isso apenas duas vezes. A primeira, quando li em um livro que ensinava "os mistérios das vidas passadas". A segunda, quando comentei com J. e ele me fez repetir, levando-me até onde estou indo agora. Naquela época, quando terminamos o exercício, ele perguntou se eu achava que podia acrescentar algo ao momento presente. Eu disse que de maneira nenhuma, era o fogo que estava pegando no quarto ao lado, e se eu abrisse a porta seria consumido pelas chamas.*

- Mesmo assim, *um dia* você vai voltar - respondera. - Saberá quando o momento exato. Você irá voltar porque a sua missão nesta vida está ligada ao que aconteceu naquela época.

O momento chegou quando a mulher entrou no meu quarto, deitou-se em minha cama, aconchegou-se ao meu lado. Como se fosse a coisa mais natural do mundo, eu comecei a fazer o exercício, e ele parece estar dando resultado. Pena que não a posso levar comigo, embora ela seja parte daquilo que imagino que vou ver. Quando estivemos juntos no Aleph, eu entendi que ela estava ali. Mas o Aleph está no cubículo do vagão de trem; e nós estamos em um quarto de hotel.



- Apenas as mulheres acreditam no amor. Os homens não acreditam.
- Os homens acreditam no amor - respondo.

Aplicar me no Aleph

que repetia em todas as vidas das pessoas que praticam com frequência o exercício, cada época eu encontro

As batidas de seu coração começam a diminuir de intensidade. Imagino que seus olhos estejam fechados, ela está sentindo-se amada, protegida, e a idéia de rejeição desapareceu tão rápido quanto chegou.

Sua respiração começa a ser mais lenta. Ela se mexe de novo, mas desta vez é apenas para encontrar uma posição mais confortável. Eu também me movo, tiro o cinzeiro do meu peito, torno a coloca-lo na mesa de cabeceira, e a envolvo com meus dois braços.

O anel dourado agora se move a uma velocidade incrível, indo dos meus pés à cabeça, da cabeça aos meus pés. E de repente sinto que o ar em minha volta se move, como se algo tivesse explodido.

Meus óculos estão embaçados. Minhas unhas estão sujas. A vela mal consegue iluminar o ambiente, mas posso perceber os meus braços, mas mangas são de um tecido de lã grossa e mal tecida.

Diante de mim, há uma carta. Sempre começa com a mesma carta



Existe um outro tribunal no Céu

29

Córdoba, 11 de julho 1492

Caríssimo

Poucas armas nos sobraram, e entre elas, a Inquisição – que tem sido alvo dos mais ferrenhos ataques. A má-fé de uns, os preconceitos de outros, fazem o Inquisidor passar por um monstro. Neste momento difícil e delicado, quando a esta pretensa Reforma está fomentando a rebelião nos lares, as desordens nas ruas, caluniando este tribunal de Cristo, acusando-o de torturas e monstruosidades, nós somos a autoridade! E a autoridade pública tem o direito de punir com a pena máxima aqueles que prejudicam gravemente o bem geral, seja para amputar de um corpo doente um membro que o contamina, seja para impedir que outros limitem seu exemplo. É portanto justíssimo que a pena de morte seja aplicada aos que – propagando a heresia com obstinação – fazem com que muitas almas sejam lançadas no fogo do Inferno.

As todos
1500 q'ra
e i' b'ombas
Nossa Nossa
Vencemos,
Nossa Rainha
a encanento
o do d'ouro

Essas mulheres acham que tem plena liberdade de proclamar o veneno de seus erros, de semear a luxúria e a adoração ao diabo. Bruxas é o que elas são! As penas espirituais nem sempre bastam. A maioria das pessoas é incapaz de compreendê-las. A Igreja deve possuir – e possui – o direito de aplicar penas físicas!

o que está errado e cobra uma atitude mais radical de uma autoridade!

Vieram afastar o marido da mulher, o irmão da irmã, o pai dos seus filhos. Sem dúvida a Igreja é uma mãe cheia de misericórdia, sempre disposta a perdoar. Nossa única preocupação é conseguir com que se arrependam, e possamos entregar suas almas já purificadas ao Criador. Como uma arte divina – onde se reconhece a inspirada palavra de Cristo – gradue seus castigos até que elas confessem seus rituais, suas maquinações, os feitiços que espalharam pela cidade agora transformada em caos e anarquia.

Esse ano já conseguimos empurrar os muçulmanos para o outro lado da África, porque fomos inspirados e guiados pelo braço sagrado de Cristo. Quase dominavam a Europa, mas a Fé nos ajudou, e vencemos todas as batalhas. Os judeus também fugiram e os que ficaram agora serão convertidos a ferro e a fogo. Agora o principal inimigo reside entre nós, a luxúria, a lascívia e a adoração ao demônio. Se estas mulheres forem bem-sucedidas, terminaremos enfraquecidos, os árabes voltarão, os judeus se agruparão de novo, e 1.500 anos de luta pela Paz de Cristo serão soterrados pelo mal.

que ambos
muito judeus
que foram
com a
heresia

Conseguimos tb entre os infelizes, que
faziam seus crimes, o que os
os árabes, a mesma raça cuja
única diferença é compartilharem deficientes
heresias.

Devemos abater imediatamente as autoras dessa demência sacrilega antes que o mal se propague. Caso contrário, seria condenar a honestidade, destruir o casamento, instalar o reino do Demônio.

Tem-se dito que a tortura foi instituída pelo Tribunal do Santo Ofício. Nada mais falso! Muito pelo contrário: quando o direito romano admitiu a tortura, a Igreja inicialmente a repeliu. E agora – premidos pela necessidade – nós a adotamos, mas seu uso é LIMITADO! O Papa permitiu – mas não ordenou – que em casos raríssimos se aplique a tortura. Mas esta permissão se restringe exclusivamente aos hereges. Neste tribunal da Inquisição, tão injustamente desacreditado, todo seu código é sábio, honesto e prudente. Depois de qualquer denúncia, antes de qualquer perseguição, há um mês inteiro consagrado ao esclarecimento e à recondução dos culpados à senda de Cristo. O Inquisidor tem o direito de inquirir e prescrever métodos necessários para que o culpado CONFESSE. Aqui é que intervém, às vezes, a aplicação da tortura, mas somente da forma que indicamos antes.

Para paralisar a Igreja e a vontade de ser o

No entanto, os adversários da glória divina nos acusam de carrascos sem coração, sem ver que a Inquisição aplica a tortura com uma medida e uma indulgência desconhecida perante todos os tribunais civis de nosso tempo! A tortura só pode ser empregada UMA vez em cada processo, de modo que espero que você não desperdice a única oportunidade que tem. Se não agir de maneira correta, estará desacreditando o Tribunal e seremos obrigados a libertar aquelas que só vieram a este mundo para espalhar a semente e ver crescer que há de pior nos filhos de Deus. Somos todos fracos, apenas o Senhor é forte. Mas Ele nos torna fortes quando nos dá a honra de lutar pela glória do Seu nome.

Uma mulher e alguns

Você não tem o direito de errar. Se você encontrou culpa nestas mulheres, faça com que confessem antes de entrega-las à misericórdia do Pai.

de quem não vai sofrer mais do que sei que posso sofrer

Embora seja sua primeira vez, e seu coração esteja cheio do que pensa que é misericórdia mas na verdade não passa de fraqueza, lembre-se que Jesus não hesitou em chicotear os vendilhões do tempo. Use o chicote, a roda, o que tiver ao seu alcance, mas não permita que seu espírito se enfraqueça. Lembre-se que não há nada mais piedoso do que a morte na fogueira. Esta é a forma mais legítima de purificação. O fogo queima a carne, mas limpa a alma, que poderá então subir para a glória de Deus!

cutelmas e para vencer

Seu trabalho é fundamental para que a ordem seja mantida, nosso país supere as dificuldades, a Igreja reconquiste o poder ameaçado pelas iniquidades, a palavra do Cordeiro volte a ecoar no coração das pessoas. As vezes é necessário utilizar o medo para que a alma encontre seu caminho. As vezes é necessário utilizar a guerra para que finalmente possamos viver em paz. Não nos importamos com a maneira com que estamos sendo julgados agora, porque o futuro nos fará justiça e reconhecerá nosso trabalho.

são muitos

Entretanto, mesmo que o futuro não saiba aquilo que fizemos, e tenha se esquecido de que fomos obrigados a ser duros para que todos pudessem viver na mansidão pregada pelo Filho, nós sabemos que a recompensa nos espera no Céu.

As sementes do mal precisam ser arrancadas das áreas que
Você encontrou estas sementes do mal, agora é hora de arranca-las da terra e queima-las. Cumpra seu dever, sem ódio contra estas pobres criaturas, mas sem piedade com o Maligno.

Lembre-se que existe um outro Tribunal no Céu, e ele irá lhe pedir contas de como você administrou o desejo de Deus na terra.

(elaborado)

Acreditar mesmo sendo desacreditada

Parece que passamos a noite inteira sem nos mover. Eu acordo com ela em meus braços, exatamente na mesma posição que estávamos antes que do anel de ouro.

- Vamos nos levantar. O quarto está cheio da luz da manhã. Precisamos fazer algo.

Ela vira-se para o outro lado, dizendo alguma coisa como "o sol raia muito cedo na Sibéria nesta época do ano".

- Vamos nos levantar. Precisamos sair agora. Vá até o seu quarto, vista-se e nos encontramos lá embaixo.

O homem na portaria do hotel me deu um mapa e me indicou onde devo ir. Cinco minutos de caminhada. Ela reclama porque o café da manhã ainda não foi servido. Dobramos duas ruas e logo estamos diante de onde precisava estar.

- Mas isso é... uma igreja!

Sim, uma igreja. A cúpula em forma de cebola, pintada de azul e com uma cruz dourada no topo. As portas abertas e algumas senhoras de idade entrando naquele momento. Peço que me acompanhe, preciso muito que faça alguma coisa por mim.

- Detesto acordar cedo. E detesto ainda mais igrejas.

Não tem importância, já acordamos e agora eu a levo pela mão até o interior. Não é a primeira vez que entro em uma igreja ortodoxa; e nunca sei direito o que fazer além de acender as finas velas de cera e rezar para que os santos e anjos me protejam. Mesmo assim, não posso deixar de admirar a beleza de cada uma delas, sempre repetindo o mesmo padrão: o teto em forma de céu, a nave central sem nenhum banco, os arcos laterais, os ícones pintados com ouro e jejum, diante dos quais algumas das senhoras que acabaram de entrar se curvaram e beijaram o vidro protetor.

Tudo aquilo que eu havia me queixado com J. em minha casa nos Pirineus está agora voltando com toda força. O mês e meio que antecedeu esta viagem foi apenas uma preparação para o momento em que, no cubículo do vagão, mergulhei no Aleph junto com ela. E assim como acontece com todo mundo, as coisas começam a se encaixar com uma perfeição absoluta quando estamos concentrados nela. Apesar de tudo que experimentei durante a noite, apesar daquilo que preciso experimentar ainda antes de chegar a Vladivostok, o meu coração está calmo.

89 A

ainda não abriu o café da manhã

Adiama de espina do homem a um pouco nenhum homem a vista na rua quase classif.

SD - spine para

hablado das salas do pintores

Hilal foi possuída pela beleza do lugar, e esqueceu que estamos em uma igreja. Coloco as moedas, compro quatro velas, acendo três diante do icone que me parece ser São Jorge, peço por mim, pela minha família, e pelo meu trabalho. Levo a quarta vela acesa até Hilal.

- Peço por favor que não pergunte nada. Apenas faça tudo o que eu pedir. Segure esta vela.

Hilal está completamente desperta; em um movimento instintivo, olha para os lados para ver se alguém está prestando atenção no que estamos fazendo. Deve estar pensando que talvez aquilo não seja respeitoso ou próprio. Mas no segundo seguinte já não está mais se importando; detesta igrejas e não tem que se comportar como todo mundo.

reflete em
 Vejo a chama da vela refletida nos seus olhos, e abaixo a cabeça. Não há culpa, apenas aceitação e um dor remota, que se manifesta em outra dimensão, e que eu me recuso a aceitar.

- Eu lhe traí. E peço que me perdoe.

- Tatiana! Eu sabia que...

Coloco os dedos nos seus lábios e ela se cala. Apesar de toda sua força de vontade, de sua luta, de seu talento, tem 21 anos, eu não posso me esquecer disso. Claro, eu devia ter construído a frase de outra maneira.

- Não, não foi Tatiana. Por favor, apenas me perdoe.

- Eu não posso perdoar algo que não sei.

- Lembre-se do Aleph. Lembre-se do que sentiu naquele momento. Tente trazer até este lugar sagrado algo que não ~~conhece~~ *emconhece*, mas que está no seu coração. Se for necessário, imagine uma sinfonia ~~que toca~~ e deixe que ela a guie até o lugar onde precisa ir. Nada disso interessa agora: palavras, explicações, perguntas. Apenas me perdoe, mas um perdão que tem que vir do fundo da sua alma, essa alma que passa de um corpo a outro, e que aprende a medida que viaja no tempo que não existe e no espaço que é infinito.

"Nunca podemos ferir a alma, porque nunca podemos ferir Deus. Mas estamos presos na memória, e isso faz com que nossa vida possa ser miserável, mesmo que tenhamos tudo para sermos felizes. Oxalá pudéssemos estar completamente aqui, como se tivéssemos despertado neste momento no planeta Terra e nos encontrássemos dentro de um templo coberto de ouro. Mas não podemos. Portanto, esqueça quem você é neste momento, e vá até o lugar onde está aquela que você sempre foi. Neste lugar, encontrará as palavras certas de perdão, e me perdoará com elas. "

Hilal olha em volta, como se estivesse buscando inspiração nas paredes douradas, nas colunas, nas pessoas que estão entrando àquela hora da manhã, nas chamadas

83

de velas acendidas. Fecha os olhos, talvez seguindo minha sugestão e imaginando as notas de uma música.

- Você não vai acreditar. Parece que estou vendo um menina...um menina que já não está mais aqui e quer voltar...

Eu não levanto a cabeça. Peço apenas que não interrompa, que escute o que a menina tem a dizer.

- A menina perdoa. Não porque virou uma santa, mas já não agüenta mais carregar este ódio. Odiar cansa. Não sei se muda algo no céu ou na terra, se salva ou condena minha alma mas estou exausta e só agora entendo isso. Eu perdôo o homem que quis me destruir quando eu tinha cinco anos. Ele sabia o que estava fazendo, eu não sabia. Mas achei que era minha culpa, odiei a ele e a mim, odiei a todos que se aproximavam, e agora a minha alma está se libertando.

Não, não era aquilo que eu esperava.

- Perdoe tudo e todos, mas perdoe a mim – eu peço. - Me inclua no seu perdão.

- Eu perdôo tudo e todos, e perdôo você, cujo crime não conheço. Perdooo porque te amo, perdôo porque não me amas, perdôo porque me ajuda a estar sempre perto de meus demônios, embora eu já não pensasse nele a anos. Perdooo porque me rejeitas e o meu poder se perde, perdôo porque não entendes quem sou e o que estou fazendo aqui. Perdooo você e o demônio que tocava meu corpo quando eu ainda não entendia direito o que era a vida. Ele tocava meu corpo, mas ele deformava minha alma.

Ela colocou as mãos em prece. Eu gostaria que o perdão fosse só para mim, mas ela estava redimindo todo o seu mundo. E talvez fosse melhor.

Seu corpo começou a tremer. Os olhos se encheram de lágrimas.

- Precisa ser aqui? Precisa ser em uma igreja? Vamos para fora, para o céu aberto. Por favor!

- Precisa ser em uma igreja. Um dia faremos isso em céu aberto, mas hoje precisa ser em uma igreja. Por favor, perdoe-me.

Ela fechou os olhos e levantou as mãos para o teto. Uma mulher que entrava notou o gesto e fez um sinal de desaprovação com a cabeça. Ali era um lugar sagrado, os ritos eram diferentes. Eu fingi que não notei, e fiquei aliviado porque Hilal agora estava falado com o Espírito, que dita as orações e as verdadeiras leis, e nada neste mundo poderia distraí-la.

- Eu me liberto do ódio através do perdão e do amor. Eu entendo que o sofrimento, quando não pode ser evitado, está aqui para me fazer avançar em direção a glória. Eu compreendo que tudo se entrelaça, todas as estradas se encontram, todos os rios caminham em direção ao mesmo mar. Por isso, eu sou neste momento o instrumento do perdão. Perdão por crimes que cometeram, um que eu conheço e outro que eu desconheço.

Sim, um espírito falava com ela. Eu conhecia esse espírito e essa oração, tinha aprendido há muitos anos no Brasil. Era de um menino, e não de uma menina. Mas ela repetia as palavras que estavam no Cosmos, sempre esperando para serem usadas quando fosse necessário.

Lucho que chora

Hilal falava baixo, mas suas palavras pareciam ecoar pelos quatro cantos da igreja.

- As lágrimas que me fizeram verter - eu perdôo.
- As dores e as decepções - eu perdôo.
- As traições e mentiras - eu perdôo.
- As calúnias e as intrigas - eu perdôo.
- O ódio e a perseguição - eu perdôo.
- Os golpes que me feriram - eu perdôo.
- Os sonhos destruídos - eu perdôo.
- As esperanças mortas - eu perdôo.
- O desamor e o ciúme - eu perdôo.
- A indiferença e a má vontade - eu perdôo.
- A injustiça em nome da justiça - eu perdôo.
- A cólera e os maus tratos - eu perdôo.
- A negligência e o esquecimento - eu perdôo.
- O mundo, com todo o seu mal - eu perdôo.

Ela abaixou os braços e colocou as mãos no rosto. Eu me aproximei e a abracei.

- Não terminei - disse, afastando meus braços.

Tornou a fechar os olhos e olhar para cima.

- Eu perdôo também a mim mesma. Que os infortúnios e mágoas do passado não sejam mais peso em meu coração. No lugar da mágoa e do ressentimento, coloco a compreensão e o entendimento; no lugar da revolta, coloco a música que sai do meu violino. No lugar da dor, coloco o esquecimento. No lugar da vingança, coloco a vitória.

"Serei naturalmente capaz de amar acima de todo desamor,

De doar mesmo que despossuída de tudo,

De trabalhar alegremente mesmo que em meio a todos os impedimentos,

De estender a mão ainda que em mais completa solidão e abandono,

De secar lágrimas ainda que aos prantos,

De acreditar mesmo que desacreditada.

Ela abriu os olhos, colocou as mãos na minha cabeça, e disse com toda a autoridade que vinha do Alto:

- Assim seja. Assim será.

Um galo cantou ao longe. Era o sinal. Peguei sua mão e saímos, olhando a cidade que começava a despertar também, ela sem entender o que havia dito, eu sabendo que o perdão foi o momento mais importante, mas não era o último passo daquela história.

Chegamos a tempo de tomar café com o resto do grupo, preparas as malas, e seguirmos em direção à estação de trem.

- Hilal dormirá na cabine vazia em nosso vagão - disse.

Ninguém comentou nada. Entendi o que estavam pensando, e não me dei ao trabalho de explicar que não era absolutamente nada daquilo.

As folhas do chá

26

Todos parecem mais acostumados agora. A mesa é o centro deste universo, e por ali passaram todos estes dias o café da manhã, o almoço, o jantar, as conversas sobre a vida, as expectativas do que nos espera adiante. Hilal agora está instalada no mesmo vagão, participa das refeições, usa o meu banheiro para tomar a ducha diária, toca violino compulsivamente durante o dia. Estamos falando dos xamãs no Lago Baikal, nossa próxima parada. Yao explica que gostaria muito que eu conhecesse um deles.

- Veremos quando eu chegar ali.

Tradução: "não estou muito interessado." Mas não acredito que se deixe desestimular por isso. Encontrará um meio de convencer-me.

- Lembro-me da nossa conversa antes de chegar a NS. - diz a editora. - Você dizia que o Aleph era um ponto fora da gente, mas que quando duas pessoas estão apaixonadas, conseguem trazer este ponto para qualquer lugar. Foi isso mesmo?

- Se falamos da tradição mágica, a resposta é: "não, ele está do lado de fora." Se falamos da tradição humana, pessoas apaixonadas podem em certos momentos, mas em momentos muito especiais, experimentar a sensação do Todo. Em geral, nos vemos como seres diferentes, mas estamos unidos pela mesma alma. Entretanto, para mergulhar no Aleph desta maneira é preciso um fato muito intenso: um grande orgasmo, uma grande perda, um conflito que atinge seu ponto máximo, um momento de amor que raramente se repete.

- Conflito é o que não falta - diz Hilal. - Vivemos cercados de conflitos, como aqui neste vagão.

Ela está provocando uma situação que já tinha sido resolvida. Conquistou o terreno, e agora quer avançar adiante. A editora entende que está falando com ela, mas se cala. O mal-estar se instala de novo.

- No meu caso, não preciso ficar procurando aprovação o tempo todo - responde a editora, procurando generalizar mas atirando a flecha no alvo. - O mundo está dividido entre os que me entendem e os que não me entendem; no segundo caso, eu simplesmente deixo que estas pessoas se torturem procurando ganhar minha simpatia.

27

- Engraçado, sou muito parecida – rebate Hilal. – Eu sempre me imaginei como sou, e consegui chegar até onde queria. Um exemplo claro é que estou agora dormindo neste vagão.

Yao se levanta. Não deve estar com paciência para aturar este tipo de conversa.

O editor me olha. O que espera que eu faça? Tome partido?

- Você não tem idéia do que está falando – agora a editora olha diretamente para Hilal. – Eu também sempre ache que estava preparada para tudo, até que nasceu meu filho. O mundo pareceu desabar na minha cabeça, eu me achei fraca, insignificante, incapaz de protegê-lo. Sabe quem se acha capaz de tudo? A criança. Ela confia, não tem medo, acredita em seu próprio poder, e consegue exatamente o que está querendo.

“Mas a criança cresce. Começa a entender que não era tão poderosa assim, que para sobreviver depende dos outros. Então ama, espera ser retribuída, e a medida que a vida vai avançando, espera cada vez mais ser retribuída no seu amor. Está disposta a sacrificar tudo, inclusive seu poder, para receber em troca o mesmo amor que está dando. E terminamos onde estamos hoje: adultos fazendo qualquer coisa para sermos aceitos e amados.”

Yao havia voltado, mas estava equilibrando-se em pé, com uma bandeja de chá e cinco canecas.

- Por isso perguntei sobre o Aleph e o amor – continua a editora, voltando-se para mim. Não estava falando de um homem; havia momentos em que eu olhava meu filho dormindo e podia ver tudo que estava acontecendo no mundo; o lugar de onde ele tinha vindo, o lugares que conheceria agora, as provas que precisava enfrentar para chegar onde eu sonhava que chegasse. Mas ele foi crescendo, o amor continuou com a mesma intensidade, mas o Aleph desapareceu.

Sim, ela tinha entendido o Aleph. Havia um silêncio respeitoso na mesa. Hilal estava completamente desarmada.

- Estou perdida – disse ela. - Parece que as razões que eu tinha para chegar aqui onde estou agora desapareceram. Posso saltar na próxima estação, voltar para E., dedicar-me o resto da vida ao violino, e continuar sem entender tudo isso. Quando chegar o dia da minha morte, eu perguntarei: o que estava fazendo ali?

Eu toco em seu braço.

- Venha comigo.

- Um minuto – diz Yao, sentando-se. Distribuí as canecas entre todos nós, e coloca o pote de chá no centro da mesa.

- Enquanto vivia no Japão, aprendi a beleza das coisas simples. E a coisa mais simples e mais sofisticada que experimentei foi a ^{cerimônia} do chá. Levantei-me com o único objetivo de fazer isso: explicar que apesar de todas as nossas dificuldades, os nossos conflitos, a nossa mesquinhez e a nossa generosidade, podemos adorar o que é simples. Os samurais deixavam suas espadas do lado de fora, entravam na sala, sentavam-se na postura correta, e bebiam chá. Mas com tanto respeito, que eram capazes de esquecer a guerra e dedicar-se por algum tempo a apenas adorar o belo. Fazamos isso.

Ele enche cada uma das canecas. Aguardamos em silêncio.

- Eu fui procurar o chá porque vi dois samurais prontos para o combate. Mas voltei, e encontrei duas almas que se compreendiam sem que nada disso fosse necessário. Mesmo assim, vamos beber juntos. Vamos concentrar nosso esforço na tentativa de atingir o Perfeito através dos gestos imperfeitos da vida cotidiana. Toda a sua beleza consiste em respeitar as coisas simples que fazemos, pois elas podem nos transportar até onde precisamos.

Tomamos respeitosamente o chá que Yao nos serviu. Agora que fui perdoado, posso sentir o gosto das folhas quando ainda eram jovens. Posso envelhecer com elas, secar ao sol, ser colhida por mãos calejadas, transformar-me em bebida e criar harmonia ao meu redor. Nenhum de nós tem pressa; durante esta viagem estamos passando por muitas experiências, mas talvez uma das mais importantes seja a capacidade de destruir e reconstruir constantemente quem somos.

Quando terminamos, pego carinhosamente no braço de Hilal:

- Venha comigo.

com o olhar mais bonito com a minha ideia

Estamos no cubículo que dá para as portas do trem. Um homem velho conversa animadamente com uma senhora justamente no lugar onde está o Aleph. Talvez por causa da energia daquele ponto, a conversa possa demorar muito tempo.

Aguardamos um pouco. Chega uma terceira pessoa, acende um cigarro, e se junta aos dois que conversavam. Teoricamente eles não deviam estar ali, mas no vagão anterior. Mas não vou reclamar; aquilo é um sinal.

aquele lugar é proibido apenas para quem está em nosso vagão

- Por que essa agressão quando ela queria fazer as pazes?

- Não sei. Estou perdida. A cada parada, a cada dia, estou mais perdida. Achei que tinha uma necessidade imperiosa de acender o fogo na montanha, estar ao seu lado, ajuda-lo a cumprir uma missão que desconheço. Imaginava que ia reagir como reagiu: fazendo todo o possível para que isso não acontecesse. E rezei para que fosse capaz de superar os obstáculos, agüentar tudo,

espera-me.

29
ser humilhada e ofendida, rejeitada e olhada com desprezo — tudo isso em nome de um amor que não imaginava existir, mas existe.

"E cheguei finalmente no lugar mais próximo, ~~que foi colocado ali de propósito~~: o quarto ao lado. Um quarto vazio porque Deus quis que a pessoa que estava marcada para vir desistisse em cima da hora. Não foi ela quem tomou a decisão: ~~ela~~ veio do Alto, eu tenho certeza. Entretanto, pela primeira vez desde que entrei neste trem rumo ao Oceano Pacífico, não tenho vontade de seguir adiante.

Chega mais uma pessoa e se une ao grupo. Desta vez, trouxe três latas de cerveja. Pelo visto, a conversa ~~ai~~ ainda vai durar muito.

- Sei do que você está falando. Acha que chegou ao final, mas não chegou. E tem toda razão, precisa entender o que está fazendo aqui. Agora que me perdoou, eu não tenho o menor problema em revelar o motivo. Mas palavras matam; preferiria que visse. Principalmente porque eu desconheço o final, a última linha, a última palavra desta história.

- Esperamos que eles saiam, vamos até o Aleph.

(É) É só que pensei, mas
- Eles não vão sair tão cedo, justamente por causa do Aleph. Embora não estejam conscientes, experimentam uma sensação de euforia e de plenitude. *até* Max Esta noite, venha para o meu quarto. *que* Acha que agora vai ter problemas em dormir, porque este vagão joga muito. Mas feche os olhos, relaxe, e fique ao meu lado. Deixe que eu a abrace como a abracei *de novo* ontem. Vou tentar ir sozinho até o final da história. *Da primeira vez que*

então, me
- É tudo que eu gostaria de escutar. Um convite para ir ao seu quarto. Por favor, não me rejeite de novo.

A quinta mulher

90

- Não deu tempo de lavar meu pijama - diz.

A camiseta que acabei de emprestar
Está usando apenas uma camiseta que tinha acabado de me pedir emprestada.
Cobre seu corpo, *mas* deixa do lado de fora suas pernas, e não consigo ver se tem mais alguma coisa por baixo. Entra debaixo da coberta.

heus *ela*
Eu acaricio seus cabelos. ~~Tenho~~ que usar de todo o tato e toda a delicadeza do mundo, dizer tudo e não dizer nada.

- Tudo que eu preciso agora é um abraço. Um gesto tão antigo como a humanidade, ~~mas~~ que significa muito mais do que o encontro de dois corpos. Um abraço quer dizer: eu não tenho medo de estar tão perto, posso relaxar, sentir-me em casa, estou protegido e alguém me compreende. Cada vez que você abraça alguém com vontade, ganha um dia de vida. Por favor, ~~me abraçe.~~

Da maldição - faça isso agora.
Coloco minha cabeça em seu peito, e ela me aninha em seus braços. Escuto de novo o coração batendo rápido, percebo que não está usando sutiã.

- Eu gostaria muito de contar o que vou tentar fazer ~~agora~~, mas não consigo. Porque não cheguei até o final, até onde as coisas são resolvidas e explicadas. Sempre paro no mesmo ponto, quando estamos saindo.

- Quando estamos saindo?

- Quando todos estão saindo. São oito mulheres, e uma delas me diz algo que não consigo escutar. Nestes 20 anos mais recentes, já estive com quatro delas, nenhuma conseguiu me levar até o final. Você é a quinta que encontro; como essa viagem não foi por acaso, como Deus não joga dados com o mundo, eu entendo a história da fogueira sagrada. Mas só vim a entender muito depois, quando mergulhamos juntos no Aleph.

- Preciso de um cigarro. Não estou entendendo nada. Achei que queria estar comigo.

Sentamos na cama e acendemos um cigarro cada um.

- Eu adoraria poder te explicar tudo, desde que pudesse entender o final da história. Mas ainda não entendi. Alguma de vocês me diz algo, que não sei se é uma benção ou maldição.

- Você está falando de vidas passadas?

Era isso que eu queria que ela compreendesse. Desde que não me peça para explicar agora de que vida estou falando.

- Como eu disse, não existem vidas passadas. Tudo está aqui no presente. Ou estamos nos condenando, ou estamos nos salvando. Ou estamos nos condenando e nos salvando a cada minuto, sempre mudando de lado, saltando de um vagão para o outro, de um mundo paralelo para o outro. Você precisa acreditar.

- Eu acredito. Eu acho que sei do que está falando.

Um outro trem passa em sentido contrário. Vemos as janelas acesas em rápida sucessão, o barulho, o deslocamento de ar. O vagão joga mais do que de costume.

- Então eu preciso ir para outro "vagão" agora, que se encontra no mesmo "trem" chamado tempo e espaço. Não é difícil: basta imaginar um anel de ouro subindo e descendo no seu corpo, lentamente no início, e sem seguida fazendo com que ganhe velocidade. Assim como o abraço, a raça humana aprendeu isso desde que começou a precisar da memória para evoluir. Prática de modo consciente ou inconsciente, mas prática.

- Simples assim?

- Simples, e altamente desaconselhado. Em um dado momento você se desprende, entra em uma terra de ninguém, e precisa saber onde vai. Se não souber, cairá em um sono profundo, e pode ser carregada para zonas onde não será bem-vinda, ou onde não aprenderá nada, apenas criará mais confusão em sua vida.

Terminamos os cigarros. Eu coloco o cinzeiro na cadeira que serve como mesa de cabeceira, e peço que torne a me abraçar de novo. Seu coração está mais disparado que nunca.

- Eu sou uma destas oito mulheres, verdade?

- Sim. Todas as pessoas com quem tivemos problemas no "passado" aparecem de novo no presente, na roda do tempo. E pouco a pouco, estes conflitos vão deixando de existir. E quando todos os conflitos de todas as pessoas deixarem de existir, entraremos um novo momento da raça humana.

Ela não está muito interessada em teorias.

- Comece. Eu vou com você.

- Não você não vai comigo. Mesmo que eu esteja nos seus braços, você não sabe onde estou indo. Não faça isso. Me prometa que não fará isso. Mesmo que eu não consiga a solução, eu direi mais tarde onde te encontrei antes. Não sei se foi a única vez que te encontrei em todas estas minhas muitas vidas, mas é a única que tenho certeza.

Ela não responde.

- Me prometa – insisto. – Hoje eu tentei leva-la até o Aleph, mas havia gente ali. Isso significa que tenho que ir lá antes de você. Mesmo que não consiga a resposta, eu em troca te prometo que você saberá do que estou falando.

Ela abre os braços e faz menção de se levantar. Eu a mantenho na cama.

9/
comp

- Vamos até o Aleph agora – diz. – Ninguém deve estar ali a esta hora.

- Por favor, acredite em mim. Volte a me abraçar, não se mova muito mesmo que esteja com dificuldades de dormir. Deixe-me primeiro ver se eu consigo a resposta. Deixe-me guiá-la quando for o momento. Acenda o fogo sagrado na montanha, porque estou indo para um lugar frio como a morte.

- Eu sou uma destas mulheres – diz.

Concordo com a cabeça. Estou escutando seu coração.

- Acenderei o fogo sagrado e ficarei aqui te apoiando. Vá em paz.

Imagino o anel. Anos de experiência me fizeram controlá-lo sem muita dificuldade. O perdão me deixa mais livre, e em pouco tempo ele está circulando sozinho em torno do meu corpo, me empurrando para o lugar que conheço e não quero voltar a estar ali, mas preciso.

g?
comp

Ad Extirpanda

93

Levanto os olhos da carta e olho para o casal bem vestido à minha frente. Eles conversam com meu superior.

Indicador
me - Somos amigos há anos – diz a mulher, com um sorriso no rosto, como se quisesse dizer que tudo continua a mesma coisa, que realmente somos amigos há anos. – Você viu nossa filha nascer. *o senhor a batizou;* Você acompanhou-a crescer, batizou-a, colocou-a no caminho de Deus. Você a conhece melhor que todo mundo.

Vira-se para a pena única. E vocês brincaram juntos,
O Inquisidor está impassível. Eles olham para mim, eu faço um sinal afirmativo com a cabeça. Sim, eu a conheço melhor que todo mundo, brincamos juntos, crescemos juntos, e antes que entrasse para a Ordem dos Dominicanos, ela era a menina junto da qual eu gostaria de passar o resto de meus dias.

- Nem estamos falando de suas amigas – é a vez do pai dirigir-se ao Inquisidor, também com um sorriso que expressa falsa confiança no rosto. – Não sei o que fazem ou andaram fazendo. Penso que a Igreja tem o dever de acabar com a heresia, assim como acabou com a ameaça dos mouros. Pode ser que tenham culpa, porque a Igreja jamais é injusta. Mas você sabe, nossa filha é inocente.

Na véspera, como faziam todos os anos, os superiores da Ordem passaram pela cidade. Como mandava a tradição, todos deviam se reunir na praça principal da cidade; não estavam obrigados a isso, mas quem não aparecesse ali já se transformava imediatamente em suspeito. *de 12/25*
Famílias de todas as classes sociais se aglomeraram diante da Igreja, um dos superiores leu o objetivo da visita – descobrir os hereges e conduzi-los à justiça terrena e divina. Em seguida, veio o momento de misericórdia: aqueles que dessem um passo adiante e confessassem espontaneamente a subversão aos dogmas divinos, seriam submetidos a um castigo brando. Apesar do terror em todos os olhos, ninguém se moveu.

Era então a vez de pedir que os vizinhos denunciassem qualquer atividade suspeita: Foi quando um senhor, conhecido por sua truculência, veio até diante do Santo Ofício e apontou as meninas.

- Nenhum de nossa família se moveu porque sabíamos que sempre fomos tementes a Deus.

- Mas alguém, mais temente a Deus, denunciou o grupo.

O homem fica contente porque o Inquisidor quebrou o silêncio. Acredita que agora há uma possibilidade de diálogo.

- Foi um inimigo, você sabe disso. Eu o mandei embora do trabalho porque olhava com cobiça para minha filha. É pura vingança, nada tem a ver com nossa fé.

O Inquisidor retira um livro de uma pilha que está em sua mesa.

94

- Quero acreditar que sim. E estou disposto a conseguir provar isso. Mas antes preciso seguir os procedimentos corretos. Se ~~ele~~ for inocente, nada terá a temer. Nada, absolutamente nada será feito além do que está escrito aqui. Depois de muitos excessos no início, agora estamos mais organizados." Hoje em dia ninguém morre mais em nossas mãos.

Estende o livro para o homem. *Directorum Inquisitorum*. ~~Ele~~ pega o volume, mas não abre. Mantem as mãos tensas, agarradas na capa, para que ninguém perceba que está tremendo. Mas todos estão vendo.

- Está tudo aí – continua o Inquisidor. - As raízes da fé cristã. A perversidade dos hereges. E como devemos distinguir uma coisa da outra.

As mãos deles estão tremendo. A mulher leva a mão até a boca e morde os dedos, controlando o medo e o choro.

- Não sou eu quem irá dizer ao Tribunal que eu já a vi, quando criança, conversando com o que me dizia ser "amigos invisíveis". É fato conhecido na cidade que ela e suas amigas se reúnem no bosque ao lado e colocam seus dedos em um copo, procurando move-lo com a força do pensamento. Quatro delas já confessaram que estavam procurando entrar em contato com os espíritos dos mortos, que lhes revelaria o futuro.

- Mas toda criança faz isso!

Ele pega o outro livro em minha mesa e começa a folheá-lo. Apesar da amizade que o une àquela família, única razão para aceitar este encontro, está impaciente para começar e terminar seu trabalho antes que chegue o domingo. Eu procuro confortar ~~o~~ com meus olhos, mas eles ignoram minha presença: estão inteiramente concentrados em cada movimento do Inquisidor. .

- Por favor – repete a mãe, já agora não procurando ocultar o desespero. – Poupe nossa filha. Se as amigas confessaram, é porque estiveram submetidas a...

O homem segura a mão da mulher, interrompendo sua frase, mas o Inquisidor a completa.

- ...tortura. E vocês, que conheço a tanto tempo, com quem já discuti todos os aspectos da Teologia, não sabem que se Deus está com elas, jamais permitiria que sofressem ~~o que~~ confessassem o que não existe? Acham que um pouco de dor seria suficiente para arrancar as piores ignomínias de suas almas? A tortura foi aprovada há 300 anos pelo Santo Papa Inocencio IV em sua bula *Ad Extirpanda*. Não fazemos isso por prazer; o que praticamos é uma prova de fé. Quem não tem o que confessar, será confortado e protegido pelo Espírito.

"Não foi a primeira vez que o Santo Ofício passou pela cidade. Nas outras visitas, nenhum de vocês se queixou ou achou injusto o que estava acontecendo. Muito pelo contrário; em um dos nossos jantares, aprovaram essa prática que já dura três séculos, dizendo que era a única maneira de evitar que as forças do mal continuassem a se espalhar. Cada vez que purificávamos a cidade de seus hereges, vocês aplaudiam. Entendiam que não somos carrascos; estamos apenas em busca da verdade, que nem sempre é transparente como devia ser."

- Mas...

95

- Mas era com os outros. Com aqueles que vocês julgavam que mereciam a tortura e a fogueira. Certa vez - ele aponta para o homem - você denunciou uma família. Disse que a mãe costumava praticar artes mágicas para que seu gado morresse. Conseguimos comprovar a verdade, foram condenados, e...

Ele aguarda um pouco antes de completar a frase, como saboreando as palavras.

- ...eu lhe ajudei a comprar por quase nada as terras daquela família, que eram vizinhas às suas. Sua piedade foi recompensada.

Ele joga o outro livro em sua direção.

- Está tudo aí. *Malleus Maleficarum*. A conspiração universal para trazer de volta o paganismo, as crenças na natureza como única salvadora, as superstições que afirmam existirem vidas passadas, a condenada astrologia, ^{filhas/ra} a ainda mais condenada ciência que se opõe aos mistérios da fé. O demônio sabe que não pode ^{GAUJIN?} fazer nada sozinho, precisa de suas feiticeiras e seus cientistas para seduzir e corromper o mundo. Enquanto os homens morrem nas guerras para salvar a fé, as mulheres começam a achar que nasceram para ^{GAUJIN?} salvar o mundo, e os covardes vão buscar em instrumentos e teorias aquilo que poderiam muito bem encontrar na Bíblia. Cabe a nós impedir que isso aconteça. Não fui eu quem trouxe essas meninas até aqui. Sou encarregado apenas de descobrir se são inocentes ou se preciso salva-las. ^{é o Imperio, que as acham sabias}

Ele se levanta, vira-se para mim, e pede que o acompanhe.

- Preciso ir. Se sua filha é inocente, ela voltará para casa antes que nasça um novo dia.

A mulher se arroja no solo e se ajoelha aos seus pés.

- Por favor! Você a tomou nos braços quando era criança!

O homem tenta sua última cartada.

- Eu doarei toda as minhas terras e a minha fortuna à Igreja, aqui e agora. Entregue-me sua pena, um papel, e eu assino. Quero sair de mãos dadas com minha filha.

Ele afasta a mulher, que agora continua no solo, o rosto entre as mãos.

- Quando nossa ordem foi escolhida, foi justamente para evitar o que estava acontecendo antes; os antigos inquisidores podiam ser facilmente corrompidos por dinheiro. Mas nós, os Dominicanos, sempre mendigamos e continuaremos mendigando. O dinheiro não nos seduz; pelo contrário, ao fazer esta oferta escandalosa, está apenas piorando a situação.

O homem me agarra pelos ombros.

- Você sempre foi nosso amigo! Frequenta nossa casa, conhece tudo que fazemos!

Eu me desvencilho dele e me encaminho para a porta. O Inquisidor volta-se uma última vez para o casal:

- Um dia vocês me agradecerão por ter salvado sua filha do castigo eterno.

26

- Tirem sua roupa.

Dois guardas avançam, mas ela faz um sinal com a mão. Não preciso deles, sei fazer isso sozinha. Lentamente, tira a saia de veludo com bordados de ouro. As vinte pessoas naquela sala fingem não dar importância, mas sei o que passa pela cabeça delas.

Tira a blusa que ontem devia ser branca, e hoje está suja e amarrotada. Seus gestos são estudados, lentos, como se quisesse provocar a nós todos com a luxúria que exala em cada poro. Eu pergunto a Deus, em silêncio se tudo aquilo está certo – meu coração está sangrando por dentro. Mas sei o que meu superior está pensando: a denúncia não foi apenas causada por elume ou vingança; a beleza daquela mulher é a própria imagem de Lúcifer, o mais belo e mais perverso anjo do céu.

O silêncio é pesado. Todos ali conhecem seu pai, sabem que é poderoso e pode causar mal a quem tocar em sua filha. Eu conheço a menina e todas as suas amigas. Fui encarregado de dar a primeira comunhão à elas, abrir a porta de seus corações para que Jesus Cristo pudesse entrar. Ela me olha, e não desvio o rosto, mas os outros se escondem nas sombras do calabouço, longe do olhar dela. Covardes! Não entendem que estão a serviço de uma causa maior, a purificação do mundo, a salvação do país e do continente. Lutaram contra os mouros, mas deixam-se intimidar pela presença de uma menina de quinze anos.

- Tire o resto.

Ela está me olhando fixamente. Levanta as mãos, desfaz o laço da veste azul que cobre o corpo, e deixa com que caia lentamente ao chão. Fez aquilo para mim. Parece ter um prazer perverso em mostrar sua nudez.

- Busque a marca de Satã – ele me ordena.

Eu me aproximo com a vela. Os bicos de seus pequenos seios estão duros, não sei se de frio ou de êxtase – possivelmente de êxtase. A pele de seu corpo está arrepiada. No meio de toda aquela escuridão, o corpo imaculadamente branco parece emitir uma luz própria. Não preciso procurar muito: perto de seu sexo, na parte superior esquerda, está a marca de Satã. Escondida para que só quem não tivesse resistido as tentações pudesse descobrir.

Eu me ajoelho ao lado de sua nudez, e verifico de novo a marca. O sinal negro, em forma de crescente.

97

- Está aí desde que nasci.

Ela falou pela primeira vez desde que entrou naquela sala. Da mesma maneira que seu pai lá fora, agora pensa que pode estabelecer um diálogo, convencer a todos ali que é inocente. Rezo com todas as minhas forças, pedindo desesperadamente a Deus para que seja; um pouco de dor e tudo estará terminado em menos de meia-hora.

- Nunca invoquei o demônio.

O Inquisidor fala com uma ternura surpreendente, que só pode ser inspirada pela misericórdia divina.

Assim acontece nos
- Não é sua conversa que irá mostrar isso. A Igreja sabe que os demônios usam seus súditos para argumentar brilhantemente sobre qualquer tema; não, o mal sai da boca do homem, disse Jesus. Se o mal estiver ali dentro, ele será extirpado pelos gritos, e se transformará na confissão que todos esperamos. Se o mal não estiver ali, ela resistirá à dor.

- Mas você e ele – aponta para mim – sabem que sou inocente. Não apenas eu, mas todas as minha companheiras.

- Não fale sem que eu lhe dirija a palavra – respondo com suavidade mas firmeza. Apenas balance a cabeça em sinal afirmativo ou negativo. Suas outras quatro amigas já lhe contaram o que acontece, não é verdade?

Ela faz um sinal afirmativo. Eu volto para o meu lugar junto aos juízes, escrivães, soldados. Oxalá essa corja não estivesse ali – o Inquisidor não é uma pessoa má, apenas está convencido de sua guerra santa. Se fossemos apenas nós três, eu sei que ele deixaria comover-se. Mas Igreja precise desta corja para poder condenar alguém, mas o processo tem que seguir seu curso legal. Não fazemos nada de maneira arbitrária, registramos tudo para que o futuro saiba como agimos em defesa da fé, e as condenações são proferidas pelo Estado. A nós cabe apenas apontar o culpado.

- Não se assuste. Conheço sua família, e farei todo o possível para que possa provar que jamais participou dos rituais que lhe são atribuídos. Que não invocou os mortos, que não procurou descobrir o que está no futuro, que não tentou visitar o passado, que os discípulos de Satanás jamais tocaram o seu corpo, apesar da marca que está CLARAMENTE visível ali.

- Vocês sabe que eu sou inocente.

Pela primeira vez eu desvio os olhos. Todos os presentes, viram-se para o Inquisidor, como se esperassem uma reação. De novo eu peço ao Pai que lhe dê paciência e tolerância, que não à envie para a Roda. Ninguém resiste à Roda, de modo que só aqueles dos quais se tem certeza da culpa são colocados ali, amarrados na parte externa do aro. Embaixo são colocadas brasas e prego pontiagudos. Um de nós é encarregado de gira-la, o corpo vai sendo lentamente queimado, enquanto os pregos dilaceram a carne.

- Levem-na para a cama..

Minhas preces foram ouvidas.

Dois guardas avançam, ela tenta fugir, mas sabe que é impossível. Corre de um lado para outro, e seu corpo toca os homens que estão ali, que viram o rosto mas devem ter gostado do cheiro, da proximidade, do suor que começa a sair por todos os seus poros, apesar do frio. Não grita como as outras, apenas tenta escapar. Os guardas finalmente conseguem agarrá-la: na confusão eles estão tocando propositadamente os seios pequenos, o sexo oculto por um grande tufo de cabelos.

Ela é levada à cama de madeira, feita especialmente para o Santo Ofício na Holanda, mas cujo uso é hoje recomendado em vários países. Abrem suas pernas, fixam os tornozelos em dois anéis em uma das extremidades. Em seguida, puxam seus braços para trás e os amarram em cordas presa a uma alavanca.

- Eu administrarei a alavanca

O Inquisidor concorda. Os bárbaros podem romper seus músculos.

As pessoas se aproximam. A moça nua, de pernas abertas, presa a uma mesa é uma visão que pode ser infernal e paradisíaca ao mesmo tempo. Sinto que o demônio me tenta, esta noite irei me flagelar até que ele saia do meu corpo, afaste o desejo de estar ali, abraçado com ela, longe dos olhos de todos. Apenas nós dois.

Saja molin

e juro com ele

pro flagelo

- Afaste-se em nome de Jesus!

Gritei para o demônio, mas sem querer empurrei a alavanca, e o corpo dela se estirou. Ela apenas gemeu, e sua coluna curvou-se em um arco. Afrouxo a pressão, e ele volta ao normal.

Eu de novo peço que Deus escute minhas preces. Passando o limite da dor, o espírito se fortalece. Os desejos da vida cotidiana perdem o sentido, e o homem se purifica. O sofrimento vem do desejo, e não da dor.

(comp)

- Suas amigas lhe contaram o que é isso, não é verdade? A medida que eu for movendo esta alavanca, seus braços serão puxados para trás, os ombros vão sair do lugar, a coluna vertebral irá desmembrar-se, a pele se romperá. Não me obrigue a ir até o final. Apenas confesse como fizeram as outras. Eu a absolverei dos seus pecados, poderá voltar para casa apenas com uma penitencia, e a vida voltará ao normal. O Santo Ofício não passará tão cedo na cidade.

Vejo se o escrivão está anotando direito minhas palavras. Que tudo fique registrado para o futuro.

- Eu confesso – diz ela. – Me diga os meus pecados, e eu confesso.

Toco a alavanca com muito cuidado, mas o suficiente para fazer com que ela dê um grito de dor. Por favor, não me deixe ir mais adiante. Por favor, ajude-me e confesse logo.

- Não sou eu quem dirá o seus pecados. Embora eu os conheça, preciso que você mesma diga – porque o Tribunal está presente.

- Eu confesso que pequei todos os pecados do mundo. Que tive sonhos onde os homens vinham até minha cama e me beijavam o sexo. Um destes homens era você, e eu confesso que o tentei em sonhos. Eu confesso que me reuni com minhas amigas para invocar o espírito dos

mortos, porque queria saber se um dia iria casar com o homem que sempre sonhei ter ao meu lado. Esse homem era você, eu esperava crescer um pouco mais e depois tentar desvia-lo da vida monástica. Eu confesso que escrevi cartas e diários que queimei, porque eles falavam da única pessoa que teve compaixão comigo além dos meus pais, e isso me havia feito ama-lo. Essa pessoa era você, e

Puxo a corda com mais força, e ela dá um grito e desmaia. O corpo branco estava agora coberto de suor. Os guardas iam jogar água fria em seu rosto para que recuperasse a consciência e pudéssemos continuar a extrair a confissão, mas o Inquisidor os interrompe. Também ele tem piedade, também ele quer salva-la.

- Não há necessidade. Penso que o Tribunal ouviu o que precisava ouvir; podem vesti-la apenas com a roupa de baixo, e leva-la de novo à cela.

Eles removem o corpo inanimado, agarram a camisola branca que estava no chão, e a carregam para longe de nossos olhos. Ele se vira para os homens de coração duro que estão ali.

- Agora senhores, aguardo o veredicto. A não ser que alguém neste lugar tenha algo a dizer. Se for assim, reconsideraremos a acusação.

E não apenas ele, mas todos se voltam para mim. Uns pedindo que eu não diga nada, outros pedindo que a salve, porque como ela disse, eu a conheço.

Mas por que ela tinha que dizer aquelas palavras naquela hora? Por que trazer de volta coisas que foram tão difíceis de superar quando decidi servir a Deus e deixar o mundo para trás? Por que não me permitir que a defendesse quando podia salvar sua vida? Se ~~eu~~ disser qualquer coisa a seu favor, no dia seguinte a cidade inteira estará comentando que salvei as meninas porque ~~uma delas disse que sempre me amou. Minha reputação e minha carreira podem estar acabadas para sempre.~~ *elas*

- Estou disposto a mostrar a leniência da Mãe Igreja, se uma só voz aqui levantar-se em sua defesa.

Não sou o único que conhece sua família ali. Alguns devem favores, outros devem dinheiro, ou são movidos pela inveja. Ninguém irá abrir a boca, exceto o único que não deve nada.

- Dou o procedimento por encerrado?

O Inquisidor, apesar de ser mais culto e mais devoto que eu, parece que está pedindo minha ajuda. Mas ela disse que me amava. Ela disse coisas que nem eu nem os outros podia ouvir. Se ela falou, eu fico calado.

"Dizei uma só palavra e meu servo será salvo" disse o centurião a Jesus. Dizei uma só palavra e minha serva será salva.

Os meus lábios não se movem.

O Inquisidor não demonstra o que está sentindo por mim: desprezo. Vira-se para o grupo.

- A Igreja, aqui representada por este seu humilde defensor, espera a pena de morte.

Os homens se reúnem em um canto, e eu escuto o demônio gritando cada vez mais alto nos meus ouvidos, tentando confundir-me – como já fizera antes, quando tive que fazer a mesma coisa com as outras. Em nenhuma delas deixei as marcas que se quisesse podia deixar; já vi alguns irmãos que levam a alavanca até o extremo, e os condenados morrem com todos os órgãos destruídos, o sangue golfando pela boca, os corpos aumentados em mais de trinta centímetros.

Os homens voltam com o papel assinado por todos. Assim como com as outras que foram interrogadas antes, o veredicto é o mesmo: morte na fogueira.

O Inquisidor me olha com desprezo, agradece a todos, e sai. Os homens que administram a lei e a justiça também se afastam, alguns já conversando sobre qualquer futilidade que está acontecendo nas vizinhanças, outros de cabeça baixa. Eu me ajoelho e peço perdão a Deus de ter o coração mais fraco, de não conseguir ser duro mesmo diante da iniquidade e da ameaça ao seu reino. Tampouco sou inocente; esta noite irei me flagelar até expulsar aquelas palavras que não queria ouvir, que nunca provoquei, e que só podiam estar mesmo na cabeça de uma mente possuía.

Ela está afagando meus cabelos.

- Obrigado por me deixar ficar aqui ao seu lado – diz. – Há muito tempo que não me sinto tão bem. Geralmente se estou assim com homens, eles procuram tocar-me, beijar-me, entrar em mim como se fosse um simples objeto. Você me respeita. Você merece meu amor.

De novo a imensa paz que vem quando mergulhamos na escuridão, vemos as sombras, aceitamos os erros, e pedimos perdão. Ela me perdoou e agora está ali, ao meu lado. Imagino como irá reagir quando eu mostrar o que está acontecendo em uma outra vida neste momento. Algo pode ser mudado no passado, se eu não me desesperar agora e deixar-me destruir pela culpa. Eu preciso manter o coração cheio de luz e o ânimo forte. Porque se nos encontramos de novo, a verdadeira Misericórdia é infinita, o que foi pode deixar de ser, a redenção se aproxima.

Encontrei outras quatro antes. Nunca consegui ir além daquilo que vi nos olhos de Hilal: o caminho para a fogueira. Talvez tampouco consiga agora; então enfrentarei a próxima, e a próxima, até que em algum momento terei minha epifania. Deus é misericórdia – não a misericórdia doentia do homem que julga saber o que está fazendo, e arranca com dor a culpa de sua alma e das almas dos outros. No meu coração, entendo Seu amor, porque fui perdoado.

Preciso viver todas as graças que Deus me deu hoje. A graça não pode ser economizada. Não existe um banco onde depositamos as graças recebidas, para utilizá-las de acordo com nossa

vontade. Se eu não usufruir destas bênçãos, vou perde-las irremediavelmente. Preciso viver as graças, porque as culpas já me impediram de viver por muito tempo.

A cada dia o seu milagre. Preciso aceitar as bênçãos de hoje para quando, no dia em que retornar ao meu reino, ele seja realmente meu. Se fizer isso com desapego e coragem, amanhã receberei mais.

Preciso também prepara-la antes leva-la de volta ao Sei que irá se assustar, me odiar por tudo o que vivemos juntos, arrepender-se do perdão que me concedeu na igreja em em NS. Antes preciso explicar bem o valor deste perdão – porque não apenas eu, mas ambos saímos com a alma mais pura dali. Se não conseguir fazer isso, toda esta viagem, esta volta ao meu reino, estará incompleta.

Preciso conversar sobre o assunto, sem que ela entenda exatamente o que estou falando.

Neutralizando a força sem movimento

meu Deus
 Uma ~~cantora~~ com alguns (melhor dizendo, muitos) quilos a mais, vestida em trajes típicos e excessivamente maquiada, canta as músicas da região. As pessoas se divertem, a festa está ótima, a cada quilometro naquela ferrovia eu me sinto melhor.

Houve um momento durante a tarde que aquela pessoa que ~~foi~~ antes de começar a viagem ~~passou~~ por uma crise de depressão. Não é fácil nem importante voltar ao passado e reabrir as cicatrizes que ali estão. A ~~coisa complica~~ ainda mais quando entendemos que o passado é uma metáfora — está acontecendo aqui e agora, da mesma maneira que o futuro.

Desde o final da tarde de autógrafos, fico procurando as palavras exatas para ir encaminhando Hilal em direção à verdade. O mal das palavras é que elas nos dão a sensação de que podemos nos fazer compreender e entender o que os outros estão dizendo; mas quando nos viramos e estamos face a face com nosso destino, descobrimos que a realidade é completamente diferente das coisas que estamos tentando provar aos outros e a nós mesmos. Por causa disso, há muito entendi que um guerreiro em busca do sonho inspira-se naquilo que faz, e não naquilo que fica imaginando fazer. Não adiantará dizer a Hilal o que vivemos juntos; palavras para descrever este tipo de coisa já estão mortas antes de sair.

Não apenas eu e Hilal mas todos os outros
 Estou fazendo meu possível, mas preciso deixar também que Deus trabalhe e mostre a cada um que faz essa viagem o destino que deve encontrar no final. Vi como minha editora está se transformando sem que ninguém diga nada. Yao, que neste momento também olha a pista de dança enquanto fuma um cigarro, deve estar contente em poder mostrar-me coisas que já esqueci — e desta maneira também lembrar tudo aquilo que aprendeu. Passamos a manhã em outra academia que conseguiu encontrar aqui em Irkursk, praticamos juntos o Aikido, e no final da luta citou uma frase de Moshiba:

- Devemos estar preparados para receber os ataques do inimigo, e ser capazes de olhar nos olhos da morte para que ela ilumine nosso caminho.

Não sei se tem algum processo para mergulhar em um mundo paralelo e acompanhar o que está acontecendo comigo. Embora seja a pessoa com quem mais converse (Hilal fala muito, vivemos experiências extraordinárias, mas não trocamos tantas idéias assim), ainda não o conheço direito. Mas sei que todo mundo tem uma razão para estar aqui, em Irkursk, em uma viagem que nasceu de um impulso em um restaurante de Londres.

Moshiba tem muitas frases que guiam os passos daqueles que se dedicam ao Caminho da Paz. Entretanto, escolheu uma que tem uma intensa relação com o momento que vivo agora; enquanto dormia abraçado com Hilal, olhei sua morte nos olhos e ela iluminou meu caminho.

eu eu

justificando o honorar e me deixar + conectando o presente

Não apenas eu e Hilal mas todos os outros

103

Hilal está dançando com um rapaz de sua idade. Bebeu um pouco, demonstra muita alegria, e mais de uma vez esta noite já veio até mim dizer que se arrependia de não ter trazido o violino. Realmente uma pena; aquelas pessoas ali mereciam o encanto e o feitiço da grande *spalla* de uma das mais reputadas orquestras da Rússia.

→ Kalashinov * (no Δ de toda pi)

A cantora gorda sai do palco, o grupo continua com a música, as pessoas saltam de alegria e enchem o ar com seus gritos. O rapaz e Hilal estão segurando um no outro, a um passo de um beijo. Mesmo que não estejam perto, sei que meus companheiros de viagem estão preocupados com aquilo – talvez eu não esteja gostando.

Mas eu estou adorando. Oxalá fosse verdade, ela encontrasse alguém solteiro, que pudesse fazê-la feliz, não tentasse interromper sua brilhante carreira, pudesse abraçá-la em um por-do-sol quando tudo estivesse direito, e não se esquecesse de acender o fogo sagrado quando ela precisasse de ajuda. Ela merece, porque é uma verdadeira guerreira, acreditou em um impulso que não está até agora muito claro, e chegou até aqui.

Meu amor
Yao me olha e sorri. Ele compreende. A música para – está na hora de sairmos para jantar. ~~Eu vou até ela,~~ olho seu companheiro, e convido para que nos acompanhe; será um dos leitores escolhidos esta noite. Hilal me olha com surpresa.

- Mas você já convidou outros.
- Sempre tem lugar para mais um – digo.
- Nem sempre. Nem sempre.

O rapaz não está entendendo o que acontece, mas começa a desconfiar. Diz que tinha prometido jantar com sua família. Eu resolvo ~~brincar~~ um pouco.

- Já leu Maiakoviski? *foi o tal um.*
- Não é mais obrigatório nas escolas. Sua poesia estava a serviço do governo.

Ele tinha razão. Mesmo assim, eu amara Maiakoviski quando tinha sua idade. E conhecia um pouco de sua vida.

Meus editores já se aproximaram, com medo que eu esteja provocando uma briga por ciúmes. Ah meu Deus, por que as coisas sempre parecem o que não são ?

- Apaixonou-se pela esposa do seu editor, uma bailarina – *é o digo já em tom de provocação.* – Um amor violento e muito importante para que sua obra ganhasse um pouco de humanidade ~~a media que vivia.~~ *é o digo já em tom de provocação.* Escrevia poemas e trocava os nomes, mas o editor sabia que estava falando de sua mulher. Mesmo assim, continuava publicando seus livros. Ela amava o marido, e amava Maiakovski. A solução que encontraram foi viverem os três juntos, *Muito* felizes.

- Eu também amo meu marido, e amo você! – brinca a mulher do meu editor. –
Mude-se para a Rússia!

O rapaz entendeu o recado.

- Ela é sua namorada?

- Não. Ela está livre e solta como um passarinho. Uma menina que tem uma brilhante carreira pela frente e ainda não encontrou alguém que conseguisse trata-la com o amor e respeito que merece.

- Que bobagem é essa que você está dizendo? Acha que preciso de alguém para arranjar um homem para mim?

O rapaz confirma que tem um jantar com a sua família, agradece, e sai. Os outros leitores convidados se aproximam, saímos para o restaurante a pé.

- Permita-me comentar uma coisa – diz Yao enquanto cruzamos a rua. – Voce agiu errado com ela, com o rapaz, e com você mesmo. Com ela, porque te ama. Com o rapaz, porque é seu leitor e sentiu-se manipulado. E com você mesmo, porque foi motivado apenas pelo seu orgulho de querer mostrar que é mais importante. Sei que não foi por ciúme; se fosse, estaria desculpado.

Eu concordo com a cabeça. Nem sempre o progresso espiritual vem acompanhado de sabedoria humana.

- E só para completar – continua Yao – Maiakoviski suicidou-se com um tiro na cabeça antes de completar 40 anos.

Estamos já com cinco horas de diferença. No momento em que começamos a jantar em I., as pessoas estão terminando de almoçar em Moscou. Embora a cidade tenha seu encanto, parece que o clima está mais tenso do que dentro do vagão de trem. Talvez a essa altura tenhamos nos acostumado a estar viajando o tempo inteiro, e cada parada significa sair do nosso caminho.

Mas não é apenas isso. Hilal está de péssimo humor depois do ocorrido durante a festa. Meu editor não larga seu celular, discutindo furioso com alguém do outro lado da linha – Yao me tranquiliza dizendo que estão falando sobre distribuição de livros. Os três leitores convidados parecem mais tímidos do que de costume.

Pedimos que tragam bebidas. Um dos leitores diz que temos cuidado, aquilo é uma mistura de vodka da Mongolia e da Sibéria, e no dia seguinte teremos que agüentar as conseqüências. Mas todos estão precisando, todos entornamos o primeiro copo e antes que a comida chegue já estamos no terceiro. O leitor que reclamou da vodka vê que ficará sozinho em um outro ambiente, resolve esquecer o que experimento (ou ouviu falar) e entorna três copos de modo a poder acompanhar a mesa. Todos aplaudem, e exceto por Hilal, que continua de mau-humor, parece que o ambiente está mudando.

nos aleu / 2 para

ninguém se incomoda

- Droga de cidade – diz o leitor que era abstermio até dois minutos atrás, e agora tem os olhos vermelhos. – Voce deve ter visto a rua pela qual passamos.

Vi uma série de casas de madeira lindamente talhada o que era raríssimo encontrar hoje em dia. Como se fosse um museu arquitetônico ao ar livre.

- Não estou falando das casas, estou falando da rua.

no ki o

105

ar livre.

~~casas~~ para construírem seus conjuntos habitacionais. Ninguém quer vender, então eles não deixam que urbanizem o bairro.

como as pessoas não desejam vender as casas

"Máfia" é uma palavra universal. O editor está ocupado com seu interminável telefonema, a editora reclama do cardápio, Hilal finge que está em outro planeta, mas eu e Yao notamos que um grupo de homens sentado na mesa ao lado começa a prestar atenção na nossa conversa.

Paranóia. Pura paranóia.

O leitor, porem, continua reclamando sem parar, e seus dois amigos concordam com tudo. Discutem o governo, as condições das estradas, a péssima manutenção do aeroporto; nada que nenhum de nós não diria de nossas próprias cidades, só que eles intercalam a palavra "máfia" a cada reclamação que fazem. Eu tento mudar o assunto, pergunto sobre os xamãs na região (Yao se alegra, viu que não me esqueci, embora não tenha confirmado nada) e os rapazes continuam a falar da "máfia dos xamãs", a "máfia dos guias turísticos". A essa altura já trouxeram uma segunda garrafa de vodka mongol-siberiana, e todos já estão exaltados discutindo política. O editor terminou o telefonema e se mete na discussão, a editora se entusiasma, Hilal entorna um copo de bebida atrás do outro. Apenas Yao mantém a sobriedade, mas vejo que seu corpo está contraído. Eu parei em meu terceiro copo, e não tenho a menor intenção de seguir adiante.

kielz

E o que era paranóia parece transformar-se em realidade. Um dos homens se levanta da outra mesa e vem até nós.

Não diz nada. Apenas olha os rapazes que convidamos para jantar. Na mesma hora a conversa pára. Todos se perguntam o que ele está fazendo ali. Meu editor, já um pouco tocado pela vodka e pelos problemas em Moscou, pergunta algo em russo.

- Não, não sou o pai dele - responde o estranho. - Mas não sei se tem idade para ficar bebendo deste jeito. E dizendo coisas que não são verdade.

Seu inglês é perfeito; não parece ser do local. As palavras saíram em um tom de voz frio, sem a menor emoção ou ameaça. Aquilo significa perigo.

- Vocês escolheram o restaurante errado - continua o homem. - Aqui a comida é ruim e o serviço é péssimo. Talvez seja melhor procurarem outro; eu pago a conta.

Concordo que a comida não seja boa e o serviço seja péssimo. Mas neste caso, ~~está~~ está ocorrendo outra coisa: estamos sendo expulsos.

mas se todos de repente preocupam-se sem-estar.

TODOS APRESENTAM

106

- Vamos embora – diz o rapaz. Seus amigos o acompanham, e logo desaparecem de vista. O homem parece dar-se por satisfeito, e faz meia volta para retornar ao lugar onde estava antes. Por uma fração de segundo, a tensão vai toda embora.

- Pois eu estou gostando muito da comida, e não tenho a menor intenção de trocar de restaurante.

Yao também falou com uma voz sem qualquer emoção ou ameaça. Não precisava ter dito aquilo, o conflito já tinha acabado, podíamos comer em paz. O homem volta e encara aquele que o respondeu. Outro homem na mesa pega seu celular e vai até o lado de fora.

Yao e o estranho se encaram.

- A comida daqui pode dar intoxicação e matar rápido.

Penso que seu sotaque é inglês, daquele tipo que termina tornando-se hábito dos que são formados em escolas caríssimas, mas não tenho certeza.

Yao não se levantou da cadeira.

- Segundo as estatísticas, nestes três minutos que estamos conversando acabam de morrer 320 pessoas no mundo, e outras 650 nasceram. É a vida, é o mundo. Não sei quantas morreram intoxicadas, mas seguramente algumas delas. Outras morreram depois de uma longa enfermidade, algumas sofreram um acidente, com toda certeza há uma porcentagem que acaba de levar um tiro e outra porcentagem que deixou esta terra porque deu luz à uma criança – parte das estatísticas do nascimento. Só morre quem está vivo.

O homem que saiu com o celular entra de novo. O que se encontra diante de nossa mesa está surpreso com a resposta e o desafio, mas não deixa transparecer nenhuma emoção. Existe um momento longo, talvez mais de um minuto, em que ninguém diz nada no restaurante; as outras mesas também pararam de comer e estão olhando para a nossa.

- Um minuto – diz o homem, finalmente quebrando o silêncio. - Devem ter morrido outras cem pessoas, e umas duzentas nasceram.

- Isso mesmo.

Mais dois homens chegaram na porta do restaurante e se encaminham para nossa mesa. O estranho nota o movimento, faz um sinal com a cabeça, e eles tornam a sair.

- Mesmo que a comida seja péssima e o serviço de quinta categoria, se foi esse o restaurante que escolheram eu não posso fazer nada. Bom apetite.

- Obrigado. Mas já que ofereceu para pagar a conta, aceitamos com prazer.

Não se preocupe com isso – ele dirige-se apenas a Yao, como se não existisse ninguém mais na mesa. Leva a mão ao bolso, penso que todos nós imaginamos que dali sairá uma pistola, mas retira apenas um inofensivo cartão de visitas.

feusis

107

- Se algum dia estiver desempregado, nos procure. Nossa companhia imobiliária tem uma grande filial na Rússia, e precisamos de gente como você. Gente que entende que a morte é apenas uma estatística.

Estende o cartão, os dois apertam as mãos, e o estranho volta para o seu lugar. Pouco a pouco o restaurante vai ganhando vida, as conversas enchem o ambiente, todos ~~olhamos~~ olhamos deslumbrados para Yao, nosso herói, o que venceu o inimigo sem disparar uma só bala. Hilal perdeu seu mau-humor e agora tenta acompanhar uma conversa completamente absurda, onde todos estão parecendo interessadíssimos em temas como empalhamento de pássaros ou qualidade da vodka mongol-siberiana. A adrenalina provocada pelo medo deixou todos sóbrios de uma hora para a outra, e vai demorar um pouco para desaparecer.

É minha hora. Preciso aproveitar essa oportunidade. Depois pergunto a Yao por que estava tão seguro de si mesmo.

- Estou impressionado com a fé do povo russo. O comunismo, com anos pregando durante 70 anos que a religião é o ópio do povo, não conseguiu nada.

- Porque talvez não entenda de ópio – diz a editora.

Todo mundo ri.

- Da mesma maneira que a Igreja a que pertencço não conseguiu ser destruída apesar de todos os males que causou. Matamos em nome de Deus, torturamos em nome de Jesus, decidimos que a mulher era uma ameaça para a sociedade e suprimimos todas as manifestações dos dons femininos, praticamos a usura, assassinamos e nos vendemos quando isso era conveniente. E mesmo assim, dois mil anos depois ainda estamos aqui.

- Odeio igrejas – diz Hilal mordendo a isca. – Se houve um momento nesta viagem que realmente detestei, foi quando me obrigou a ir a uma em NS.

- Imaginemos que você acredite em vidas passadas, e em uma destas vidas tivesse sido queimada pela Inquisição em nome da fé que o Vaticano tentava impor. Você a odiaria mais por isso?

Hilal não pensa muito antes de responder.

- Penso que não. Pelo menos minha vida teria sido uma luta contra estes hipócritas. Da mesma maneira que Yao não odiou o homem que veio até nossa mesa; apenas dispôs-se a lutar por um princípio.

- Mas digamos que você fosse inocente.

O editor interrompe. Possivelmente também deve ter publicado um livro a respeito...

- Estou me lembrando de Giordano Bruno. Respeitado como um doutor da igreja, e de uma hora para a outra queimado no centro de Roma. Durante o julgamento, disse para o tribunal algo como "eu não tenho medo da fogueira. Mas vocês estão com medo do seu veredicto". Hoje há uma estátua ali onde foi queimado. No final das contas, ele venceu – porque o julgamento era dos homens, não de Jesus.

- Uma idéia romântica – diz a editora.

- Mas uma vida sem causa é uma vida sem efeitos.

Parece que a conversa está sendo guiada.

- Vamos mais longe – eu agora estou olhando Hilal diretamente. ~~Os outros são~~
~~apenas testemunhas desta conversa.~~ – Voce seria capaz de não apenas ser indiferente, mas perdoar
aquilo que poderia ter acontecido?

- Onde você está querendo chegar?

- Que eu posso pertencer a uma fé mesmo que ela tenha cometido horrores no
passado. É aí onde quero chegar. Porque sei que Jesus ofereceu a si mesmo para ser martirizado, e os
homens que o sucederam começaram a assassinar os outros. Se Ele voltasse hoje, seria com certeza
expulso do Vaticano como se fosse alguém com “idéias que não combinam”. E apesar de tudo isso,
ainda fico com Seu amor. E continuo acreditando nos mistérios da transmutação do pão e do vinho.

- Voce tem alguma responsabilidade nisso?

- Não sei. Como disse no trem, tudo que está acontecendo no passado e no futuro,
está também acontecendo no presente. Quem sabe nos encontramos porque eu fui seu carrasco,
você foi minha vítima, e é minha hora de pedir sua absolvição.

Todo mundo ri, e eu com eles.

- Entao me trate melhor. Me dê mais atenção, me diga aqui, na frente de todo
mundo, uma frase de três palavras que eu gostaria de escutar

Sei que está imaginando “Eu te amo”.

- Direi três frases de três palavras: 1] Você está protegida 2] Não se preocupe. 3] Eu
te adoro.

- E eu direi também alguma coisa: só pode dizer “eu te amo” quem consegue dizer
“eu te perdô”.

Todos batem palmas. Voltamos à vodka mongol-siberiana, falamos de amor, de
perseguição, de crimes em nome da verdade, da comida do restaurante. A conversa agora não vai
chegar a lugar nenhum; ela não pode entender o que estou falando, mas o primeiro passo, o mais
difícil, foi dado.

Na saída, pergunto a Yao por que resolveu agir como agiu, colocando todo mundo
em risco.

- Aconteceu alguma coisa?

109

- Nada. Mas podia ter acontecido. Gente como ele não costuma ser desrespeitada.

- Já fui expulso de outros lugares quando era mais jovem, e prometi a mim mesmo que isso jamais tornaria a acontecer depois de adulto. Eu não o desrespeitei, apenas o enfrentei como ele gostaria de ser enfrentado.

"Voce fala muito deste tal de Aleph. Só alguns dias atrás me dei conta que os chineses também tem uma palavra para isso: ki. Tanto ele como eu estávamos no mesmo centro de energia. Sem querer filosofar sobre o que poderia transformar-se em uma simples briga, todos nós sabemos que estamos sendo confrontados continuamente por oponentes. Não digo inimigos: digo oponentes. Quando estes oponentes estão seguros do seu poder – como era o caso daquele homem – conseguimos neutralizar a força sem desperdiçar nenhum movimento."

- Mas você sabe que ele era...

- Não importa o que ele era. Importa como manejava sua força; e eu gostei do seu estilo de luta, ele gostou do meu. Só isso.

A rosa dourada

110

A insuportável dor de cabeça por causa da vodka mongol-siberiana, apesar de todos os comprimidos e antiácidos que tomei. O vento cortante, apesar do dia claro e sem nuvens no céu. Os blocos de gelo que se confundem com o cascalho da margem, apesar de já ser primavera. O frio insuportável, apesar de todo o agasalho que levo no corpo.

E apesar de tudo isso, o pensamento: "meu Deus, estou em casa!"

Um lago onde quase não posso ver a outra margem, água transparente, as montanhas nevadas no fundo, um barco de pescadores que está saindo agora e deve voltar ao entardecer. Yao me explica que o Lago Baikal tem 20% da água doce do planeta, mas isso é o dado que menos me interessa naquele momento. Quero estar ali, completamente ali, porque não sei se algum dia irei voltar. Respiro fundo várias vezes, procurando trazer tudo aquilo para dentro de mim.

- Uma das visões mais lindas que tive em minha vida.

Yao encoraja-se com meu comentário, e resolve me dar mais dados técnicos. Eu peço que pare de me distrair, porque estou querendo trazer o lago para a minha alma.

- Muito grande – diz ele. – Por que você não resolve fazer o contrário: mergulhar e juntar-se à alma do lago?

Muito engraçadinho: *É o está me sugerindo*
isso seria pedir para ter um choque térmico e morrer congelado na Sibéria. *com simia tu bota seu parce*
Mas Yao segue falando, a cabeça está pesada, não consigo mais me concentrar, o vento está insuportável, e resolvemos ir logo para o lugar onde devemos passar a noite.

Vamos até o hotel no vilarejo com ruas de terra e casas semelhantes às que tinha visto em I. . Diante do hotel, *poço há* um poço. Diante do poço, uma menina que tenta *pular* tirar *um balde* água. Hilal vai até lá e *para* ajuda-la. Ao invés de puxar o balde, coloca a criança perigosamente na borda. *Yao vai até lá.*

- Diz o I Ching: você pode mover uma cidade, mas não pode mover um poço. Eu digo: você pode mover o balde, mas não a criança. Tome cuidado.

A mãe da criança se aproxima e discute com Hilal. Deixo as duas, entro para ir até meu quarto.

Yao não queria traze-la de jeito nenhum; o lugar onde vamos encontrar o xamã não permite a entrada de mulheres. Eu expliquei que estava ali por causa dele; estava sendo um mestre para mim durante toda a viagem. Mas na verdade não tinha muita curiosidade naquele encontro.

- Preciso passar cada segundo que posso ao lado de Hilal – dissera para ele ainda em I. – Sei o que estou fazendo. Estou caminhando de volta ao meu reino; se não for ela a me ajudar agora, terei apenas mais três oportunidades nesta “vida”.

Ele não disse nada, embora não tivesse entendido direito o que eu queria dizer. Hilal não assistira a conversa.

Entro no quarto, coloco a calefação ao máximo, fecho as cortinas e resolvo descansar um pouco, torcendo para que a dor de cabeça vá logo embora. Hilal entra em seguida.

- Você me deixou lá fora conversando com aquela mulher. Conhece o que passei, sabe que detesto estranhos.

- Nós somos os estranhos aqui.

- Detesto estar sendo o tempo todo julgada, enquanto escondo meu medo, minhas emoções, minhas vulnerabilidades. Você me vê como uma moça talentosa, corajosa, que não se deixou intimidar por nada. Está enganado? Me deixei intimidar por tudo. Evitei olhares, sorrisos, contatos mais diretos – só conversava mesmo com voce, nao reparou?

Lago Baikal, montanhas nevadas, água límpida, um dos lugares mais belos do planeta, e aquela discussão idiota.

- Vamos descansar um pouco. Depois saímos para dar uma caminhada. De noite irei me encontrar com o xamã.

Ela faz menção de depositar sua mochila.

- Voce tem seu quarto. Como ontem em I.

- Mas ontem eu estava bebada! Por que só no trem...

Não termina a frase. Bate a porta. Eu fico olhando o teto, perguntando a mim mesmo o que fazer naquele momento. Não posso deixar-me guiar pela culpa. Gostaria de ir até seu quarto e dizer: “eu te amo”. Imagino que seria tudo o que ela gostaria de escutar naquele momento, mas não posso.

Não posso e não quero – porque amo outra mulher que neste momento está longe, confiante, mesmo conhecendo bem o seu marido. Sei que o amor cura e transforma, mas às vezes *constrói armadilhas mortais, e termina destruindo a pessoa que resolveu entregar-se por completo. Melhor agüentar firme agora.*

Será que de novo sou culpado pela infelicidade desta mulher? Culpa. Eu que achei que estava imune a isso. Que sentimento complexo é este que – no fundo – é a única razão para continuarmos vivos, lutando, procurando melhorar?

Seria uma irresponsabilidade tentar defini-lo, porque, como todo o resto dos seres humanos, eu apenas consigo senti-lo. Milhares de livros são escritos, peças teatrais encenadas, filmes produzidos, poesias criadas, esculturas talhadas na madeira ou no mármore, e mesmo assim, tudo que o artista pode passar é a idéia de um sentimento – não o sentimento em si.

Não sou culpado. Hilal tampouco. A vida nos colocou nesta situação e espero que foi para o nosso bem. Espero? Preciso ter certeza. Tenho certeza. Me ajoelho e fico quase uma hora rezando.

Levanto-me, bato em sua porta.

- Vamos dar um passeio.

Ela me olha entre surpresa e feliz; estava sentada na janela, contemplando o lago.

- Está melhor? Consegue agüentar o vento e o frio?

- Muito melhor. Vamos sair.

Caminhamos pelo povoado, que parece saído de um conto de fadas. Um dia os turistas vão chegar aqui, hotéis imensos serão construídos, lojas abertas com camisetas, sinetas, imitações das casas de madeira. Em seguida construirão gigantescos estacionamentos onde ônibus de dois andares trarão pessoas com máquinas fotográficas digitais, tentando capturar o lago inteiro em um chip. O poço que vimos será destruído e substituído por outro – que servirá para enfeitar a rua, mas que já não dará água para seus habitantes, porque está fechado por ordem da municipalidade, já que é muito arriscado evitar que crianças se debrucem sobre sua borda. O barco de pesca que vi aquela manhã não existirá mais; em seu lugar estarão iates modernos, com cruzeiros de um dia até o centro do lago. Pescadores e caçadores profissionais virão até a região, munidos de licenças que permitem o exercício de suas atividades, e que custam por cada dia o que os caçadores e pescadores da região ganham em um ano.

Mas no momento é apenas uma cidade perdida na Sibéria, onde um homem e uma mulher com metade de sua idade caminham perto de um rio criado pelo degelo. Sentam-se à sua margem.

- Você lembra de nossa conversa ontem à noite no restaurante?

- Mais ou menos. Bebi muito. Lembro-me que Yao não se deixou acovardar quando veio aquele inglês até nossa mesa.

- Eu falei do passado.

- Eu me lembro. Entendi perfeitamente o que estava dizendo, porque naquele segundo que estivemos no Aleph, eu o vi com olhos de amor e de indiferença, a cabeça coberta por um capuz. ~~Eu~~ me senti traída, humilhada. Mas relações de vidas passadas não me interessam. Estamos aqui no presente.

- Está vendo esse rio ^{de frente do rio?} ~~adiante?~~ Pois na sala do meu apartamento existe um quadro com uma rosa colocada em um rio ^{igual} semelhante a esse. Metade da pintura foi carregada pelas águas e pelas intempéries, de modo que as bordas são irregulares; mesmo assim, posso ver ainda parte da bela rosa vermelha, pintada sobre um fundo dourado. Conheço a artista. Lembro-me de 2003, quando fomos juntos até uma floresta dos Pirineus, descobrimos o riacho que naquele momento estava seco, e escondemos a tela debaixo das pedras que cobriam seu leito.

"Ela é minha mulher. Neste momento, está fisicamente a milhares de quilômetros de distância, ^{ainda} dormindo porque o dia ainda não raiou ^{em sua cidade,} embora aqui já sejam 4 horas da tarde. Estamos juntos há ^{mais de 14 de decada} 27 anos: quando a conheci, tive absoluta certeza que nossa relação não ia dar certo. Durante os dois primeiros anos estava sempre preparado para que um dos dois fosse embora. Durante os cinco anos que seguiram, eu continuava achando que ^{simplesmente terminava} era apenas acomodação, e em breve cada um seguiria seu destino. Tinha convencido a mim mesmo que qualquer compromisso mais sério iria me privar de "liberdade" e impedir-me de viver tudo aquilo que desejava.

- E o que tem isso a ver com o rio e a rosa?

- Estávamos no verão de 2002, eu já era um escritor conhecido, tinha dinheiro, julgava que meus valores básicos não haviam mudado. ^{na França} Mas como ter absoluta certeza? Testando. Alugamos um pequeno quarto em um hotel de duas estrelas na França, onde começamos a passar cinco meses por ano. O armário não podia crescer, de modo que limitamos nossas roupas, ^{ao essencial e num tempo} Percorriamos as florestas, jantávamos fora, ficávamos horas conversando, íamos ao cinema todos os dias. ^{Na simplicidade} A simplicidade nos confirmou que as coisas mais sofisticadas do mundo são justamente aquelas que estão ao alcance de todos. Para meu trabalho tudo que preciso era um computador portátil. Acontece que minha mulher é... pintora.

"E pintores precisam de gigantescos ateliês para produzir e guardar seus trabalhos. Não queria de maneira nenhuma que sacrificasse sua vocação por mim, de modo que me propus a alugar um local. Entretanto, olhando em volta, vendo as montanhas, os vales, os rios, os lagos, as florestas, ela pensou: por que não trabalho aqui? E por que não permito que a natureza trabalhe comigo?"

"Daí nasceu a idéia de "armazenar" as telas ao ar livre. Eu levava o laptop e ficava escrevendo. Ela se ajoelhava na grama e pintava. Um ano depois, quando retiramos as

114

primeiras telas, o resultado era original e magnífico. O primeiro quadro que retirou foi a rosa. Hoje, mesmo que tenhamos uma casa nos Pirineus, ainda continua enterrando e desenterrando suas telas pelo mundo. O que nasceu de uma necessidade, se tornou sua maneira de criar. Eu olho o rio, lembro-me da rosa, e sinto um amor quase palpável, físico, como se ela estivesse aqui. "

Hilal também está olhando o rio. O vento já não está tão forte como antes, e por causa disso o sol consegue esquentar um pouco. A luz à nossa volta não podia ser mais perfeita.

- Entendo e respeito – diz ela. – Mas você disse uma frase no restaurante, quando estava falando do passado: o amor é mais forte. O amor é maior do que uma pessoa.

- Sim. Mas o amor é feito de escolhas.

- Em NS. você me fez com que lhe concedesse perdão, e eu lhe concedi. Agora eu lhe peço: diga que me ama.

Eu seguro sua mão. Estamos olhando o rio juntos.

- A ausência de resposta também é uma resposta – ela diz depois de algum tempo.

Eu a abraços e coloco sua cabeça do meu ombro.

- Eu te amo. Eu te amo porque todos os amores do mundo são como rios diferentes correndo para um mesmo lago, e ali se encontram, se transformam em um amor único que se transforma em chuva e abençoa a terra.

"Eu te amo como um rio, porque a vegetação e as flores crescem por onde ele passa. O amor que dá de beber a quem tem sede, transporta as pessoas para onde elas querem chegar.,

"Eu te amo como um rio, que entende que precisa correr diferente em uma cachoeira, e precisa aprender a repousar em uma depressão do terreno. Eu te amo porque todos nascemos no mesmo lugar, na mesma fonte, que continua nos alimentando sempre com mais água de modo que quando estejamos fracos tudo que precisamos fazer é aguardar um pouco que a força de novo volte na primavera, quando as neves do inverno estiverem derretidas.

"Eu te amo como um rio que começa solitário e fraco em uma montanha, e aos poucos vai crescendo com outros rios que se aproximam, e a partir de determinado momento pode contornar qualquer obstáculo para chegar onde deseje.

115

"Entao, eu recebo seu amor e eu te entrego meu amor. Não o amor de um homem por uma mulher, não o amor de um pai por uma filha, não o amor de Deus pelas suas criaturas. Mas um amor sem nome, sem explicação, como um rio não consegue explicar o seu percurso, apenas segue adiante. Um amor que não pede e que não dá nada em troca, apenas se manifesta como tem que se manifestar. Eu nunca serei seu, você nunca será minha, mas mesmo assim eu posso dizer: eu te amo, eu te amo, eu te amo. "

Deve ter sido a tarde, deve ter sido a luz, mas de novo minhas palavras surpreendiam a mim mesmo. Ficamos ali sentados, sem a menor vontade de voltar para o hotel, onde Yao devia já estar me esperando.

A águia do Baikal

116

Vai
Irá escurecer a qualquer momento. Somos seis pessoas diante de um barco ancorado na margem. Hilal, Yao, o xamã, eu e duas mulheres de uma certa idade. Todos conversam em russo. O xamã faz sinais negativos com a cabeça. Yao parece insistir, mas o xamã lhe dá as costas e vai para o barco.

Agora Yao e Hilal discutem. Ele parece preocupado, mas creio que ela está se divertindo com a situação, embora mostre-se zangada. Já estou conseguindo entender os sinais do seu corpo, sei que está fingindo uma irritação que não sente.

- O que estão conversando?

- Não posso ir – diz ela. – Tenho que ficar com essas duas mulheres, que nunca vi em minha vida. Aturar uma noite inteira aqui, nesse frio. Não há ninguém para me levar de volta ao hotel.

- O que ele fará lá, você fará aqui com elas – explica Yao. – Mas não podemos romper uma tradição. Eu avisei antes, mas você insistiu em vir até aqui. Temos que ir logo, porque existe um momento certo, o que ele chama de Aleph, eu chamo de ki, e não sei como as pessoas aqui chamam. Mas existe o momento certo de acordo com o céu. Não vai demorar, estaremos de volta em duas horas.

- Vamos, digo, pegando Yao pelo braço e conduzindo-o ao barco. Viro-me para Hilal com um sorriso no rosto

- Ele avisou antes de sairmos: voce está fingindo. Voce não ficaria trancada naquele hotel por nada deste mundo, sabendo que aqui pode experimentar algo que nunca experimentou. Se é bom ou ruim, eu não sei. Mas é diferente de jantar sozinha.

Ela apenas ri.

O xamã está no leme do barco a motor, dirigindo-se para o que parece ser uma rocha perto da margem. Em menos de dez minutos estaremos ali.

- Agora que já não há mais volta, por que você insistiu tanto que eu o conhecesse? Acho que, a parte de (tem algo antes) foi a única coisa que me pediu nesta viagem, embora tenha me dado muito mais em troca. Não falo apenas das lutas de Aikido. Ajudou a manter o equilíbrio no trem, traduziu minhas palavras como se fossem suas, fez-me lembrar a importância de entrar em uma luta apenas por respeito ao adversário, como fez ontem.

117

Vejo que Yao está um pouco desconfortável, mas segue adiante.

- Achei que, dado os seus interesses, gostaria de conhece-lo.

- Não é uma boa resposta. Se eu quisesse conhece-lo, teria pedido.

Ele balança afirmativamente a cabeça.

- Porque fiz uma promessa. Claro, eu poderia vir sozinho, mas assinei um contrato com a editora que estaria o tempo todo ao seu lado. Eles não gostariam.

- As vezes eu não preciso de gente o tempo todo ao meu lado.

Yao continua:

- Esse homem que agora está conduzindo o barco salvou minha filha. O que nenhum dos médicos dos excelentes hospitais de Moscou, Pequim, Xangai, Londres conseguiu, este homem conseguiu. E não pediu nada em troca, apenas que o visitasse de novo. Ocorre que desta vez estou com você.

Eu olho a rocha no meio do lago; devemos chegar em menos de um minuto.

- Valeu a viagem de l. até aqui. Valeu estar em um dos lugares mais lindos do mundo, nesta tarde esplendorosa, escutando o barulho das ondas batendo no barco. Portanto, vir encontrar esse homem para mim foi uma das muitas bênçãos que tem acontecido.

Yao, que não é de demonstrar muito seus sentimentos, pega minha mao e a aperta com força. O barco bate em uma pequena faixa de cascalho que faz as vezes de ancoradouro.

- Obrigado.

Chegamos no alto da rocha; ainda dá para ver o horizonte vermelho. Há apenas uma vegetação rasteiras, poucas árvores que ainda não deixaram brotar suas folhas, restos de oferendas e uma carcaça de animal balançando em um galho seco. O velho diante de mim inspira respeito e sabedoria. Não irá me mostrar nada de novo, porque já percorri muitos caminhos e sei que todos se encontram no mesmo lugar. Mesmo assim, vejo que é sério em suas intenções, e o respeito por isso. Seu papel na história nasceu junto com a civilização.

Desde os tempos antigos todas as tribos tinham duas figuras predominantes, ambas escolhidas sempre em condições adversas. A primeira era o líder: o mais corajoso,

forte o suficiente para derrotar todos os outros homens que o desafiavam, inteligente o bastante para escapar a conspirações na eterna luta do poder, que nasce também na noite dos tempos. Uma vez estabelecido no seu cargo, passava a ser responsável pela proteção e bem-estar do seu povo no mundo físico. Com o passar do tempo aquilo que era uma escolha natural terminou por corromper-se, e a figura do líder passou a ser transmitida hereditariamente, e vieram os imperadores, reis, ditadores.

Mais importante que o líder, porém, era a presença do xamã. Porque já na aurora da humanidade os homens entendiam que existia uma força maior, uma razão de viver e morrer, e não conseguiam compreender exatamente de onde vinha isso. Os primeiros xamãs eram mulheres, a fonte desta vida; e as que não estavam ocupadas com a caça ou a pesca, mas apenas com a contemplação. A tradição era passada sempre para as mais capazes, as que conseguiam entrar em contato com os espíritos, provocar a chuva quando a colheita necessitava, curar os doentes, fazer um parto, julgar o comportamento dos seus semelhantes baseado no que acreditava ser uma ordem divina. As grandes xamãs viviam isoladas, e por causa disso eram virgens em sua maioria, trabalhavam em um plano diferente, equilibrando as forças do mundo espiritual com as do mundo físico. O processo era quase sempre o mesmo: entrava em transe através da música (normalmente percussão), bebia e administrava poções que encontrava na natureza, sua alma saía do corpo e entrava no mundo paralelo. Ali encontrava os espíritos das plantas, dos animais, dos mortos e dos vivos - todos convivendo em um tempo único, aquilo que Yao chama de energia Ki e eu me referia como Aleph. Dentro deste ponto único ela encontrava seus guias, equilibrava as energias, e com isso curava as doenças, provocava as chuvas, restaurava a paz e punia cada indivíduo que estivesse atrapalhando o contato da tribo com o Todo. Naquela época não existiam deuses, a viagem em busca de comida obrigava a tribo a estar sempre em um lugar diferente. Portanto, impossível construir templos ou altares de adoração. Existia apenas o Todo, em cujo ventre caminhava a tribo.

Assim como a função do líder terminou sendo deturpada, o mesmo aconteceu com a função do xamã. Como a saúde e a proteção do grupo dependia desta harmonia com a floresta, o campo, e as viagens, as xamãs começaram a ser investidas de grande autoridade, geralmente maior que a do líder. Em um momento que a história não sabe precisar, mas que foi logo no início da civilização com a conhecemos agora, o dom feminino foi transferido para o homem. A força sobrepujou a harmonia. As qualidades naturais destas mulheres não era mais levada em conta; o que importava era o poder que tinham. E ele devia estar em mãos mais capazes.

O próximo passo foi organizar o xamanismo - agora masculino - em uma estrutura social. Nasceram as primeiras religiões. A sociedade havia mudado, já não viajava,

Handwritten notes in blue ink:
- "a presença de" above "que existia"
- "uma" above "uma razão"
- "sem" above "e não"
- "como" above "de onde"
- "dedicava a" above "com a"
- "a natureza do" above "a natureza"
- "estabelecer a" above "provocar a"
- "no" above "na"
- "mistérios" above "mundo"
- "espiritual" above "espiritual"
- "físico" above "físico"
- "Aleph" above "Aleph"
- "energia" above "energia"
- "Ki" above "Ki"
- "paz" above "paz"
- "puniu" above "punia"
- "com a" above "com a"
- "civilização" above "civilização"
- "conhecemos" above "conhecemos"
- "agora" above "agora"
- "dom" above "dom"
- "feminino" above "feminino"
- "transferido" above "transferido"
- "homem" above "homem"
- "harmonia" above "harmonia"
- "qualidades" above "qualidades"
- "naturais" above "naturais"
- "destas" above "destas"
- "mulheres" above "mulheres"
- "era" above "era"
- "mais" above "mais"
- "levada" above "levada"
- "em" above "em"
- "conta" above "conta";
- "o" above "o"
- "que" above "que"
- "importava" above "importava"
- "era" above "era"
- "o" above "o"
- "poder" above "poder"
- "que" above "que"
- "tinham" above "tinham".

mas o temor ao líder e ao xamã estava (e continua) enraizado de maneira definitiva na alma dos seres humanos. Entendendo isso, os sacerdotes se associavam aos líderes para fazer com que o povo estivesse sempre submisso. Se desafiassem (e desafiavam muito) a punição dos governantes, eram ameaçados com a punição dos deuses. Em um dado momento, as mulheres começaram a clamar de volta o papel de xamãs, porque o mundo sem elas caminhava para apenas para o confronto. Mas sempre que isso acontecia, eram imediatamente afastadas, tratadas como herejes e prostitutas. Se a ameaça fosse realmente forte, o sistema não hesitava em puni-las com a fogueira, o apedrejamento, e em caso mais brandos, o exílio. A história da civilização não deixou vestígios de religiões femininas; sabemos apenas que os mais antigos objetos mágicos descobertos por arqueólogos representam deusas. Mas isso perdeu-se nas areias do tempo.

Diante de mim está um homem, e não uma mulher. Não questiono seu poder, porque todos os homens e mulheres do mundo tem o mesmo dom. Mas a minha falta de entusiasmo em vir até aqui foi porque conheço como a humanidade se afastou da origem, do contato com o Sonho de Deus.

Ele está acendendo o fogo em um buraco para proteger as chamas, e colocando uma espécie de tambor ao seu lado, abrindo uma garrafa com algum tipo de líquido que desconheço. O xamã na Sibéria segue os mesmos rituais do pagé nas florestas da Amazonia, os feiticeiros no México, os pai-de-santo (?) do candomblé africano, os espíritas na França, os curandeiros das tribos indígenas americanas, os aborígenes na Australia, os carismáticos na Igreja Católica, e daí por diante. Nisso reside a grande surpresa destas tradições; elas se encontram em um único plano espiritual e se manifestam em diversos lugares do mundo, mesmo que as culturas jamais tenham se comunicado no plano físico. Ali está a Mão Superior que diz: "as vezes meus filhos tem olhos e não vêem. Tem ouvidos e não ouvem. Portanto, às vezes não permitirei que estejam surdos ou cegos a mim, mesmo que isso signifique um preço alto."

O xamã começa a tocar o seu tambor de maneira ritmada, aumentando lentamente o ritmo. Fala algo para Yao, que me traduz em seguida:

- Ele não usou este termo, mas o ki virá junto com o vento.

O vento começa a voltar; mesmo que esteja completamente abrigado - anorak especial, luvas, gorro de lã espessa e cachecol que deixa apenas meus olhos de fora - sinto que não é suficiente. Meu nariz congela, e pequenos cristais de gelo se acumulam em minhas sobancelhas. Yao está em uma elegante postura, sentado sobre as pernas. Eu procuro fazer isso, mas a toda hora feroi que mudar de posição, já que as calças que estou usando são comuns, o vento penetra e elas adormecem com facilidade.

As chamas dançam selvagememente, mas mantem-se acesas. O ritmo do tambor acelera, e neste momento ele está tentando fazer com que seu coração acompanhe o ruído. Nas tradições afro-brasileiras, o homem se prepara para deixar que sua alma saia do corpo e

entre em contato com os espíritos. A única diferença é que em meu país não se procura o exato momento para o que Yao chamou de "ki" se manifeste.

120

Eu paro de ser um mero observador e resolvo participar to transe. Procuro fazer com que meu coração também acompanhe as batidas, fecho os olhos, esvazio meu pensamento, *mas o frio, sempre o frio, me impede de seguir adiante. Preciso de novo mudar de posição.* Abro os olhos e vejo que agora ele tem algumas plumas na mão que segura o tambor, possivelmente de águia. Segundo as tradições em todos os lugares do mundo, os pássaros são mensageiros do divino; invocando os pássaros, ele está pedindo ajuda para subir até o alto e conversar com os espíritos.

Yao também está apenas olhando; o êxtase é do xama, e dele apenas. O vento aumenta de intensidade, eu sinto ainda mais frio, mas o xama está impassível. O ritual continua. *ele abre uma garrafa com um líquido que me parece ser de cor verde, bebe, e entrega para Yao, Yao bebe e passa para mim. Manda o respeito que eu faça a mesma coisa; e eu provo aquela mistura açucarada, com leve teor alcoólico.*

O ritmo do tambor continua, sendo interrompido apenas por desenhos que o xama *faz* no chão. Nunca vi aqueles símbolos, me parecem um tipo de escrita que desapareceu há muito tempo. O frio *continua sem deixar concentrar-me direito*, estou um pouco arrependido de ter vindo – já sabia o que iria encontrar, porque assisti isso antes, expresso por outras culturas diferentes, mas sempre da mesma maneira. De sua garganta agora saem ruídos estranhos, que parecem ser vozes de pássaros ampliadas muitas vezes. O tambor soa cada vez mais forte e mais rápido, *o frio agora parece não me incomodar muito, e de repente para o vento.*

que essa coisa é ao lado,

Ninguém precisa me explicar nada: o que Yao chama de ki *está agora* presente. Os três se *olham*, há uma espécie de calma, e finalmente – usando a tradução de Yao – o xama me pergunta o que vim fazer *ali*. A pessoa diante de mim não é a mesma que conduziu o barco ou que pediu que Hilal não nos acompanhasse; suas feições mudaram, parece mais jovem e mais feminino.

este

- Acompanhar um amigo que prometeu voltar. Prestar *respeito à* sua arte. E poder contemplar o mistério *ao seu lado.*

homem

Sempre - O homem que está ao seu lado não acredita em nada – diz o xama, *através da voz de Yao.* – Um espírito curou sua filha, e mesmo assim ele não acredita. O vento parou, e ele não acredita.

O xama dá uma gargalhada.

- Você acredita.

- Sim. Mas o homem que está ao meu lado é bom.

O xama concorda com a cabeça.

- Voce também. Acompanhou um amigo que está junto de você há muito tempo. Muito antes que se encontrassem. Como eu também estou junto de você há muito.

Pergunto com quem estou falando.

- Com a águia do Baikal. Que olha e vigia tudo, ataca os inimigos, protege e defende os amigos.

Como para confirmar suas palavras, escutam os pássaros ao longe. Não há mais a sensação de frio, apenas de bem estar. Ele torna a nos estender a garrafa.

- A bebida fermentada está viva, vai da juventude à velhice. Quando chega à maturidade, é capaz de destruir o Espírito da Inibição, o Espírito da Falta de Relações Humanas, o Espírito do Medo, o Espírito da Ansiedade. Porém, se bebida além da conta, ela se rebela e traz o Espírito da Derrota e da Agressão. Tudo é uma questão de saber o ponto que não se deve ultrapassar.

Bebemos e celebramos.

- Neste momento sua alma está na terra, mas seu espírito está comigo aqui nas alturas, e isso é tudo que posso lhe oferecer: um passeio nos céus do Baikal. Voce não veio me pedir nada, portanto não lhe darei nada além deste passeio. Espero que ele lhe inspire a *continuar a fazer o que faz.*

"Seja abençoado. Da mesma maneira que está transformando sua vida, transforme a dos outros à sua volta. Quando te pedirem, dê. Quando baterem em sua porta, abra. Quando perderem algo e vierem até você, encontre para ele ou ela. Mas antes peça, bata e descubra *o que estava perdido. Um caçador sabe o que o espera; devorar a caça ou ser devorado por ela.*"

Eu faço um sinal afirmativo com a cabeça.

- Voce já viveu isso antes, e tornará a viver muitas vezes — continua o xama. — Um amigo de seus amigos é um amigo da águia do Baikal. Nada de especial vai acontecer esta noite; você não terá visões, experiências mágicas, transes para se comunicar com os vivos e os mortos. Voce não receberá nenhum poder especial. Apenas aguardará que a Águia do Baikal mostre o lago para o seu espírito. Voce não está vendo nada, mas seu espírito neste momento se delicia nas alturas.

Meu espírito se delicia nas alturas e eu não estou vendo nada. Não é preciso. Sei que ele está falando a verdade. Quando o espírito voltar ao corpo, estará mais sábio e mais tranquilo do que nunca.

122

O tempo para, porque eu não consigo mais conta-lo. Sei que as chamas estão se movendo, criando sombras, mas eu não estou pensando em nada. Deixo que meu espírito passeie, ele estava precisando, depois de tanto esforço, tanto trabalho ao meu lado. Não sinto mais frio. Não sinto mais nada – o meu espírito está livre, e assim permanecerá enquanto passeia no espaço. Pena que não pode me contar o que viu, mas não tem importância; não preciso saber tudo que se passa comigo.

O vento começa a soprar de novo. O xama faz uma profunda reverencia para a terra e para o céu. O fogo, que estava tão bem protegido, de repente de apaga. Olho para o céu sem lua, cheio de estrelas, e posso ver o vulto de vários pássaros voando razante em torno de nós. O homem envelheceu de novo, parece cansado, está colocando o tambor em um grande saco bordado.

Yao se aproxima dele, coloca mão no bolso esquerdo, tira um punhado de moedas e notas. Eu faço a mesma coisa

- Mendigamos pela Águia do Baikal. Aqui está o que recebemos.

Ele faz uma reverencia, agradece, e descemos sem pressa para o barco. A ilha sagrada dos xamãs tem o seu espírito próprio, está escuro, e nunca sabemos se estamos colocando o pé no lugar certo.

Quando chegamos na margem, procuramos por Hilal e as duas mulheres explicam que já voltou para o hotel.

O medo do medo

123

A calefação do quarto está ao máximo. Antes mesmo de procurar o interruptor de luz, retiro o casaco, o gorro, a ^{o casaco} echarpe. ^{Ando até à janela, olho o vilarejo} adormecido lá fora, fico ali pensando nas maravilhas que o meu espírito deve ter visto. E quando faço menção de me virar, escuto a voz.

- Não se vire.

Hilal está ali. E o tom com que disse isso me assusta. Ela está falando sério.

- Estou armada.

Não, não pode ser. A não ser que aquelas mulheres...

• Deve um pouco. (Meus pesos). Vou pagar

- Na mão direita tenho o arco, na esquerda o violino. Não se vire.

Não me viro, mas respiro fundo.

O arco toca as cordas, e arranca um ruído estridente.

As mulheres me mostraram. Sei tudo que aconteceu. Eu vi.

Ela viu. Um imenso peso ^{sei} parece sair de minhas costas. A viagem para aquele lugar, sem que Yao soubesse, era também minha viagem de volta ^{do} para o meu mundo. Eu não precisava dizer nada, ela viu.

- Você me abandonou quando eu mais precisei. Eu morri por sua causa, e voltei agora para assombra-lo.

- Você não me assombra. Você não me assusta. Fui perdoado.

- Você forçou meu perdão. Eu lhe perdoei sem saber exatamente o que estava fazendo.

Outro acorde estridente. *(coisas q aconteceu)*

- Se quiser, retire seu perdão.

- Não quero. Você está perdoado. E se precisasse perdoar setenta vezes sete, eu lhe perdoaria. Mas as imagens apareceram confusas em minha cabeça. Preciso que você me conte exatamente o que aconteceu; lembro-me apenas que estava nua, você me olhava, eu dizia a todos que te amava, e por isso era condenada à morte. Meu amor me condenou.

- Posso virar-me?

- Ainda não. Antes me conte o que aconteceu. Tudo que sei é que em uma vida passada morri por sua causa. Pode ter sido aqui, pode ter sido em qualquer lugar do mundo, mas me sacrifiquei em nome de um amor, talvez para salva-lo.

Os meus olhos já se acostumaram com a escuridão, mas o calor no quarto é insuportável.

- O que as mulheres fizeram exatamente?

- Nos sentamos na margem do lago, elas acenderam uma fogueira, tocaram um tambor, entraram em transe. Me deram algo para beber. Quando bebi, estas visões confusas começaram. *o que me contei. achei que eu me apaixonava.* Durou muito rápido. As mulheres me disseram que aconteceu em uma das minhas muitas vidas passadas. *eu me apaixonava, mas*

- Não. Aconteceu no presente, está acontecendo agora. Neste momento eu estou em um quarto de hotel, num povoado que não sei o nome, e estou também em um calabouço perto de Córdoba, na Espanha. *na Espanha* Estou com minha mulher no Brasil, com as muitas mulheres que tive, e em alguns destes mundos eu sou mulher. Toque.

Eu tiro o suéter. Ela começa a tocar uma sonata que não foi feita para violino; minha mãe tocava no piano quando eu era criança. *deusas vidas,*

- Houve uma época em que o mundo era mulher, essa energia era bela, as pessoas acreditavam nos milagres, o momento presente era tudo que tinham, e por causa disso o tempo não existia. Os gregos tem duas palavras para o tempo, e a primeira é Kairos, o tempo de Deus, a eternidade. De repente alguma coisa aconteceu. *talvez até mesmo a* necessidade de sobrevivência, de saber onde plantamos para podermos colher, e o tempo nasceu. Os gregos chamam isso de Cronos, Saturno para os romanos. Transformaram-no em um deus cuja primeira coisa que fez foi devorar seus filhos. Passamos a ser escravos da memória. Continue tocando e eu te explico melhor. *tal como vivemos o tempo*

Ela continua tocando. Eu começo a chorar, mas mesmo assim continuo:

- Neste momento eu estou em um jardim em uma vila, sentado em um banco em frente à minha casa, olhando o céu e tentando descobrir o que as pessoas querem dizer quando usam a expressão "construir castelos no ar". *que* acabei de ouvir faz uma hora. Tenho sete anos. Estou tentando construir um castelo dourado, mas é difícil concentrar-me. Meus amigos estão jantando em suas casas, *com jantando* e minha mãe está tocando esta música que você toca agora - só que no piano. Se não fosse pela necessidade de narrar o que sinto, estaria inteiramente ali. Sentindo o cheiro do verão, *escutando* ouvindo algumas cigarras cantando, pensando na menina *que* estou apaixonado. Não estou no passado, estou no presente. Eu sou agora aquele menino que fui. Eu sempre serei aquele menino, todos nós seremos as

126

- Voce me deseja?

- Muito. Estamos aqui a sós, neste lugar único no planeta, voce está nua na minha frente. Olho os seus seios pequenos, o seu sexo e o tufo de cabelos que o cobre, a sua pele branca. Eu a desejo muito.

- Tenho medo do meu medo. Estou pedindo perdão a mim mesma não por estar aqui, mas porque sempre fui egoísta em minha dor. Ao invés de perdoar, busquei a vingança. Não porque fosse mais forte, mas porque sempre me senti mais fraca. Enquanto eu feria os outros, ^{era mais ferida ainda por mim mesma.} Humilhava para me sentir humilhada, atacava para me sentir-me violentada pelos meus próprios sentimentos. Sei que não sou a única a ter passado por este tipo de coisas; quando comentei na mesa da embaixada, da maneira mais trivial possível, como meu vizinho me tinha violado, ^{disse} tenho absoluta certeza que pelo menos uma das mulhetes ali tinha sido abusada na infância. Mesmo assim, nem todas se comportam da mesma maneira que eu. Não consigo estar em paz comigo mesma.

"Não consigo superar aquilo que todo mundo supera. Voce neste momento está em busca do seu tesouro, eu sou parte dele, e mesmo assim ^{ainda me sinto uma} estrangeira na minha própria pele. Não quero neste momento atirar-me em seus braços, beija-lo e fazer amor com você, por uma única razão. Não tenho coragem, tenho medo de perde-lo. Mas enquanto você estava buscando você, eu estava também encontrando a mim mesma, até que em determinado momento, durante a viagem, parei de progredir. Foi quando me tornei mais agressiva. ^{Me sinto} rejeitada, inútil, e não existe nada que você possa me dizer que vá me fazer mudar de idéia.

Sentei-me na única cadeira do quarto, e pedi que sentasse no meu colo. O seu corpo também estava suando com o aquecimento ligado ao máximo. Ela mantinha o violino e o arco nas mãos.

- Tenho muitos medos – disse. – E continuarei tendo. Não vou tentar explicar nada. Mas existe algo que você pode fazer neste minuto.

- Não quero continuar dizendo para mim mesma que isso vai passar um dia. Não vai. Tenho que aprender a conviver com meus demônios!

- Espere. Não fiz essa viagem para salvar o mundo, muito menos para salvar voce. Mas como disse, existe uma tradição mágica que diz: é possível transferir. A dor não desaparece logo, mas vai desaparecendo à medida que você a transfere para outro lugar. Isso você tem feito inconscientemente toda a sua vida – só que agora eu sugiro que faça de maneira mais consciente.

- Voce não sente vontade de fazer amor comigo?

- Muita vontade. Neste momento, apesar do quarto estar quentíssimo, eu posso sentir um calor ainda mais forte nas minhas pernas, no lugar onde seu sexo está tocando. Não sou um super-homem. Por isso peço que transfira sua dor e meu desejo.

"Peço que se levante agora e toque. Coloque tudo na música. E amanhã faça a mesma coisa. E sempre que tocar, lembre-se que aquilo que tanto a machucou transformou-se em um dom. Ao contrário do que você diz, outras pessoas jamais superaram o trauma – apenas esconderam em um lugar que não visitam nunca. Mas no seu caso, ele fez com que a fonte do amor pudesse jorrar sem limite e sem barreiras."

- Eu te amo como Chopin. Sempre desejei ser pianista, mas o violino era tudo que meus pais podiam comprar naquela época.

- Eu te amo como o rio.

Ela levantou-se e começou a tocar. O céu escutou a música, os anjos desceram para ver junto comigo aquela mulher nua que as vezes ficava parada, mas durante quase todo o tempo balançava seu corpo acompanhando o instrumento. Eu a desejei como tudo, e fiz amor com ela sem toca-la e sem ter um orgasmo. Não porque eu fosse o homem mais fiel do mundo, mas porque essa era a maneira de nossos corpos se encontrarem – com os anjos assistindo tudo.

Pela terceira vez naquela noite – quando meu espírito voou com a Águia do Baikal, quando escutei uma canção de infância, e agora – o tempo de novo tinha parado. Estava ali por inteiro, sem passado e sem futuro, vivendo junto com ela a musica, a prece inesperada, a gratidão por ter saído em busca do meu reino. Sentei-me na cama, e ela continuou tocando. Adormeci ao som do seu violino.

Acordei com ela nua em meus braços, o rosto que finalmente parecia o de uma menina de 21 anos, dormindo, agora escutando os anjos tocarem para ela.

Despertei delicadamente, pedi que se vestisse porque Yao nos esperava para o café; precisávamos voltar logo a l., o trem partia em algumas horas.

Descemos, comemos peixe marinado (única alternativa àquela hora), escutamos o barulho do carro que vinha nos buscar. O motorista entrou, pegou nossas mochilas e colocou-as na mala.

Saimos com o sol brilhando, o céu limpo, nenhum vento; as montanhas nevadas ao longe estavam claramente visíveis. Eu parei para me despedir do lago, sabendo que possivelmente na minha vida nunca mais tornaria vir até aqui. Yao e Hilal entraram no carro, o motorista ligou o motor.

Mas eu não conseguia mover-me.

- Vamos. Temos uma hora de margem, caso haja algum acidente na estrada, mas não queremos correr nenhum risco. - insistiu Yao depois que notou que eu não saía dali.

Mas o lago me chamava.

Yao desceu e se aproximou. Ficou olhando o lago comigo.

- Talvez você esperasse mais do encontro com o xama ontem. Mas para mim foi importante.

Não, eu esperava menos. Mais tarde comentaria o que acontecera com Hilal. Agora eu olhava o lago naquela manhã, as águas refletindo o sol. Meu espírito o tinha visitado junto com a Águia do Baikal, mas eu precisava conhecê-lo melhor.

- Enfim, as vezes as coisas não são como pensamos - continuou ele. - Mas de qualquer maneira agradeço por ter vindo.

- É possível desviar-se do caminho que Deus traçou? Sim, mas é sempre um erro. É possível evitar a dor? Sim, mas jamais aprenderá alguma coisa. É possível conhecer as coisas sem verdadeiramente experimentá-las? Sim, mas elas nunca farão realmente parte de você.

E com estas palavras comecei a andar em direção ao lago que me chamava. Primeiro devagar, hesitante, sem saber se conseguiria chegar até lá. Aos poucos, notando que a minha razão me puxava para trás, comecei a aumentar a velocidade, correr, a medida que arrancava minhas roupas. Quando cheguei à sua margem eu estava só de cuecas. Houve um momento, uma fração de segundo que hesitei. Mas não foi forte o suficiente para me impedir de seguir adiante. A água gelada tocou meus pés, meus tornozelos, notei que o fundo era cheio de pedras e custava a equilibrar-me, mas mesmo assim segui adiante, até que o lugar fosse suficiente profundo para

MERGULHAR!

O meu corpo entrou em contato com a água gelada, senti que milhares de agulhas se cravaram na pele, agüentei o quanto pude, talvez alguns segundos, talvez uma eternidade, e logo voltei a tona.

Verão! Calor!

Mais tarde iria entender que todos aqueles que saem de um lugar extremamente gelado para outro com temperatura superior, experimentam a mesma coisa. Ali estava eu, sem camisa, com as águas do Baikal até os meus joelhos, alegre como uma criança porque eu tinha sido envolvido por toda aquela força, ela agora faziam parte de mim.

129

Yao e Hilal tinham me seguido, e me olhavam da margem. Incrédulos.

- Venham! Venham!

Os dois começaram a despir-se. Hilal não tinha nada por baixo, estava de novo completamente nua, mas que importância tinha isso? Algumas pessoas haviam se juntado no píer e estavam nos olhando. Mas também, quem se importava? O lago era nosso. O mundo era nosso.

Yao entrou primeiro, não notou o fundo irregular, caiu. Tornou a levantar-se, andou mais adiante e mergulhou. Hilal deve ter ~~caminhado~~ ^{corrido} entre as pedras, porque entrou correndo, foi mais longe que todos nós, deu um longo mergulho, abriu os braços para os céus e riu, riu como uma louca.

Do momento em que comecei a correr em direção ao lago, até a hora que saímos, não haviam passado mais de cinco minutos. O motorista, preocupadíssimo, chegava também correndo com algumas toalhas que tinha conseguido às pressas no hotel. Nós três saltávamos de alegria, abraçados, cantando, gritando, dizendo "está quente aqui fora!", como as crianças que nunca, nunca em nossa vida deixaríamos de ser.

A cidade

Acerto o relógio, a última vez que farei isso nesta viagem. São cinco horas da manhã do dia 30 de maio de 2006, embora em Moscou ainda estejam no dia 29 à noite.

As pessoas acordaram cedo, ou não conseguiram dormir – não por causa do balanço do trem, com o qual todos já nos acostumamos – mas porque daqui a duas horas estamos chegando a Vladivostok, a estação final. A viagem acaba, a aventura chega ao fim, e em três dias estamos todos voltando para nossas casas, onde abraçaremos nossas famílias, veremos nossos filhos, olharemos a correspondência que se acumulou, contaremos histórias sobre o trem que viajamos, as cidades que passamos, as pessoas que cruzaram nosso caminho.

Tudo para convencer a nós mesmos que aquilo aconteceu. Daqui há três dias, de volta à rotina diária, a sensação será que nunca saímos e fomos para tão longe. Claro, temos as fotos, os tickets, as lembranças que compramos pelo caminho, mas o tempo – único, absoluto, eterno, senhor de nossas vidas – estará nos dizendo: você sempre esteve aqui nesta casa, neste quarto, neste computador. Duas semanas? O que é isso em uma vida inteira? Nada mudou nesta rua, seus vizinhos continuam ^{com o mesmo aquário} falando a mesma coisa, o vendedor ^o lhe entrega um jornal que você foi comprar de manhã e as notícias são exatamente as mesmas: a Copa do Mundo, as discussões sobre um Irã com bomba atômica, os escândalos de celebridades, as constantes reclamações sobre as coisas que o governo prometeu e não foram feitas.

Não, nada mudou. Apenas nós, que viajamos em busca de nosso reino, e descobrimos terras que nunca tínhamos pisado antes, sabemos que estamos diferentes. Mas quanto mais explicamos, mais nos convencemos que essa viagem, como todas as viagens anteriores, existe apenas em nossa memória. Talvez para contar/para os netos, ou eventualmente escrever um livro a respeito, mas o que exatamente poderemos dizer?

Nada. Talvez o que aconteceu ^{fora}, mas nunca o que se transformou ^{dentro}.

Passamos estes dois dias ^{no} dentro do vagão, grande parte em torno daquela mesa que ^{foi} durante toda esta eternidade o centro de nosso universo. Comemos, contamos histórias, eu descrevi ^o mergulho no Baikal embora as pessoas estivessem mais interessadas no encontro ^{com o xama}.

Hilal ficou a maior parte do tempo em sua cabine, tocando desesperadamente o violino; as vezes sentia que conversava com os anjos, outras vezes era apenas uma repetição mecânica, um estudo para manter a prática e a técnica. Sempre que tocava e estava longe de mim, eu a desejava como mulher. Mas quando vinha para minha dormir na minha cama, durante a noite, eu sabia que nossas almas estavam conversando, e já não tinha mais necessidade de toca-la. Comecei a ter certeza que em meu passeio com a Aguia do Baikal eu não estava só; nossos espíritos tinham visto juntos as mesmas maravilhas.

E durante aquelas duas noites ela se deitou ao meu lado, eu coloquei a cabeça no seu peito e não conversávamos, como se nossas almas já se conhecessem há muito tempo, e não houvesse necessidade de palavras, apenas deste contato físico. Na primeira noite eu fiz de novo o anel dourado girar em torno de meu corpo, voltei ao passado, e vi exatamente a mesma coisa que já vira quatro vezes antes.

estilizado

A sentença é pronunciada em público, no meio da praça, como se fosse uma grande festa popular. As oito moças vestem uma roupa branca até os tornozelos, tremem de frio, mas em breve experimentarão o calor do fogo do inferno - aceso pelos homens que julgam agir em nome do Céu. *Estou misturado na multidão, envergonhado, a cabeça sempre coberta com o capuz do meu traje de dominicano.* Durante todo aquele dia chegaram curiosos das cidades vizinhas, que mesmo antes da tarde cair já lotavam a praça. Os nobres vieram em seus trajes mais coloridos, como se fosse um dia de grande festa. Estão sentados na primeira fila em suas cadeiras especiais, as mulheres tiveram tempo de fazer o cabelo e colocar maquiagem. Nos olhares de todos há mais que curiosidade; um sentimento de vingança parece ser a emoção comum a todos. Vingança não pela alegria de ver os culpados sendo punidos, mas porque elas são belas, jovens, sensuais, e filhas de gente muito rica. Elas merecem serem castigadas por tudo que grande parte das pessoas ali já deixou de ser, ou nunca conseguiu chegar lá. *Vinguemo-nos então da beleza. Vinguemo-nos da alegria, da juventude, dos risos e da esperança.* Em um mundo como esse, não há lugar para sentimentos que insistem em provar que todos nós somos miseráveis, frustrados, impotentes.

O Inquisidor celebra uma missa em latim. Em um dado momento, durante o sermão onde admoesta as pessoas para as terríveis penas que aguardam os culpados de heresia, escutam-se gritos. São os pais das meninas, até então mantidos fora da praça, mas que conseguiram furar a barreira e entrar. O Inquisidor interrompe o sermão, a multidão vaia, os guardas se aproximam e conseguem arranca-los dali.

Chega uma carroça puxada por bois. As moças tem suas mãos amarradas e são colocadas ali. Os guardas fazem um cinto de segurança em torno, a multidão abre

espaço, e os bois com sua carga macabra são dirigidos em direção à fogueira que será acesa em uma campina próxima dali.

As moças tem a cabeça baixa, e os guardas tem muita dificuldade se controlar a multidão que ri, insulta, atira coisas. Vejo que a carroça vai passar perto de onde estou, e tento sair dali mas é tarde, a massa compacta de homens, mulheres e crianças atrás de mim já não me deixa mover-me. *Comp*

Elas se aproximam, as vestes brancas agora sujas de ovos, cerveja, vinho, pedaços de casca de batata. Oxalá tenham piedade, e no momento de acenderem a fogueira, *peçam de novo perdão pelos seus pecados – pecados que todos nós ali sabemos que não cometeram*, estão pagando por uma denúncia de um homem que quis atingir outro. Se pedirem perdão, serão estranguladas antes, e apenas seus cadáveres queimados. Se insistirem na inocência, serão queimadas vivas.

A carroça agora está diante de mim. Abaixo a cabeça mas uma delas me vê. Todas se viram, e eu me preparo para ser agredido porque mereço, sou o mais culpado de todos – aquele que lavou as mãos de medo em um momento em que uma simples palavra podia mudar tudo.

Elas me chamam. As pessoas em volta me olham, surpresas – eu conhecia aquelas bruxas? Se não fosse meu hábito de dominicano, possivelmente eu agora estaria sendo espancado. Ah, pensam os que estão ao meu redor, ele deve ter sido um dos que as condenou. Alguem me dá um tapa de congratulações nas costas, uma mulher me diz “parabéns pela sua fé”.

Elas continuam me chamando. E eu, que já cansei de ser covarde, resolvo levantar a cabeça e olha-las.

Nesse momento, tudo é congelado e não consigo ver mais.

Assim foi com as outras quatro que encontrei antes. Assim foi na noite que partimos de I., quando estava ao lado de Hilal, os dois abraçados, ela sabendo que eu estava voltando para o lugar onde parei, eu pensando que em breve não estaríamos mais ali, assim como estávamos – e talvez isso nunca mais se repetisse neste fratura das muitas vidas que estou vivendo agora.

Pensei em leva-la até o Aleph, tão próximo de nós, mas era isso mesmo o sentido da minha viagem? Manipular uma pessoa que me ama apenas para ter uma resposta de algo que me atormenta me faria realmente voltar a ser o rei do meu reino? Se eu não conseguisse agora, conseguiria mais adiante – outras três mulheres com toda certeza esperavam em meu caminho, se eu ousasse caminha-lo até o final. Eu não partiria desta encarnação sem saber a resposta.

132-4
passar
antes
da
da
do
do

Meus editores tiveram uma idéia genial; avisar às cidades seguintes, onde haviam paradas, a que horas o trem chegaria. Fosse dia ou fosse noite eu descia do vagão, as pessoas me esperavam na plataforma, me davam os livros para assinar, me agradeciam e eu agradecia de volta. As vezes ficávamos por cinco minutos, as vezes por vinte. Elas me abençoavam, e eu aceitava as bênçãos, todas que me foram dadas, das velhas senhoras aos rapazes que saiam de seu trabalho ou estavam voltando para casa.

Na tarde anterior resolvera percorrer o trem inteiro. Sempre tinha pensado nisso, mas deixava para mais adiante, outro dia, já que tínhamos uma longa viagem adiante. Até que me dei conta que em algumas horas estaríamos chegando. Pedi a Yao que me acompanhasse.

Abrimos e fechamos uma infinidade de portas, impossível contar quantas foram. E na verdade eu não estava em um trem, mas em uma cidade, em todo um universo. Senti que deveria ter feito isso antes – a viagem teria sido mais rica, eu poderia descobrir pessoas interessantíssimas, *escutar histórias que talvez pudesse transformar em livros mais adiante.*

E durante a tarde inteira, percorri aquela cidade sobre os trilhos. Caminho por esta cidade grande como já caminhei por outras tantas neste mundo, e assisto as mesmas cenas: *o homem que fala ao celular, o rapaz que corre para pegar algo que esqueceu no vagão-restaurant, a mãe com o bebê no colo, dois jovens que se beijam sem prestar atenção à paisagem desfila do lado de fora, no estreito corredor que leva às cabinas, rádios em alto volume, sinais que não consigo decifrar, pessoas que oferecem coisas ou pedem algo, um homem de dente de ouro que ri junto com seus companheiros, uma mulher com lenço no cabelo que chora olhando o vazio.guardo junto com um grupo de pessoas para atravessar a estreita porta que leva ao próximo vagão, olho com curiosidade os homens pensativos, bem-vestido, que parecem carregar o mundo em suas costas.*

Caminho pela cidade que se estende como um grande rio de aço que não para de correr, onde não falo a língua local, mas que diferença isso faz? Escuto todo tipo de idioma e som, e também *como acontece nas grandes cidades a maioria das pessoas não conversa com ninguém – estão todos imersos em seus problemas e sonhos, obrigados a conviver outros três estranhos na mesma cabine, que jamais tornarão a encontrar e que tem seus próprios problemas e sonhos para se ocuparem. Por mais miseráveis ou solitários que estejam, por mais que precisem dividir a alegria de uma conquista ou a tristeza que sufoca, melhor e mais seguro ficar em silêncio.*

Resolvo abordar alguém – uma mulher que deve ter a minha idade. Pergunto por onde estamos passando, Yao se começa a traduzir o que digo, mas peço que não me

ajude, preciso imaginar o que seria fazer esta viagem sozinho, se seria capaz de chegar ao final. A mulher faz um sinal com a cabeça, não entendeu o que disse, o ruído das rodas sobre os trilhos é grande. *Eu repito a pergunta, agora ela escutou minhas palavras e não entendeu. Acha que sou louco e segue adiante.*

Tento uma segunda, uma terceira pessoa. Mudo a pergunta, quero saber por que estão viajando o que fazem naquele trem. Ninguém entende o que quero, e eu me alegro com isso, *porque minha pergunta é ridícula, todos sabem o que estão fazendo, onde estão indo – inclusive eu, embora não talvez não tenha chegado até onde queria. Alguem que se esgueira entre nós pelo estreito corredor entende o inglês, para e me pergunta:*

- Posso ajuda-lo? O senhor está perdido?

Não, não estou perdido. Onde estamos passando? Estamos na fronteira da China, em breve viraremos à esquerda e desceremos para Vladivostok. Eu agradeço e continuo adiante – consegui estabelecer um diálogo, poderia viajar sozinho, jamais estaria perdido quando existe tanta gente para me ajudar.

Caminho pela cidade que parece não terminar nunca, e volto ao ponto de onde parti, carregando comigo os risos, os olhares, os beijos, as músicas, as palavras em tantas línguas diferentes, a floresta que passa do lado de fora e que seguramente jamais tornarei a ver na minha vida, portanto ela permanecerá sempre comigo, na minha retina e no meu coração.

Volto à mesa que tem sido o centro do nosso universo, escrevo umas linhas e coloco no lugar onde Yao põe seus pensamentos diários.

Olho aquilo que escrevi ontem, enquanto passeava pelo trem.

"E não sou um estrangeiro porque só porque cheguei de longe,

Porque nasci do outro lado do oceano, e precisei atravessa-lo para chegar até aqui.

Não sou um estrangeiro porque não fiquei rezando para voltar em segurança, imaginando como estaria a minha casa, a minha mesa, o meu lado da cama. Não sou um estrangeiro porque estamos todos viajando, temos as mesmas perguntas, o mesmo cansaço, os mesmos medos, o mesmo egoísmo e a mesma generosidade.

"Não sou um estrangeiro porque quando precisei, recebi. Quando bati, a porta se abriu. Quando procurei, encontrei o que achava."

135

Não estou convencido da última frase, mas não tem importância. Já é dia, a cidade grande aparece nas janelas laterais, as pessoas se levantam sem nenhum entusiasmo ou felicidade por que estamos chegando. Talvez a nossa viagem esteja realmente começando aqui.

Em breve aquele vagão irá voltar ao seu ponto de partida. Aquele papel desaparecerá assim que a faxineira entrar para limpá-lo. Mas eu não me esquecerei nunca do que escrevi: *porque não sou e nunca serei um estrangeiro.*

A velocidade vai diminuindo, a cidade de aço começa a parar lentamente, desta vez de maneira definitiva. Viro-me para Hilal

- Desça ao meu lado.

Ela desce ao meu lado. As pessoas esperam do lado de fora. Uma moça de olhos grandes, empunha um grande cartaz com a bandeira do Brasil e palavras escritas em português. Os jornalistas se aproximam, eu agradeço a todos os russos pelo carinho a cada momento em que cruzava o gigantesco continente asiático. Recebo flores, os fotógrafos pedem para que eu pose para algumas fotos, e me levam até uma grande coluna em bronze, encimada por uma águia de duas cabeças, que tem gravado em sua base:

9.288.

Não é necessário acrescentar "quilômetros". Todos que chegaram até aqui sabem o que aquele número quer dizer.

O telefonema

O barco navega calmamente pelo Oceano Pacífico enquanto o sol começa a se por em nossas costas. A tristeza que pensei ver em meus companheiros de trem começa a desaparecer, sendo substituída por uma euforia descontrolada. Todos nos comportamos como se fosse a primeira vez que víssemos o Oceano, ninguém quer pensar que em breve estaremos todos dizendo "adeus", prometendo que voltaremos a nos ver muito breve, convencidos de que essa promessa é apenas para fazer a partida mais fácil.

Talvez não nos vejamos nunca mais. E a única pessoa que tem os olhos no horizonte é Hilal. Deve estar pensando em como resolver este problema; não, ainda não chegou o final da sua viagem. Mesmo assim, ela não deixa transparecer o que sente, e quando as pessoas puxam conversa, responde de maneira educada e gentil. Coisa que ela nunca foi durante o tempo em que convivemos juntos.

Yao procura estar ao seu lado; já tentou duas ou três vezes, mas ela sempre termina se afastando depois de trocar duas ou três frases. Ele desiste, e vem até onde estou

- O que posso fazer?
- Respeitar seu silêncio, penso.
- Também penso a mesma coisa. Mas você sabe...
- Sim, eu sei.

Agora que estou no lugar mais distante, minha mulher está ao meu lado. Naquela tarde encontrei meus leitores, fizemos a festa de sempre, visitei o prefeito, segurei pela primeira vez na minha vida uma Kalashnikov de verdade que ele mantinha em seu escritório, e vi um jornal em cima da sua mesa. Mesmo que não entendesse russo, as fotos falavam por si: jogadores de futebol.

A Copa do Mundo! Ela me espera em Munich, nos encontraremos em breve, eu direi o quanto senti saudades, contarei em detalhes tudo que aconteceu comigo e Hilal, ela responderá: "Já escutei esta história quatro vezes" e iremos beber em alguma cervejaria alemã. Toda aquela viagem não foi para encontrar a frase que estava faltando na minha vida, mas para voltar a ser o rei de meu mundo. E ele está aqui, agora, de novo estou conectado comigo e com o mágico à minha volta.

Sim, eu tinha tudo isso onde estava, mas precisava partir para poder voltar mais consciente que nunca – da mesma maneira que o pastor Santiago em um dos meus livros. *O mágico, o extraordinário está convivendo o tempo todo comigo e com todos os seres da face da terra, mas de vez em quando nos esquecemos o que a vida nos ensinou, e é preciso lembrar, mesmo que seja necessário cruzar o maior continente da terra de uma ponta à outra. Voltamos carregados de tesouros, que eventualmente podem tornar a serem enterrados, e de novo tornaremos a busca-los, e de novo os encontraremos, desde que jamais esqueçamos que tesouros e milagres existem. (elaborar um pouco mais, voltando ao início e ao que pedi ao meu mestre.*

- Vamos celebrar. Há champagne no barco?

Não há champagne no barco, e Hilal me olha com raiva. Celebrar o que? O fato de que agora ficarei aqui sozinha, pegarei de volta este trem e durante dias e noites intermináveis de viagem estarei pensando em tudo que vivemos juntos?

Não, eu respondo também em pensamento. Celebrar que você teve coragem. Que partiu em busca de aventura, encontrou-a, e depois de passar por um pequeno período de tristeza, *alguém acenderá um fogo em uma montanha próxima. Você notará a luz, irá até lá, e ali está o homem que buscou sua vida inteira. Você é jovem, notei durante a noite passada que já não era mais suas mãos que tocavam o violino, mas as mãos de Deus. Deixe que Deus use suas mãos. Você será feliz, mesmo que neste momento sinta-se desesperada.*

Claro, que jamais ousarei dizer isso agora. É possível que até me agrida fisicamente, porque acha que eu não entendo o que está sentindo, que as coisas não são como eu egoisticamente quero, que ela se deu completamente e o que recebe em troca é o abandono.

Mas eu sei que estou certo. Eu tenho 57 anos, e ela tem 21.

Voltamos ao lugar onde estamos hospedados. Desta vez não é um hotel, mas uma gigantesca casa que foi construída em 1974 para o encontro sobre desarmamento entre o então Secretário Geral do Partido Comunista Russo, Leonid Brezhnev, e o presidente americano Gerald Ford. Toda em mármore branco, com um imenso hall no centro, e uma série de quartos que no passado deveriam ter servido as delegações de políticos, e hoje são usados por alguns convidados.

Nossa intenção é tomar banho, trocar de roupa, e sair imediatamente para jantar na cidade, longe daquele ambiente frio. Mas parado exatamente no centro do hall está um homem. O meu editores se aproximam. Yao e eu aguardamos à uma distância prudente.

O homem pega o celular e digita um número. Meu editor fala de maneira respeitosa, seus olhos parecem brilhar de alegria. Minha editora sorri. A voz ecoa pelas paredes de mármore.

138

- Está entendendo?

- Sim, estou entendendo – responde Yao. – Mas você vai saber no próximo minuto.

Meu editor desliga o telefone e vem até mim com um sorriso de alegria.

- Voltamos para Moscou amanhã – diz. – Precisamos estar lá as cinco horas da tarde.

- Mas não vamos ficar mais dois dias? Além do mais, são nove horas de vôo – como poderemos estar lá as cinco horas da tarde?

- São sete horas de diferença horária. Se sairmos ao meio-dia, chegamos às duas horas. Tempo de sobra. Precisamos cancelar o jantar desta noite porque preciso tomar todas as providências.

- Mas por que tanta urgência? Meu avião para a Alemanha parte...

Ele me interrompe no meio da frase.

- O Presidente Vladimir Putin leu tudo sobre sua viagem. E gostaria de encontra-lo pessoalmente.

- É eu?

O editor vira-se para Hilal.

- Voce veio porque quis. E voltará como e quando quiser; não temos nada com isso.

O homem que tinha o telefone celular já desapareceu de vista. Meus editores saíram, e Yao foi atrás deles. Estamos apenas nós dois ali no centro do gigantesco e opressivo *saguão branco*.

Os dois estão em estado de choque. Não imaginava que Putin sabia de minha viagem. E Hilal não acreditava em um desfecho tão abrupto, tão de repente, sem que tivesse mais uma oportunidade de me falar de amor, explicar como tudo aquilo era importante nas nossas vidas, e *como deveríamos seguir adiante, mesmo que eu fosse casado*. Pelo menos é o que imagino que está passando em sua cabeça.

- VOCÊ NÃO PODE FAZER ISSO COMIGO! VOCÊ NÃO PODE ME DEIXAR AQUI! SE VOCE JÁ ME MATOU UMA VEZ PORQUE NÃO TEVE CORAGEM DE DIZER NÃO, IRÁ ME MATAR DE NOVO!

Ela corre para seu quarto e eu temo o pior. Sei que está falando sério, tudo é possível naquele momento. Quero telefonar para meu editor, pedir que compre uma passagem para ela ou estaremos diante de uma tragédia, não haverá mais encontro com Putin, nada – *a grande aventura termina em suicídio e morte*. Corro também para o seu quarto, no segundo andar da casa, mas ela já abriu as janelas.

- Pare! Você não vai morrer saltando desta altura – tudo que conseguirá é ficar aleijada para o resto da vida!

Ela não está me escutando. Preciso ser mais calmo, controlar a situação. É minha vez de mostrar a mesma autoridade que ela teve no Baikal, quando pediu que eu não me virasse para vê-la nua. Milhares de coisas me passam pela cabeça naquele instante. E eu apelo para a mais fácil. Qualquer coisa para adiar o que ela está prestes a fazer.

- Eu te amo. ~~digos~~ Eu jamais deixarei você sozinha aqui.

Ela sabe que não é verdade, mas palavras de amor tem um efeito instantâneo.

- Voce me ama como um rio. Mas eu te amo como uma mulher.

palavras *É a voz que morre. Eu sou a voz, a voz das*
que morrem. *estava (comp)*
- Eu te amo como uma mulher. Como já te amei antes e continuarei te

amando enquanto o mundo existir. Já expliquei mais de uma vez; o tempo não passa. Quer que eu repita tudo de novo?

Ela se vira.

comp. entre o mundo e a morte

- É mentira. O tempo passa enquanto estivermos vivos. Ele só para quando encontramos a morte. Sou uma musicista, lido com o tempo nas minhas notas musicais. Se ele não existisse, não haveria música.

Está falando coisas coerentes. Eu a amo. Não como uma mulher, mas eu a amo. Continuemos com a mesma lógica

- A musica não é uma sucessão de notas atrás das outras. É a constante passagem de um uma nota entre o som e o silencio. Você sabe disso.

- O que você sabe de música? Mesmo que fosse isso, *assim* que importância tem agora? Se você é prisioneiro do seu passado, saiba que eu também sou! Se te amei em uma vida, continuarei te amando para sempre!

"Não tenho mais coração, nem corpo, nem alma, nada! Tenho apenas amor. Voce acha que existo, mas é uma ilusão de seus olhos - o que está vendo é Amor, eu seu estado puro, querendo ~~explodir~~ *manifestar-se*, mas não existe nem tempo nem espaço onde ele possa se manifestar."

Se afastou da janela

Ela ~~agora~~ anda de um lado para o outro do quarto, ~~mas pelo menos se afastou~~ da janela. Começo a achar que não tinha a menor intenção de atirar-se. Além dos seus passos no chão de madeira, tudo que escuto é o infernal tic-tac de um relógio, como se tudo que eu tivesse aprendido fosse errado. Não era.

coisa gostava que estivesse aqui b/ apitar-me!
- Volte para a sua mulher! Volte para aquela que sempre esteve ao teu lado. *(fa- quejas de/ta)*

nos momentos fáceis e difíceis! Ela é generosa, meiga, tolerante, e eu sou tudo aquilo que você detesta! Complicada, agressiva, capaz de tudo!

- Não fale assim de minha mulher..

De novo estou perdendo o controle da situação.

- Falo o que eu quiser! Voce nunca teve controle sobre mim, e nunca terá!

Calma. Pense. Mas nao estou conseguindo pensar direito. Continue falando e ela se acalmará. *Has um su. exatamente o que deji.*

- Alegre-se porque ninguém tem controle sobre você. Celebre o fato que teve coragem, arriscou sua carreira, partiu em busca de aventura, encontrou-a. Vai passar por um pequeno período de tristeza, e logo alguém acenderá um fogo em uma montanha

próxima. Você notará a luz, irá até lá, e ali está o homem que buscou sua vida inteira. Você é jovem, notei durante a noite passada que já não era mais suas mãos que tocavam o violino, mas as mãos de Deus. Deixe que Deus use suas mãos. Você será feliz, mesmo que neste momento sinta-se desesperada.

Essa era a última coisa que eu queria dizer naquele momento. Tarde demais.

Tarde demais. Falei as frases erradas — as frases que havia pensado no barco, e que podiam ser resumidas em uma só: "cresça menina". De todas as mulheres que conheci, nenhuma delas aceitaria aquela desculpa idiota.

Hilal pega um pesado abajour de metal, arranca-o da tomada, e parte em minha direção. Eu consigo agarrá-lo antes que ele me atinga a face, mas ela agora me espanca com toda força e fúria. Jogo o abajour a uma distância segura e tento segurar seus braços, mas não consigo. Um soco atinge meu nariz, o sangue espirra por todos os lados.

Eu e ela estamos coberto de meu sangue.

A alma da Turquia irá olhar seu marido com muito amor. Mas irá derramará o seu sangue antes de revelar o que busca.

De novo a sensação de uma alma que explode na tua face
- Venha!

O meu tom havia mudado por completo. Ela parou de bater. Eu a ^{agarro}pego pelo braço e começo a arrasta-la para fora.

- Venha comigo!

Não dá tempo de explicar nada agora. Desço as escadas correndo, com Hilal agora mais assustada que furiosa. Meu coração está disparado. Saimos do prédio; o carro que iria me levar para jantar está ~~ali~~ esperando.

- Para a estação de trem!

O motorista me olha sem compreender nada. Eu abro a porta, empurro Hilal ^{-a} para dentro, entro em seguida.

- Diga para ele ir imediatamente para a estação de trem!

Ela repete a frase em russo, o motorista dá a partida.

- Diga que não respeite nenhum limite de velocidade. Depois eu dou um jeito. Precisamos ir para lá agora!

Jesus vive aqui

portas, e mais portas. Vou para todas as minhas vidas que vivi, viverei, e estou vivendo. Sou um homem em um trem com uma mulher, um escritor que viveu na França no final do século XIX, sou os muitos que fui e serei. Passamos pela porta que eu quero entrar, eu estou agarrado em sua mão que solta-se agora de mim, é uma multidão que está ao meu lado, gritando, insultando, cheirando a cerveja e vinho. *agora*

As vozes femininas me chamam. Eu estou envergonhado, não quero olha-las nos olhos, mas elas insistem. As pessoas ao meu lado me cumprimentam: então eu era o responsável por aquilo! *Salvar a cidade da heresia e do pecado!* As vozes continuam chamando meu nome.

E eu já fui covarde bastante para aquele dia e para o resto da minha vida. Lentamente levanto a cabeça. A carroça com os bois está quae terminando de passar, mais um segundo e eu não escutaria nada. Mas eu as estou olhando. *Depois de todas as humilhações que passaram, parecem serenas, como se tivessem amadurecido, crescido, casado, tido filhos e se encaminhassem com naturalidade para a morte, destino de todos os seres humanos. Lutaram enquanto podiam, mas em algum momento entenderam que esse era o seu destino, já estava escrito antes de nascerem; o sofrimento é capaz de revelar coisas que só outra coisa nesse mundo consegue: o amor. Só duas coisas*

E é isso que vejo em seus olhos: amor. Brincamos juntos, sonhamos com nobres e princesas, traçamos planos para o futuro como fazem todas as crianças. A vida se encarrou de separar-nos. Eu escolhi servir a Deus, elas continuaram um caminho diferente.

(9) Tenho ~~dezoito~~ anos. Sou um pouco mais velho que elas, que agora estão me olhando, agradecidas porque eu levantei a cabeça. Mas na verdade minha alma carrega um peso muito maior, das contradições e das culpas, de jamais ter coragem de dizer "não" em nome de uma obediência absurda, que eu quero acreditar ser verdadeira e lógica.

Elas me olham, e aquele segundo demora uma eternidade. Uma delas torna a chamar meu nome. Eu murmuro com os lábios, de modo que só elas entendam:

- Perdão.

- Não precisa – uma me responde. – Há de chegar o momento em que toda a sua vida será dedicada a falar de nós. Sua voz será alta, muitos escutarão. O amor vencerá o ódio. Seremos de novo compreendidas. Essa é a benção que colocamos agora sobre sua cabeça.

Empurro Hilal para o lado. Estamos de novo no trem.

- Não vi direito – diz ela. – Parecia uma grande multidão gritando, e um homem de capuz estava ali. Acho que era você, não tenho certeza.

- Não se preocupe.

- Não vai me deixar aqui sozinha nesta cidade, não é verdade?

Eu a abraço.

- De jeito nenhum. Como disse antes: não se preocupe.

Moscou

145

Voltamos no mesmo avião, mas antes dou telefonema para alguém que estará me esperando ali. Quando o avião pousa, eu saio por uma porta e ela sai por outra. Sou um pouco duro dizendo que não tenho tempo para esperar, que resolvemos nossos problemas já em Vladivostok.

Saio e me encontro com meu amigo, que já organizou tudo. Esperamos Hilal sair pela porta normal. Repito o que fiz no início. Nos dizemos adeus no aeroporto, mas de uma maneira muito linda. Eu me lembro da história no início, me levanto, peço aos passageiros que me ajudem com rosas.

Adeus

Adeus não. Não tenho o menor plano de desaparecer de sua vida.

EPILOGO

O epílogo é em Genebra. Tudo que ocorreu em Genebra em 2009.

A oração de agradecimento. Hilal que continua ao meu lado, esta nas comunidades sociais. Nos encontramos uma vez em maio do ano seguinte.

Para minha surpresa, Hilal terminou largando o violino como se tivesse tocado todas as músicas que os anjos gostariam de escutar. Em novembro de 2009, alguém acendeu

O QUE FALTA NO ESBOÇO DESTE LIVRO

INTENSIDADE DE MINHA RELAÇÃO COM HILAL

IR ALEM DESTA HISTORIA DE MEDITAÇÃO

ENFATIZAR QUE SEMPRE ESQUECEMOS O QUE APRENDEMOS, E TEMOS A SENSACAO DE QUE NÃO APRENDEMOS NADA.

A DESORIENTAÇÃO DA VIDA.

PERDA DA AUTO-ESTIMA

RENUNCIA EM NOME DO AMOR (COLOCAR ALGUÉM NO TREM DIZENDO ISSO)

A BRIGA FINAL É O CONFRONTO DO MITO DO HEROI.

INSISTIR MUITO NO REI DO SEU REINO

146

Stress

Falta de fé

Perda da auto-estima

Sucesso a qualquer custo

Beleza exterior

Incapacidade de escolher

Renuncia em nome do amor

Conformismo

Nunca participar de uma conversa

Amizade

ISSUES TO BE

Amargura